

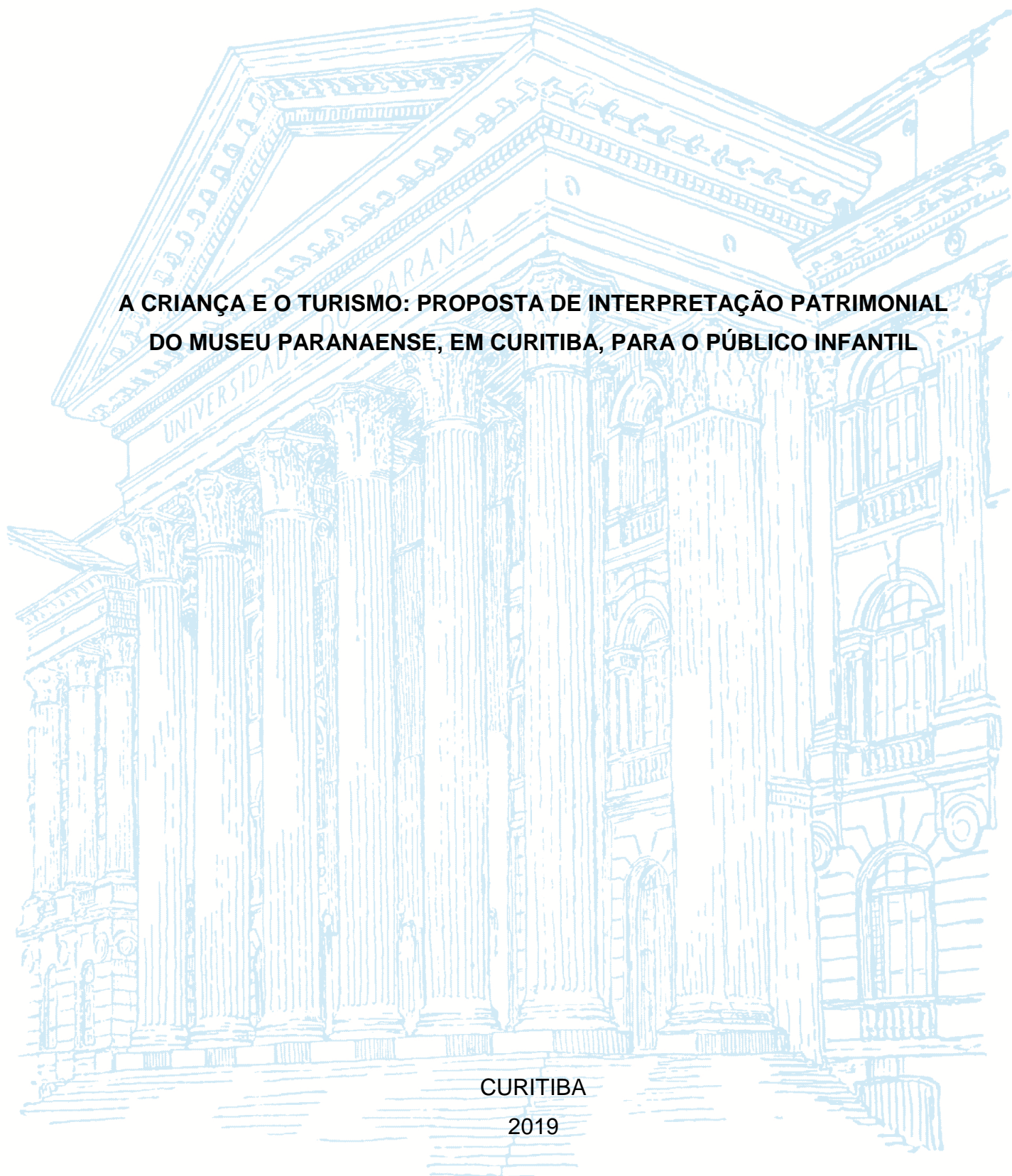
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MELVIN DOUGLAS SOUZA SIQUEIRA

**A CRIANÇA E O TURISMO: PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL
DO MUSEU PARANAENSE, EM CURITIBA, PARA O PÚBLICO INFANTIL**

CURITIBA

2019



MELVIN DOUGLAS SOUZA SIQUEIRA

**A CRIANÇA E O TURISMO: PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL
DO MUSEU PARANAENSE, EM CURITIBA, PARA O PÚBLICO INFANTIL**

Projeto apresentado à disciplina de Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo II, ao curso de Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Silvana do Rocio de Souza

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, em especial aos meus pais, Gilsemara e Neri, ao meu irmão, Kelvin, e à minha avó, Sieni, pelo incentivo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos e colegas de classe, por me aturarem nestes quatro anos dentro de sala e nas visitas técnicas.

Aos funcionários do Museu Paranaense, sobretudo à Neuza Cassanelli, por toda a disposição e auxílio em minha pesquisa.

À minha professora orientadora, Silvana do Rocio de Souza, que acreditou no meu projeto e contribuiu, ao longo do ano, para que se convertesse em algo maravilhoso.

À todos os outros professores do Departamento de Turismo da UFPR, inclusive ao excelentíssimo Miguel Bahl (*in memoriam*), por todo o conhecimento me passado.

E por último, porém o mais importante, à Deus, que tem cuidado de mim até aqui e não me desamparou.

“Quando vejo uma criança, ela inspira-me
dois sentimentos: ternura, pelo que é, e
respeito pelo que pode vir a ser.”
(Louis Pasteur)

“De todos os presentes da natureza para a
raça humana, o que é mais doce para o
homem do que as crianças?”
(Ernest Hemingway)

RESUMO

Este estudo compreende uma contextualização do turismo cultural e do turismo pedagógico, com destaque ao patrimônio museológico e com ênfase ao Museu Paranaense, na Cidade de Curitiba, pela sua importância histórica e cultural para o Estado do Paraná. Com a hipótese levantada de que a interação das crianças neste museu é insatisfatória, procurou-se perceber se as mídias interpretativas causam diferença na motivação do público infantil nos museus e quais seriam as mídias adequadas para esse público no Museu Paranaense. A partir disto, indica-se como projeto a elaboração de um Plano Interpretativo do Museu Paranaense para o público infantil, de modo a atender as necessidades cognitivas das crianças. Utilizou-se, como metodologia, uma pesquisa bibliográfica e documental fundamentada no fichamento de leituras para a coleta de dados, assim como uma pesquisa de campo, onde empregaram-se formulários, roteiros de observação e uma entrevista semi-estruturada em três museus no Brasil, com suporte ao método comparativo. A partir dos resultados, verificou-se que o Museu Paranaense necessita investir na interatividade infantil para atender melhor às crianças, já que os visitantes entrevistados reconhecem a importância atribuída ao museu, porém não constata o seu fator lúdico. Estes dados permitiram a concepção do plano interpretativo, que auxiliará aos turistas e moradores locais.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Turismo cultural; Turismo pedagógico; Museus; Crianças.

ABSTRACT

This study comprises a contextualization of cultural tourism and pedagogical tourism, with attention on museum heritage and with emphasis on the Paranaense Museum, in the city of Curitiba, for its historical and cultural importance for the State of Paraná. With the hypothesis that the interaction of children in this museum is unsatisfactory, it's possible perceive if interpretive media make a difference in the motivation of children in museums and which would be the appropriate media for this public in the Paranaense Museum. From this, it is indicated as a project to elaborate an Interpretive Plan of the Paranaense Museum for children's public, in order to meet the cognitive needs of children. Was used, as a methodology, a bibliographic and documentary research based on the record of readings for data collection, as well as a field research, which used forms, observation scripts and a semi-structured interview in three museums in Brazil, with support to the method comparative. From the results, it was found that the Paranaense Museum requires investing in child interactivity to receive better children, as the interviewed visitors recognize an importance attributed to the museum, but do not find its playful factor. These data allow the elaboration of the interpretive plan, which will help tourists and local residents.

Keywords: Cultural heritage; Cultural tourism; Pedagogical tourism; Museums; Children.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – OURO PRETO.....	28
FIGURA 2 – TURISMO PARA O PÚBLICO INFANTIL	38
FIGURA 3 – DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA.....	46
FIGURA 4 – OS JOGOS SEGUNDO PIAGET	49
FIGURA 5 - EXPLORATORIUM.....	57
FIGURA 6 – NATIONAL MUSEUM OF MATHEMATICS	58
FIGURA 7 – DEUTSCHE DEMOKRATISCHE REPUBLIK	58
FIGURA 8 – LISBOA STORY CENTRE.....	59
FIGURA 9 - MIRAIKAN	59
FIGURA 10 – MUSEO DEL CARIBE	60
FIGURA 11 – MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	61
FIGURA 12 – CATAVENTO CULTURAL	61
FIGURA 13 – MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA PUCRS.....	62
FIGURA 14 – MUSEU DAS MINAS E DO METAL.....	62
FIGURA 15 – MUSEU DO AMANHÃ	63
FIGURA 16 – V&A MUSEUM OF CHILDHOOD	64
FIGURA 17 – MUSEU PARANAENSE	66
FIGURA 18 – LOCALIZAÇÃO DOS MUSEUS NO MAPA DO BRASIL	68
FIGURA 19 – RAMPAS ACESSÍVEIS (M1, M2 E M3).....	71
FIGURA 20 – MATERIAIS UTILIZADOS E ORGANIZAÇÃO DO ACERVO (M1, M2 E M3).....	72
FIGURA 21 – ÁREAS DE CIRCULAÇÃO DE VISITANTES (M1, M2 E M3).....	73
FIGURA 22 - TELA DE PROJEÇÃO	92
FIGURA 23 – EXEMPLOS DE PERSONAGENS.....	93
FIGURA 24 – TELA INTERATIVA (ERA PALEOLÍTICA)	93
FIGURA 25 – TELA INTERATIVA (INDÍGENAS).....	94
FIGURA 26 – TELA INTERATIVA (DESAFIO).....	95
FIGURA 27 – TELA INTERATIVA (JOGO)	95
FIGURA 28 – TELA INTERATIVA (ELO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO).....	96
FIGURA 29 – MURAL DOS PEQUENOS ARTISTAS.....	97

FIGURA 30 – LOGOMARCA.....	98
FIGURA 31 – SITE DO MUSEU COM LINK	99
FIGURA 32 – SITE DO MUSEU PARA O PROJETO	99

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ESCOLARIDADE DOS VISITANTES DOS MUSEUS	76
GRÁFICO 2 – ATIVIDADE REMUNERADA DOS VISITANTES DOS MUSEUS	77
GRÁFICO 3 – PRIMEIRA VISITA AO MUSEU?	78
GRÁFICO 4 – COMO SE DEU O CONHECIMENTO DOS MUSEUS	79
GRÁFICO 5 – PRINCIPAIS MOTIVOS DAS VISITAS AOS MUSEUS	79

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – FICHAMENTO DE LEITURA	18
QUADRO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	21
QUADRO 3 – SÍNTESE DAS DEFINIÇÕES ACERCA DOS TERMOS RELACIONADOS AO TURISMO PEDAGÓGICO.....	41
QUADRO 4 – SETORES DO MUSEU PARANAENSE	67
QUADRO 5 – ORIGEM DOS VISITANTES DOS MUSEUS.....	75
QUADRO 6 – SÍNTESE DAS OBSERVAÇÕES NOS MUSEUS.....	86
QUADRO 7 – AS ENTIDADES E A DISTRIBUIÇÃO DE RECURSOS	89
QUADRO 8 – CRONOGRAMA DA EXECUÇÃO DO PROJETO	101
QUADRO 9 – RECURSOS HUMANOS	103
QUADRO 10 – RECURSOS FINANCEIROS	104

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
DDR	- <i>Deutsche Demokratische Republik</i>
IBRAM	- Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	- Conselho Internacional de Museus
IEPHA	- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MDH	- Ministério dos Direitos Humanos
MLP	- Museu da Língua Portuguesa
MOMATCH	- <i>National Museum of Mathematics</i>
OMT	- Organização Mundial do Turismo
ONU	- Organização das Nações Unidas
PNSM	- Plano Nacional Setorial de Museus
PUCRS	- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SALIC	- Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura
SAMP	- Sociedade de Amigos do Museu Paranaense
SANEPAR	- Companhia de Saneamento do Paraná
SEEC	- Secretaria de Estado da Cultura
UNESC	- Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
2.1 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	20
3 ENTENDENDO O PATRIMÔNIO.....	23
3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO	27
3.2 DIREITO DA CRIANÇA AO PATRIMÔNIO CULTURAL	31
3.3 PLANO INTERPRETATIVO DO PATRIMÔNIO	32
4 A CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO	37
4.1 AÇÕES PARA UM TURISMO PEDAGÓGICO.....	39
4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DO ESPAÇO PATRIMONIAL	43
5 DISCUTINDO PROPOSTAS EDUCATIVAS EM MUSEUS.....	52
5.1 EXEMPLOS DE MUSEUS INTERATIVOS.....	56
5.2 SOBRE O MUSEU PARANAENSE.....	64
6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NOS MUSEUS.....	68
6.1 PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR	69
6.1.1 Ambiente/espço.....	69
6.1.2 Expositores e mobiliários.....	71
6.1.3 Mídias.....	73
6.2 PERCEPÇÃO DOS VISITANTES	74
6.2.1 Questões aos responsáveis pelas crianças	74
6.2.2 Questões às crianças	80
6.3 RECURSOS DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU PARANAENSE	81
6.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	83
7 PROJETO DE TURISMO: PLANO INTERPRETATIVO DO MUSEU PARANAENSE PARA O PÚBLICO INFANTIL	88
7.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO	88
7.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	100
7.2.1 Descrição das etapas para execução do projeto.....	100
7.2.2 Descrição dos recursos humanos envolvidos em cada etapa.....	102
7.2.3 Descrição do orçamento e dos desembolsos por etapa.....	104
7.2.4 Avaliação do retorno do investimento	105

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	117
APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO DE PESQUISA	120
APÊNDICE 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	122

1 INTRODUÇÃO

Os espaços históricos são um dos motivadores da atividade turística que vem crescendo constantemente nas recentes décadas da trajetória humana, pelo resguardo cultural que os mesmos apresentam. Turistas em todo o globo se deslocam com a intenção de vivenciar novas experiências e descobrimentos ao se aproximarem do patrimônio cultural com os desígnios de uma proposição educativa.

Ao reunir a maior parte de seus atrativos no bairro São Francisco, o Setor Histórico de Curitiba abriga museus, galerias, espaços culturais, igrejas e casarões preservados que acentuam a beleza da região histórica responsável por resguardar a memória curitibana.

Nesta delimitação territorial se localiza o Museu Paranaense, bem histórico-cultural do Estado do Paraná. Este é um museu histórico com numerosos acervos que contam a origem dos povos no Estado do Paraná desde tempos remotos, com o empenho de especialistas da antropologia, arqueologia e história, juntando-se a estes os profissionais do setor educativo. Evidentemente, o reconhecimento cultural dado ao museu permitiu-se pela precisão destes profissionais desde a sua fundação, na sétima década do século XIX, até os dias atuais.

Por abrigar aproximadamente 400 mil itens e pelo fato de se localizar em um edifício tombado, constata-se que o Museu Paranaense tem potencial para a realização do turismo cultural. Através destes, compreende-se que este espaço é detentor de qualidade patrimonial, por isso faz-se necessária uma melhor interpretação do mesmo. Um plano interpretativo recorre a recursos que acrescentem valor pessoal nas visitas a espaços turísticos ao oferecer informações que permitam que a qualidade cultural e a história sejam representadas da maneira mais adequada. Esta técnica pode aproximar os visitantes com o acervo histórico, permitindo a fruição natural do conhecimento.

Considera-se que muitos visitantes de motivação cultural sejam crianças que realizam as visitas acompanhadas de seus professores ou de seus responsáveis legais, assim permitindo-se a realização, entre outros, do turismo pedagógico. À vista disso, quando se planeja uma interpretação para crianças deve-se proporcionar uma abordagem diferente, já que este público necessita de

uma linguagem própria e apresenta necessidades educacionais específicas a sua idade.

Por muitas vezes, a criança não conhece ou não compreende a importância dos espaços patrimoniais presentes na cidade e não reconhece a história local e as características culturais da localidade, de tal modo que não percebem tais monumentos como conservadores da sua própria cultura e responsáveis pela formação da sua identidade cultural. Compreende-se, a partir disso, que faltam projetos pedagógicos que guiem a criança no aprendizado patrimonial de modo a, futuramente, ser um adulto consciente de sua função social e contribuir com o turismo.

Por intermédio do setor educativo do Museu Paranaense, disponibilizam-se visitas guiadas com crianças de creches e escolas locais, bem como de cidades próximas. Nestas visitas, mediadores acompanham o grupo de estudantes e lhes passam as informações para que compreendam os aparatos históricos presentes no local. Além destas, já ocorreram exposições temporárias de conscientização patrimonial e infância para este público. São estes o *Olhar em Construção* e o *Tempo de Brincar*.

O museu também recebe visitantes espontâneos, aqueles que frequentam o local em momentos de lazer. Ao ponderar que nestas visitas geralmente se encontram os turistas e os moradores, entende-se que se fazem necessárias ações educativas que possibilitem a interação infantil nas visitas espontâneas e favoreçam a cultura e o turismo pedagógico. Da mesma forma, uma boa interpretação pode auxiliar nas visitas guiadas com alunos das escolas, e as mídias interpretativas podem ser empregadas para contribuir com o aprendizado. Portanto, este projeto apresenta a seguinte problemática: As mídias interpretativas causam diferença na motivação do público infantil nos museus? Quais seriam as mídias adequadas para esse público no Museu Paranaense?

A partir das indagações a respeito da relação do Museu Paranaense com suas mídias interpretativas e como estas atendem ao público infantil em favor do seu patrimônio, foi levantada a posterior hipótese: A interação das crianças no Museu Paranaense é insatisfatória pelo motivo das mídias interpretativas atuais possuírem uma linguagem adulta.

O Museu Paranaense, através das mídias interpretativas voltadas ao público infantil, poderia contribuir também para o desenvolvimento de um senso crítico nas

crianças. Isto posto, o objetivo geral é apresentar um projeto de valor patrimonial/cultural para o Museu Paranaense, em Curitiba, com o apoio de mídias interpretativas para crianças, seguido dos objetivos específicos:

- 1) Elucidar sobre a relevância do patrimônio histórico e cultural para as crianças;
- 2) Esclarecer qual é a relação da criança com o turismo e como a mesma interage com o ambiente ao seu redor;
- 3) Explanar qual é o vínculo dos museus com o público infantil;
- 4) Analisar o envolvimento do público infantil em três museus no Brasil;
- 5) Idealizar uma experiência educacional diferenciada que sirva como auxílio ao conhecimento nas visitas ao Museu Paranaense, de modo à criança se tornar um adulto consciente sobre a sua responsabilidade social.

Por conseguinte, este projeto apresenta a metodologia de pesquisa e o marco teórico – discorrendo sobre o patrimônio cultural, o turismo pedagógico e sobre estas atividades em museus. Após, exibe a apresentação e a análise dos resultados e o projeto de apoio ao turismo.

Para esta pesquisa, clarifica-se que os termos ‘público infantil’ e ‘crianças’ serão utilizados como sinônimos e apresentam as mesmas acepções.

Espera-se, com esta proposta de estudo, dar maior ênfase a um assunto ainda pouco explorado por pesquisadores brasileiros, sendo este o turismo para o público infantil. Agregado a isto, almeja-se contribuir de forma benéfica para a inserção das crianças nos ambientes culturais e respeitar os seus direitos ao conhecimento e a cultura.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será abordada a metodologia utilizada na pesquisa. Considera-se que “nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 27). De acordo com Dencker (1998, p. 20), “toda pesquisa possui uma intencionalidade, que é a busca de conhecimento para compreender a realidade”. Há muitos métodos e técnicas para a realização de uma pesquisa, por isso é importante que se defina quais delas foram empregadas para o desenvolvimento deste projeto.

A pesquisa que utilizou-se pode ser classificada como exploratória, que segundo Gil (2017, p. 26) “tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]”. É uma técnica flexível em razão de dispor de muitas opções para a realização da pesquisa. Sobre o que engloba a exploração em uma pesquisa, de acordo com Dencker (1998, p. 124) apresenta “em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares”. A pesquisa exploratória tenciona “considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado” (GIL, 2017, p. 26).

A partir da pesquisa exploratória, a princípio aplicou-se a técnica de pesquisa de análise bibliográfica e documental para a organização de um marco teórico a fim de aprofundar-se nos conceitos da temática oportuna aos propósitos previamente esclarecidos.

A pesquisa bibliográfica para Dencker (1998, p. 125) “permite um grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”. Ainda, segundo Gil (2017, p. 28), “é elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema”. Fazem parte desta tipologia as “fontes já elaboradas – livros, artigos científicos, publicações periódicas, as chamadas fontes de papel” (ALVES, 2007, p. 55). Utilizaram-se livros didáticos, teses e monografias.

Por sua vez, a pesquisa de cunho documental prioriza “material que ainda não recebeu tratamento analítico ou que pode ser reelaborado” (DENCKER, 1998, p. 125), e se difere da bibliográfica por possuir, de acordo com Gil (2017, p. 29), “relatos de pesquisas, relatórios e boletins e jornais de empresas, atos jurídicos,

compilações estatísticas etc”. Utilizaram-se leis disponíveis no Diário da União e relatórios da Organização das Nações Unidas.

Para a coleta de dados, primeiramente efetuou-se o marco teórico a fim de discorrer sobre os temas inerentes desta pesquisa, ao usufruir de autores que dissertam sobre as temáticas do turismo cultural (patrimônio histórico e planejamento interpretativo), do turismo pedagógico (práticas pedagógicas e desenvolvimento cognitivo da criança) e das condutas culturais e educativas nos museus. Para essa finalidade, realizou-se um fichamento de leitura, a divisão de temas e autores favoráveis a pesquisa (QUADRO 1).

QUADRO 1 – FICHAMENTO DE LEITURA

TEMAS	PRINCIPAIS AUTORES
Patrimônio cultural	DIAS, 2006; COSTA, 2011; COSTA, 2009; SOUZA, 2008.
Interpretação patrimonial	MURTA E ALBANO, 2005; MURTA E GOODEY, 2005; COSTA, 2009.
Turismo para o público infantil / Turismo pedagógico	HORA E CAVALCANTI, 2003; KUSHANO, 2008; MATOS, 2012.
Práticas pedagógicas	PIAGET, 1975; GOMES, 2005; BRANDÃO, 2007; MEDINA, 2009.
Educação em museus	DIAS, 2006; IBRAM, 2014; LUTZ, 2008; RODRIGUES, 2018.
Museu Paranaense	SEEC, 2010; MUSEU PARANAENSE, 2019.

FONTE: O autor (2019)

Além destas, a fim de alcançar maiores esclarecimentos, o estudo foi contemplado com a pesquisa de campo, com a intenção de averiguar a interatividade no Museu Paranaense e em outros dois museus em território nacional, o Museu do Amanhã e o Catavento Cultural, para a realização de uma comparação entre os mesmos. A comparação é “a técnica científica aplicável sempre que houver dois ou mais termos com as mesmas propriedades gerais ou características particulares” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 32). O “pesquisador precisa ir ao

espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu, e reunir um conjunto de informações a serem documentadas” (GONSALVES, 2001, p. 67).

Sendo assim, o observador “deve ter habilidades fundamentais para saber identificar detalhes relevantes e os desnecessários à pesquisa, [...] e, além disso, preparar-se mentalmente para se concentrar durante a observação” (ALVES, 2007, p. 64).

Na pesquisa de campo ocorreu a técnica de observação (APÊNDICE 1), adaptado de Rodrigues (2018), importante para levantar dados os quais não estão presentes nos levantamentos bibliográficos e documentais. Ao consultar Dencker (1998, p. 103), verifica-se que “a grande vantagem das técnicas de observação é o fato de permitirem o registro do comportamento no momento em que este ocorre”. Trata-se aqui da observação sistemática, ao qual:

[...] também chamada observação estruturada, planejada ou controlada, tem como característica básica o planejamento prévio e a utilização de anotações e de controle do tempo e da periodicidade, recorrendo também ao uso de recursos técnicos, mecânicos e eletrônicos. (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007, p. 31).

Outro relevante instrumento foi a aplicação de formulários (APÊNDICE 2) com pais e crianças que concluíram suas visitas nos museus contemplados neste estudo. Cervo, Bervian e Silva reiteram que o formulário é “uma lista informal, catálogo ou inventário, destinado à coleta de dados resultantes quer de observações quer de interrogações, e seu preenchimento é feito pelo próprio investigador”. Para Gil (2017, p. 98), “o formulário, em virtude de suas características, constitui a técnica mais adequada para a coleta de dados em pesquisas de opinião pública e de mercado”. O formulário aplicado foi composto por questões fechadas e abertas. Dencker (1998, p. 141) afirma que nas perguntas livres, cabe ao entrevistador “estimular o entrevistado a falar livremente, ao mesmo tempo que deve procurar anotar de forma literal as respostas dadas pelo entrevistado”. Ideal para a resolução das hipóteses levantadas. Desejou-se, com esta técnica, compreender o grau de satisfação dos visitantes com o local. Estimou-se a aplicação de 10 (dez) formulários em cada local de pesquisa, sendo possível bater esta meta.

Ainda, outra técnica utilizada na pesquisa de campo foi a entrevista semi-estruturada (APÊNDICE 3) com a responsável pelo setor educativo do Museu Paranaense, com o propósito de aprofundar-se nos recursos que o museu dispõe

para atender ao público infantil. Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 51) alegam que a entrevista é “uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa”. Desta forma, é uma das principais técnicas para coletar os dados necessários para complementar a pesquisa e atingir os objetivos propostos. A entrevista semi-estruturada, ou parcialmente estruturada, para Gil (2017, p. 96), se define “quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu curso”.

2.1 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir das leituras formalizou-se o fichamento usufruído no marco teórico. Alicerçado nisso, no primeiro capítulo apresentou-se o turismo cultural, explanando acerca do patrimônio histórico-cultural e da interpretação patrimonial, com vias de implantação de um plano interpretativo para crianças. Seguido isso, medita-se no segundo capítulo a respeito do turismo pedagógico, constituído das práticas pedagógicas que podem ser implantadas em espaços patrimoniais para a interação das crianças. Por fim, o terceiro capítulo firmou-se nos museus e em como as duas tipologias de turismo analisadas podem se desenvolver em seus interiores. Este tipo de levantamento é estipulado como de fontes secundárias, que “referem-se a material conhecido e organizado segundo um esquema determinado (DENCKER, 1998, p. 46).

Pelo formulário, de elaboração própria, foi desenvolvida uma análise fundamentada em gráficos e em quadros para a exposição dos resultados obtidos, somando-se a estes a discussão dos resultados das questões abertas. Servindo ao mesmo propósito, o de expor os dados adquiridos, foram debatidas as conclusões com suporte à observação estruturada adaptada de Rodrigues (2018) nos locais averiguados. Ainda, exhibe-se o resultado da entrevista semi-estruturada. Estes dados assimilam-se as fontes primárias, “constituída pelo material mais recente e original que não possua distribuição por esquemas predeterminados (DENCKER, 1998, p. 43).

Os formulários e os roteiros de observação estruturada foram analisados por meio do método comparativo, que segundo Gil (2017, p. 34) “procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”.

Estes procedimentos primários foram aplicados no Museu Paranaense, em Curitiba (PR), e em dois museus interativos no Brasil, o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro (RJ) e o Catavento Cultural, em São Paulo (SP). Os presentes dados foram angariados durante os meses de julho e agosto de 2019. A respeito dos formulários, executou-se a quantidade de 10 (dez) em cada museu.

Os procedimentos relacionados ao marco teórico e à pesquisa de campo podem ser observados com mais detalhes no quadro 2, de acordo com cada objetivo específico.

QUADRO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA		
	TÉCNICAS DE PESQUISA	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS
OE1: Elucidar sobre a relevância do patrimônio histórico e cultural para as crianças.	Pesquisa bibliográfica e documental	Fichamento de leitura	Construção do marco teórico
OE2: Esclarecer qual é a relação da criança com o turismo e como a mesma interage com o ambiente ao seu redor.	Pesquisa bibliográfica	Fichamento de leitura	Construção do marco teórico
OE3: Explanar qual é o vínculo dos museus com o público infantil.	Pesquisa bibliográfica e documental	Fichamento de leitura	Construção do marco teórico
OE4: Analisar o envolvimento do público infantil em três museus no Brasil.	Pesquisa de campo	Roteiro de observação estruturada	Método comparativo Análise descritiva dos dados
		Formulário	
		Entrevista semi-estruturada	

FONTE: O autor (2019)

Os museus interativos que serviram de objeto de pesquisa foram selecionados por suas finalidades específicas. O Museu do Amanhã permitiu contribuir com ideias tecnológicas ao projeto de pesquisa devido ao fato de ser um local planejado desde seu início para ser um ambiente interativo, enquanto que o Catavento Cultural é adequado aos objetivos pedagógicos pelo fato de recorrer a atividades que atraem a visita do público infantil, inclusive de estudantes.

Depois de esclarecidos os procedimentos metodológicos, abre-se caminho para o capítulo seguinte, onde estão reunidos os resultados no tocante as pesquisas adotadas para o presente conteúdo.

3 ENTENDENDO O PATRIMÔNIO

A designação de patrimônio é complexa, pois abrange vários sentidos, dependendo de onde está inserido. Porém, de modo geral é possível certificar que o patrimônio representa a herança de uma nação. Como dito por Marceau, Metzger e Azoury (2015, p. 46, tradução própria), “a imagem de um país ou grupo de países em todos os níveis, econômico, social, cultural, etc., é, na verdade, em grande parte devido à sua herança¹”.

Entretanto, pode-se dividir o patrimônio em dois aspectos principais, sendo eles o natural e o cultural. Nas declarações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, os patrimônios naturais seriam categorizados como:

[...] os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural. (UNESCO, 1972, p. 2).

Ainda, segundo Pereira (2018, p. 39) estas declarações se encontram “ligadas à estética da paisagem, a valores cênicos, e uma visão sistêmica em relação ao funcionamento da natureza, vinculando o valor universal excepcional à beleza, à ciência e à conservação”. Estas preciosidades podem ser contempladas em diversas esferas, mas vale citar os sete patrimônios naturais brasileiros declarados pela Unesco (BRASIL, 2017a), sendo estes:

1º Parque Nacional do Iguaçu

2º Costa do Descobrimento Reservas de Mata Atlântica

3º Mata Atlântica Reservas do Sudeste

4º Área de Conservação do Pantanal

5º Complexo de Conservação da Amazônia Central

6º Ilhas Atlânticas Brasileiras: Fernando de Noronha e Atol das Rocas

7º Parques Nacionais Chapada dos Veadeiros e Emas

¹ L'image d'un pays ou d'un ensemble de pays sur tous les plans, économique, social, culturel, etc., est effectivement due en grande partie à son patrimoine.

Por sua vez, o patrimônio cultural “tem seu conceito sempre atualizado em razão da revisão do conceito de cultura, ou seja, o significado de patrimônio cultural é muito amplo, incluindo o sentir, pensar e agir humano” (FERREIRA; SILVA, 2018, p. 2).

Por cultura, “entende-se tudo aquilo que o homem é capaz de produzir no espaço em que habita, admitindo a expansão da cultura como a expansão do próprio homem e a compreensão que este homem tem sobre si e sobre os outros” (SOUZA, 2008, p. 158). Dias (2006, p. 19) afirma que ela “é transmitida pela herança social”, ou seja, passada ao indivíduo pela convivência com o seu grupo social e pelo território em que habita.

Para Pucci e Cardozo (2008, p. 137) “a cultura não pode ser vista de forma individualista, mas sim em todo entorno em que ela é produzida e na capacidade de se tornar o símbolo de uma sociedade”. Os símbolos, segundo Dias (2006, p. 20) “são definidos como qualquer coisa que carrega um significado particular reconhecido pelas pessoas que compartilham uma determinada cultura”.

Torezani (2006, p. 32) reitifica que “a cultura é um componente essencial para o desenvolvimento humano, pois, é a expressão do modo de pensar e de agir dos indivíduos e das comunidades”, por conseguinte, deve estar à disposição de toda a sociedade, incluindo-se as crianças, ao qual esta proposta de pesquisa visa propor meios para que estas sejam recebidas nos centros culturais empregando-se mídias interpretativas com a finalidade de trazer uma melhor experiência ao público infantil.

Como um complemento da ideia de cultura, apresenta-se que o patrimônio cultural:

[...] simboliza a identidade cultural de uma comunidade, seja qual for a sua dimensão: local, regional ou nacional. O patrimônio cultural é a expressão mais explícita da identidade de uma comunidade cultural, pois, ao se identificarem com aquele, os membros do grupo social se filiam a um mesmo agrupamento, compartilham significados e símbolos. Essa é uma importante característica do patrimônio cultural, facilitar a construção da identidade cultural no processo de socialização. (DIAS, 2006, p. 50).

Com base nisso, percebe-se que o patrimônio cultural é uma forma de comunicação entre os agentes sociais, ou seja, serve de interação em meio aos grupos que compartilham dos mesmos interesses e comportam-se alinhados aos

mesmos pensamentos ao dividirem uma cultura única. Por isso, de acordo com Siqueira e Arduino (2018, p. 4):

[...] nos referimos ao patrimônio cultural como os bens que derivam de gerações passadas e nos é entregue por meio do contato com o povo inserido nas localidades em que residimos, mantendo as peculiaridades preservadas de cada povo, mesmo com o passar dos anos e com os efeitos da ação humana e da globalização.

A Constituição Federal de 1988, capítulo III, Art. 216, traz a denominação oficial deste tipo de patrimônio “como um conjunto de bens de natureza material e imaterial, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988, não paginado). Ao seguir a leitura do documento, pode-se obter as cinco classes do patrimônio cultural brasileiro, sendo estes:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Dentre estes cinco grupos, encontram-se as duas subdivisões do patrimônio cultural, definidas de material e imaterial, diferindo-se entre si em questões que envolvem a transmissão de saberes e em como se dá a salvaguarda destas culturas.

Com mais detalhes, o patrimônio imaterial, nas declarações da Unesco (2003, não paginado), no artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, abrange “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. Toma-se isto como cultura popular, que “dá alma aos espaços concretos monumentais, sendo transmitido de geração a geração, e é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. É o “saber fazer”, e o “saber viver” e não o seu produto” (LIMA; SIMSON, 2010, p. 517). Portanto, são conhecimentos que não apresentam necessariamente uma materialidade para existir, de certa forma, sobrevivendo pelo convívio entre as

pessoas da mesma localidade, onde estão inclusas as danças, as músicas, as crenças, a gastronomia e a língua, entre outros.

Em relação aos patrimônios materiais, apresentam-se como bens que são portadores de importância histórica, arquitetônica e cultural, capazes de, através de sua estrutura, conservar costumes antigos em algo que pode ser tocado. Ferreira e Silva (2018, p. 5) expõem que “são objetos tangíveis onde se englobam construções antigas, museus, cidades históricas, jardins, edifícios militares e religiosos, esculturas, monumentos, documentos e instrumentos musicais”.

Felizmente, devido ao fato destes bens serem portadores da identidade dos povos do país, o patrimônio cultural, sendo ele material ou imaterial, pode ser preservado através do tombamento em diversos níveis, sendo eles municipais, estaduais ou federais. Como exposto por Costa (2011, p. 75) o tombamento “incide sobre bens móveis e imóveis, públicos ou privados, declarando-os de valor cultural, [...], vinculado a um processo administrativo previsto em lei”. O IPHAN é o órgão federal mais importante para a preservação do patrimônio cultural brasileiro, pois “cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras” (IPHAN, 2019a).

Como um exemplo de programa que dá suporte ao tombamento, com o decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, criou-se o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que “viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem” (IPHAN, 2019b). Sendo assim, com a aplicação deste programa, propõe-se estudos para a contribuição na preservação do patrimônio imaterial brasileiro em todo o território nacional, garantindo, assim, que as suas singularidades sejam conservadas.

Considera-se a diferença entre preservação e conservação, nas palavras de Barreto (2000, p. 15): “preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar o patrimônio implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural”. Assim sendo, a existência de leis de proteção ao patrimônio se torna importante, mas necessita de um conjunto que lhe traga o aparato desejado para atestar o turismo cultural e a interação social entre os sujeitos da sociedade.

3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO

Ao entender a noção de patrimônio, pode-se fazer um estudo da sua relação com a atividade turística através dos tempos e perceber como se desenvolveu o turismo cultural nos tempos atuais, bem como deve ser a atuação do Estado e dos profissionais do setor para garantir a efetivação deste ramo turístico.

É visto que “desde a Antiguidade até os séculos XVIII e XIX vários acontecimentos foram registrados sendo relativos ao lazer, à atividade turística e às viagens” (SOUZA, 2008, p. 159). Ao analisar o patrimônio como atração turística, é possível encontrar os primeiros dados registrados do turismo cultural a partir do século XVIII, quando surgiu o celebrado *grand tour*, movimento no qual um grande número de pessoas viajavam a lazer para contemplar monumentos históricos. “Era uma viagem de formação (e iniciação) dos nobres e burgueses com o objetivo de contatar com outros povos e culturas” (PERÉZ, 2009, p. 106). Em relação à Itália, principal destino destes viajantes, conforme informa Salgueiro (2002, p. 303), “as ruínas de seus monumentos antigos instruíam e ao mesmo tempo alimentavam a imaginação do viajante, fornecendo-lhe "matéria" para a descrição e o estudo, bem como para alimentar a fantasia”.

No entanto, “o turismo cultural permaneceu restrito a uma pequena parcela da sociedade até os anos 1970 e 1980, quando deixou de ser atividade exclusiva de uma elite rica e educada para se transformar em um segmento do mercado turístico mundial” (KÖLER; DURAND, 2007, p. 189).

O patrimônio pela definição contemporânea também levou um tempo para se constituir. Funari e Pelegrini (2009, p. 15), ao comentarem sobre a noção de patrimônio em países europeus até o fim do século XVIII, discutem que:

[...] em tais sociedades, ele não era público e compartilhado, mas privado e aristocrático, na forma de coleções de antiguidades, como no famoso caso do imenso acervo dos papas que, hoje, está no museu do vaticano. O surgimento dos estados nacionais era o que faltava para desencadear uma transformação radical no conceito de patrimônio.

Portanto, em tempos antigos, havia a carência do conceito de patrimônio como algo de pertencimento público e condutor da identidade e da cidadania, mesmo que, naquela época, já houvessem relatos de viagens com o interesse ao descobrimento de culturas alternativas.

Se na Europa havia a sedução pelo patrimônio cultural já em séculos passados, “no Brasil, uma preocupação mais premente com os bens de valores culturais deu-se a partir da década de 1920, sobretudo com a saída e com o tráfico ilegal desse tipo de patrimônio” (COSTA, 2011, p. 52), em uma época em que o Brasil passava pelo modernismo e o brasileiro começou a importar-se mais com a sua cultura. Durante a era Vargas, como conta Dias (2006, p. 109), a cidade de Ouro Preto, “ao ser elevada à condição de monumento nacional, em 1933, exerceu a função simbólica de concretizar um ideal de brasilidade, que se contrapunha, naquele momento, ao ideário de outras comunidades nacionais [...]”. Neste período, de acordo com Costa (2011, p. 53), para a percepção de uma identidade nacional “não bastava o recrutamento dos intelectuais, mas fazer com que eles se engajassem na construção da simbologia do Estado-Nação do Brasil”.

Devido a sua importância para a preservação histórica nacional e internacional, Ouro Preto/MG, junto de algumas outras cidades brasileiras, a exemplo de Olinda/PE e São Luís/MA, está na lista de patrimônios culturais da Unesco (BRASIL, 2018). Ambas possuem belíssimas construções antigas de interesse turístico e que são tomadas como patrimônio material e que, quando em conjunto, garantem seu título pela Unesco.

Ouro Preto foi objeto de um estudo, de competitividade nacional, onde alcançou o nível 4 em uma escala que chega ao 5, porém, quando analisada a categoria de aspectos culturais alcançou o mais alto nível, sendo ele o 5/5 (OURO PRETO, 2015, p. 10). De acordo com Dias (2006, p. 109), a cidade é “representativa de uma continuidade histórica que contribuiu para o fortalecimento da identidade nacional”.

FIGURA 1 – OURO PRETO



FONTE: Monique Renne (2019)

O resguardo dos bens culturais contribui de forma adequada para garantir a atratividade turística nas regiões em que estes estão inseridos. Vale citar Costa (2009, p. 50), quando diz que “todos os elementos da natureza material ou simbólica que compõe o patrimônio cultural de determinada população devem ser tomados como recursos que poderão ser utilizados como fonte de atração do turismo cultural”. O turismo com base cultural possibilita os visitantes se conectarem com as qualidades do destino e descobrirem novas formas de enxergar o mundo em que habitam, sendo ele tão extenso e diverso. Como diz Rodrigues (2018, p. 16), “o turismo cultural possibilita que as pessoas conheçam e interajam com a história e a cultura de outros povos ou reconectem-se com a própria”.

É possível concretizar ainda mais a importância da cultura para o turismo ao consultar Pérez (2009, p. 108) quando o mesmo alega que “não pode existir turismo sem cultura [...] pois o turismo é uma expressão cultural”.

Costa (2009, p. 39) estima a possibilidade de conceder fundamentos mais abrangentes em relação à compreensão do turismo cultural:

Um conceito mais completo de turismo cultural deve ser construído considerando-se também uma análise mais ampla das motivações de seus participantes, das características de seu objeto e de seu público, da interatividade ou vivência de experiências culturais e das possíveis inter-relações com a preservação e a educação por meio do patrimônio cultural.

A Organização Mundial do Turismo (OMT), segundo Costa (2009, p. 41), definiu, em 1985, que o turismo cultural define-se pelas “viagens de estudos; artes dramáticas ou viagens culturais, viagem para festivais e outros eventos culturais; visitas a sítios e monumentos; e viagens para estudar a natureza, o folclore e/ou as migrações”. Todos estes exemplos podem ser usados a favor de um turismo que surge a partir de viagens com proposições educacionais, permitindo-se incluir o patrimônio cultural nestas definições.

O turismo cultural apresenta muitas variantes que acabam por estipular a atratividade turística do município, estado ou país. Segundo Ignarra (2013, p. 193), o turismo cultural “compreende uma infinidade de aspectos, todos eles passíveis de serem explorados para a atração de visitantes”. O autor nos informa sobre estas variantes, que se denotam como de trabalho, vestuário, arquitetura, artesanato, história, idioma, crenças, educação, tradições, atividades de lazer, arte e gastronomia.

Considera-se neste estudo algumas delas. A história e a arte, por exemplo, que “são os elementos que mais atraem turistas [...] Assim, os museus constituem-se os primeiros atrativos” (IGNARRA, 2013, p. 193). Mas também vale-se da arquitetura, que compreende “os materiais utilizados, o estilo arquitetônico, as cores utilizadas etc”.

Após se compreender o mérito dado aos bens histórico-culturais e a função do poder público na preservação e conservação destes, deve-se perscrutar a função de profissionais a fim de assegurar que o patrimônio cultural possa estar acessível à sociedade e compreendido por todas as parcelas da população. Goodey (2005, p. 135) discorre que “para muitos visitantes, o vínculo entre tais edificações e a experiência individual está há muito tempo rompido”. Os esforços profissionais são significativos para reverter este quadro e atrair mais turistas.

Souza e Bahl (2011, p. 32) falam da função atribuída aos profissionais do turismo para garantir que a globalização não afete negativamente os bens de interesse público, visto que “terão dentre outras responsabilidades, a do planejamento e a reorganização espacial de cidades, elaboração de eventos e atividades culturais diversas, dentre outras atribuições”.

Os capacitados para exercer tal função devem trazer a cidadania como um dos resultados esperados de tais projetos, sendo que:

[...] a formação profissional que envolve a formação humana tem como objeto capacitar para o exercício profissional em turismo levando em consideração as preocupações que envolvem a formação do cidadão integralmente, capacitando-o para enfrentar novas situações, organizando e planejando localidades, gerindo escassos e frágeis recursos naturais, valorizando culturas, preservando patrimônios. (SOUZA, 2008, p. 160).

O patrimônio cultural, assim sendo, “é um fator de desenvolvimento para a sociedade, sendo necessária uma gestão adequada para que os espaços culturais sejam usados de maneira a beneficiar uma comunidade receptora” (CAMILO; BAHL, 2017, p. 7). Por conseguinte, esta modalidade de turismo apresenta-se “como um caminho para a obtenção de fundos necessários à preservação da herança cultural e como uma ferramenta para proporcionar o desenvolvimento econômico [...]” (DIAS, 2006, p. 36).

Diante de todo este processo em relação aos bens de interesse patrimonial, é justo que se inclua a criança no desenvolvimento cultural de sua comunidade para

garantir seus direitos as fontes de cultura e à educação, elementos defendidos por leis.

3.2 DIREITO DA CRIANÇA AO PATRIMÔNIO CULTURAL

O ponto inicial a se discutir esta temática deve ser pelos direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU, 1948, p. 13), no artigo 22, estabelece que “todo ser humano tem direitos sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade”. Diz ainda, no artigo 27, que “todos tem o direito de participar livremente da vida cultural da sua comunidade” (ONU, 1948, p. 14). Depois deste documento, outros importantes foram redigidos com a finalidade de garantir os direitos à cultura em vários países. Nas palavras de Soares (2009, p. 71) “as normas e atuações protetivas do patrimônio cultural são essenciais para os valores e direitos culturais, especialmente os relativos à dignidade, à liberdade e à igualdade, dentro da diversidade cultural”.

Um documento mais específico para a infância, neste contexto, é o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, capítulo IV, que defende:

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura. Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude. (BRASIL, 1990, não paginado).

Permite-se, assim, encaixar a visita em museus como uma fonte de cultura e oportunidade de lazer defendido por este estatuto. Percebe-se que, apesar disso, na questão dos monumentos históricos, os projetos que auxiliem as crianças na compreensão de sua importância cultural são escassos, pois, em geral, os projetos atualmente em execução costumam atender apenas as necessidades do público adulto, o que acaba por se tornar um problema ao não atender adequadamente ao público infantil, este curioso por natureza, personalidade que poderia ser usada a favor do conhecimento.

A alegação de que a criança não possa se interessar e se envolver nos grupos sociais que geralmente são associados ao turismo cultural e contribuir

positivamente com a sociedade faz-se ultrapassada. Ao se pensar nisso, considera-se que a ação da criança neste contexto discrimina a noção imposta pela sociedade de que a criança não apresenta características próprias e pessoais que devem ser levadas em consideração para que as mesmas se reintegrem como sujeitos de direito. Castro (2001, p. 29), afirma que “a compreensão de que a criança é, sim, sujeito de direitos, requer uma consideração mais profunda sobre a ação humana, e seu entrelaçamento com o pensar e o ser”. Segundo Arendt (1995 citado por CASTRO, 2001, p. 34)²:

[...] adultos e crianças, como diferentes categorias sócioetárias, e com diferentes inserções nos espaços de convivência, têm possibilidades distintas de intervir no mundo e construí-lo. [...] Assim concebida, a ação da criança deixa de ser um ato aparentemente “sem sentido” que só ganha compreensão quando for novamente, pela ciência psicológica, inserido numa lógica causal que o explique, para ser a priori considerada como condição de emergência do sujeito e do mundo. Estar no mundo humano com outros sujeitos humanos possibilita a capacidade do agir, através da qual o mundo é permanentemente reconstruído pelas mais cotidianas ou insignificantes ações.

Acredita-se, a partir disto, que as crianças são detentoras de capacidade crítica e social, e devem atuar no desenvolvimento da cultura ao serem inseridas na sociedade. Compreende-se que as leis que asseguram o direito cultural das crianças devem ser respeitadas, pois “um sujeito de direitos só o é na medida em que sua ação é a priori considerada válida, e manifestação singular do seu ser, em que pesem as diferenças entre os diversos agentes” (CASTRO, 2001, p. 29). Deve-se, portanto, imaginar propostas pedagógicas bem estruturadas e que recebam o olhar infantil de uma maneira que outros programas usais não idealizam.

3.3 PLANO INTERPRETATIVO DO PATRIMÔNIO

O planejamento do turismo sempre esteve atrelado a oferecer ao visitante uma boa cama, um transporte de qualidade e uma alimentação decente. Todavia, há algumas questões que, pelo menos de imediato, acabam por não receber a devida atenção quando se pensa na estrutura de apoio ao turismo.

² ARENDT, H. **A Condição Humana**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Um bom planejamento se torna essencial para atender aos propósitos receptivos e contribuir com a sustentabilidade. Pucci e Cardozo (2008, p. 139) dão mais detalhes ao afirmar que:

Em virtude do constante crescimento do turismo, não é aceitável existirem projetos sem um planejamento baseado nas diretrizes da sustentabilidade do meio natural e cultural. [...] O planejamento consiste em estipular métodos a serem seguidos para alcançar objetivos propostos antecipadamente.

O plano interpretativo pode ser usado em maior escala nos planejamentos de modo a oferecer o auxílio necessário para a transmissão de informações ao visitante.

Um plano interpretativo recorre a recursos que acrescentem valor pessoal nas visitas a espaços turísticos ao oferecer informações que permitam que o conhecimento seja direcionado da maneira mais adequada. Estes propósitos podem variar dependendo do que se busca, caso seja a conscientização ambiental, a percepção cultural ou o envolvimento de outros setores da sociedade. Nas menções de Murta e Goodey (2005, p. 20), um plano interpretativo “visa estabelecer no espaço uma rede de descobertas, [...] ampliando as possibilidades de desenvolvimentos de projetos turísticos e culturais”.

Quando se pensa em uma interpretação dos espaços, segundo Rezende e Rodrigues (2012, p. 76) “requer de seu agente, em suas mais variadas formas, um grande esforço para tal, uma vez que são envolvidos fatores culturais, históricos, físicos, dentre outros”. Compreende-se, a partir disso, que as fontes de cultura envolvem muita história e os pesquisadores devem dispor de tempo e dedicação para o estudo das manifestações culturais e monumentos históricos abrangidos. O profissional que coletar as informações com a intenção de criar um percurso interpretativo se tornará um impulsor das manifestações culturais.

Na condição da interpretação patrimonial, “o patrimônio não consiste somente em mais uma atração a ser visitada, mas, a visita pode converter-se em um momento de obtenção de conhecimento com significado” (TOFFOLO; CARDOZO, 2013, p. 794). Testemunha-se que “se a interpretação for bem sucedida, cada parte do dia, cada locação, cada atividade, complementar a outra na interpretação do lugar” (GOODEY, 2005, p. 137).

De acordo com Murta e Albano (2005, p. 10), “o principal foco da interpretação é estabelecer uma comunicação efetiva com o visitante, mantendo importantes interfaces com o turismo, a preservação do patrimônio e o desenvolvimento cultural das comunidades”. Não obstante, quando se impulsiona a curiosidade pela cultura, os próprios moradores farão parte do processo de defesa de seus bens históricos e culturais.

Porém, por muitas vezes, o cidadão não conhece ou não compreende a importância dos edifícios históricos presentes na cidade e muito menos reconhecem as origens destas construções, de tal modo que não percebem tais monumentos como conservadores da sua própria cultura e responsáveis pela formação da sua identidade social. Murta e Goodey (2005, p. 16) clarificam este fato já que “a interpretação, enquanto veículo de comunicação, tornou-se ainda mais crucial para despertar atitudes preservacionistas entre comunidades receptoras, visitantes, e empreendedores turísticos”.

Portanto, viabilizar planos interpretativos que atendam o perfil das crianças permite que elas cresçam conscientes de suas responsabilidades na perpetuação dos bens de interesse mútuo, sendo elas parte da comunidade local ou turista conhecendo a cidade. As crianças são sujeitos de direitos, portanto devem entrar em contato com o patrimônio durante esta fase para que respeitem a sua cultura e favoreçam o turismo regional por se sentirem incumbidos de divulgá-la a terceiros. Para este fim, considera-se que “outra justificativa importante para o direcionamento de programas específicos para crianças consolida-se no fato de que as atividades podem influenciar seus direcionamentos e interesses quando adultos” (COSTA, 2009, p. 130).

Para conceber um plano interpretativo direcionado ao público-infantil é significativo lhes dar a assistência necessária de acordo com suas habilidades cognitivas. Assim, “a criação de programas interpretativos para crianças é especialmente importante, já que elas formam o principal público de sítios naturais e culturais em todo o mundo” (COSTA, 2009, p. 130).

Murta e Goodey (2005, p. 20) colocam a disposição dos leitores as etapas aconselhadas quando se pensa em facultar um plano interpretativo:

Etapa 1: Descreve a respeito do inventário e registro de recursos, temas e mercados. Os recursos incluem diferentes setores da administração pública e da comunidade, com o apoio dos saberes políticos, profissionais de diversas áreas e

parceiros. Os temas auxiliam a pesquisa da história local e desvendam o caráter único do lugar. Em relação ao mercado, se propõe idealizar a interpretação para diferentes segmentos, a exemplo da idade, nível educacional, origem e as expectativas pelas quais anseiam. Servindo ao desígnio deste estudo, Costa (2009, p. 129), utilizando-se do princípio de Tilden (1957), defende que “a interpretação voltada para crianças [...] não deve ser uma diluição da apresentação planejada para os adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente”. Ao refletir sobre isto, abre-se caminho para a segunda etapa.

Etapa 2: Aqui, compromete-se a pensar nos meios e técnicas de interpretação que poderão ser empregadas para o segmento escolhido. É mais do que necessário o perfeito conhecimento sobre os recursos e o público-alvo que pretende-se atingir. Costa (2009, p. 165-188) define estes meios e técnicas como autoguiadas e guiadas.

- As interpretações autoguiadas, ou impessoais, definem-se quando a comunicação interpretativa se utiliza de equipamentos, e matérias para repassar informações aos visitantes, sendo eles: publicações impressas; placas, painéis e letreiros; exposições, mostras e vitrines; reconstruções e modelos; meios animados de exibição; e multimídias e computadores.
- Já as mídias guiadas, ou pessoais, caracterizam-se pelo envolvimento direto do intérprete na realização da atividade. Estas podem ocorrer através de palestras interpretativas; imaginação guiada, viagens de fantasia ou viagens imaginárias; fantochada; caminhada e passeios orientados; trilhas interpretativas; interpretação espontânea, demonstrações e história viva.

Etapa 3: Ao se pensar na gestão e promoção, recomenda-se o monitoramento e manutenção das instalações, bem como a propagação em variados meios de comunicação para as platéias específicas. Drummond (2004, p. 22) garante que “isso requer um projeto correto [...], planejamento efetivo e controle das atividades do dia-a-dia”.

Eventualmente, deve-se levar em conta que a humanidade se encontra na era tecnológica ao pensar em mídias interpretativas. Esta era representa “a constituição de uma nova sociedade onde a era da informática constitui um moderno

estilo de vida precipitando a absorção de informação, transformando intensamente a estrutura do conhecimento e da realidade em que vivemos” (HAMZE, 2019).

A partir de Bernini (2011, p. 127), compreende-se que “com a globalização, a informatização se tornou muito mais ágil, [...] o envolvimento com novas linguagens, estímulos e formas de conhecimento diferentes são intensos. Camilo e Bahl (2017, p. 8) argumentam que:

[...] o homem do século XXI busca o conforto da tecnologia e reconhece, cada vez mais, a necessidade de manutenção do patrimônio como elemento de identidade, de herança cultural, de referência sobre o passado que precisa estar vivo, para servir de equilíbrio perante a vida moderna.

A tecnologia exerce influência em todos os aspectos da vida cotidiana, e as telas digitais estão presentes em quase todos os espaços em uma cidade grande. Assim, percebe-se que “o uso de tecnologias digitais, nos dias de hoje, já está incorporado à vida das pessoas. [...] Não há como nos imaginarmos numa sociedade em que elas estivessem ausentes.” (OLIVEIRA, 2017, p. 70).

Bernini (2011, p. 129) esclarece que disponibilizar o ensino por vias tecnológicas “significa utilizá-las adequada e oportunamente para a representação e a articulação entre pensamentos e a realização de ações com vistas a novos conceitos, nova compreensão, como produtor de novos conhecimentos”.

Como visto no decorrer deste capítulo, os espaços históricos são locais viáveis para a atração do turismo cultural, e a criança possui o direito de participar ativamente da vida cultural de sua comunidade. Também observou-se que a interpretação patrimonial pode oportunizar uma visita diferenciada ao visitante após agregar as informações necessárias para o perfeito entendimento do público-infantil.

4 A CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

Na contemporaneidade “é certo que se podem identificar muitas modalidades de turismo, o que é uma das características mais marcantes dessa multifacetada atividade” (HORA; CAVALCANTI, 2003, p. 222). Portanto, há várias classificações dessa atividade de lazer, e as crianças podem se inserir em muitas delas.

Como defendido por Kushano (2008, p. 62), ao se referir à infância e turismo, “em suma, a prática do turismo pode propiciar independência à criança turista, como também momentos de cumplicidade e descontração com seus pais”.

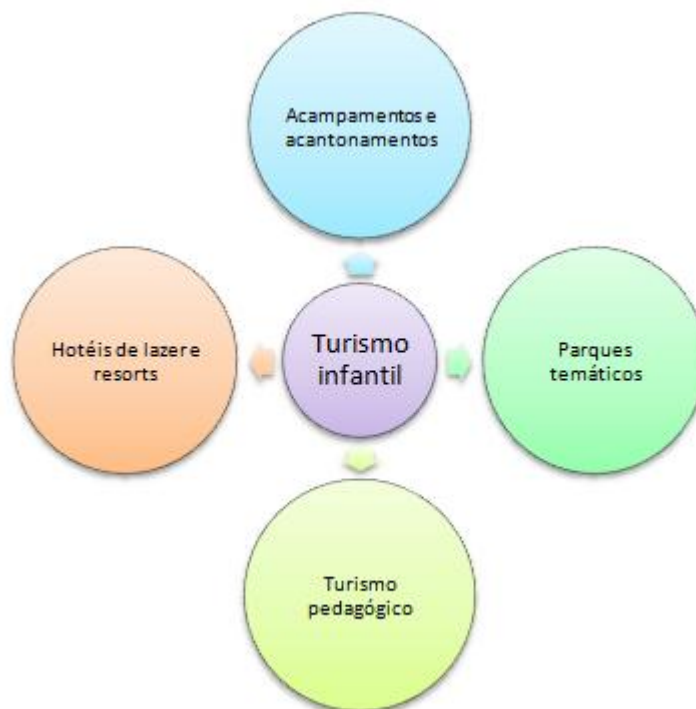
Muitas viagens são realizadas em famílias, portanto a importância em fazer uso de atividades lúdicas e de uma gastronomia que agrade à criança. Pelos dados da demanda turística doméstica (BRASIL, 2012) e internacional (BRASIL, 2017b), dos brasileiros que viajam pelo Brasil 63,0% são chefes de família e podem estar aptos a viajar com seus filhos, enquanto que os turistas internacionais que visitam o país com o núcleo familiar representam 34,5%.

Ao se refletir sobre o envolvimento de crianças na atividade turística, geralmente esta é associada ao lazer infantil a partir dos parques temáticos, como por exemplo os da Disney, em Orlando, Estados Unidos. O uso de um bom marketing e promoção por parte da empresa faz com que estes espaços sejam o sonho de consumo das crianças de todo o mundo e o principal produto turístico para esse grupo. Contudo, a noção de turismo para crianças é muito mais abrangente e oferece mais opções do que os sujeitos conseguem perceber, podendo, até mesmo, estar relacionado com a educação.

Hora e Cavalcanti (2003, p. 223) tratam da característica social do turismo e demonstram que este pode ter sua relação com a educação, pois “como o turismo é um fenômeno social, suas diversas modalidades desenvolvem-se como um reflexo do contexto vivido, conferindo-lhe um caráter dinâmico, o que, aliás, é uma das características mais fortes da atividade”.

De acordo com Kushano (2008, p. 66), no que engloba o turismo para o público infantil é possível encontrar “os acampamentos de férias, os acantonamentos, a hospedagem em hotéis de lazer e *resorts*, a diversão nos parques temáticos e o turismo pedagógico”.

FIGURA 2 – TURISMO PARA O PÚBLICO INFANTIL



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Adaptado de Kushano (2008)

Segundo Silva e Isayama (2017, p. 33), os acampamentos de férias se definem como sendo “instituições privadas, filantrópicas ou organizações não governamentais que oferecem aos participantes vivências articuladas com diversos campos do conhecimento”. Ozier (2017, p. 269) completa que o acampamento “é uma paisagem vital para aprender e viver, assim como outras instituições que educam desde uma variedade de experiências de vida, tais como famílias, comunidades e escolas”. Geralmente, crianças de várias idades passam algumas noites dormindo em barracas em meio à natureza.

O acantonamento se difere do acampamento, mesmo que seja comum confundir ambos. Na defesa de Pimentel (2003, p. 57), “acampamento é realizado com barracas enquanto acantonamento consiste na ida a um local com acomodações prontas, mesmo que rústicas”. Ou seja, as atividades lúdicas e o contato com a natureza permanecem, mas as acomodações se diferem.

No ramo hoteleiro, “as crianças propiciam o aumento dos departamentos de lazer e recreação, especialmente em hotéis de lazer e *resorts*” (KUSHANO, 2008, p. 63).

Além dos hotéis de lazer e *resorts*, o parque temático “é um lugar especializado em satisfazer uma demanda de lazer e diversão, [...] fazendo-o viver por algumas horas em um mundo mágico real através de todos os sentidos³” (SECALL, 2011, p. 41, tradução própria). Essa oferta de um mundo imaginário é o que faz dos parques de diversões grandes estimuladores da atividade turística. O Brasil conta com diversos parques de diversões e *acqua* parques, entre os mais famosos o Beto Carrero World, Hopi Hari, Beach Park, Snowland, Parque da Monica, Acqua Park DiRoma e Mirabilandia.

A quarta tipologia de turismo para o público infantil, segundo Kushano, é o turismo pedagógico, ao qual este estudo visa se aprofundar por meio de um contexto histórico e de uma discussão teórica.

4.1 AÇÕES PARA UM TURISMO PEDAGÓGICO

O turismo pedagógico é o que tem por finalidade o conhecimento, e quem proporciona o conhecimento é o que se denomina pedagogo. Sobre este cargo, teve noções diferentes através da história da humanidade. No exemplo primordial, referia-se aos escravos na Grécia Antiga que se incumbiam de conduzir a criança até seu local de ensino, portanto, não era de fato o que espalhava o conhecimento, mas, com efeito, apresentava o seu mérito no papel educativo.

Desta forma, segundo Ghiraldelli Junior (2012, p. 12), é admissível pensar que:

Ao notarmos a origem da palavra pedagogia, o que importa é ver que ela guarda, ainda hoje, algo do significado utilizado no mundo grego antigo. Quando usamos a palavra pedagogia não estamos nos referindo propriamente ao conteúdo do que é ensinado, mas aos meios de ensino, aos procedimentos para que alguém tenha acesso a um determinado conhecimento de modo a aproveitá-lo da melhor maneira possível.

E, para complementar os fatos históricos acerca da função pedagógica, ao analisar mais uma vez a dimensão do *grand tour*, Barreto (2005, p. 47) fala da assistência aos que se aventuravam nas viagens quando conta que “essa etapa, chamada por alguns historiadores de “barroca”, estava caracterizada por uma

³ Es un lugar especializado en la satisfacción de una demanda de ocio y diversión, [...] haciéndole vivir durante unas horas en un mundo mágico hecho realidad a través de todos los sentidos.

viagem realizada por jovens acompanhados de seu professor particular”. A partir da análise do *grand tour* de Barreto, percebe-se que o conhecimento atuava juntamente com os propósitos culturais, por isso é conveniente saber que o turismo pedagógico é uma modalidade do turismo cultural.

Nos tempos atuais a definição dada ao pedagogo na mediação do saber é mais ampla, porém segue o preceito inicial. Permita-se encaixar nesta norma o turismo com finalidades pedagógicas. Apresenta-se verdadeiro o fato de que os estudos da cultura e da história fazem-se importantes nos tempos atuais como se faziam em séculos passados, visto a possibilidade de conhecimento nesta temática que uma viagem pode proporcionar. Em vista dessa relação da viagem com os propósitos educacionais, de acordo com Hora e Cavalcanti (2003, p. 223):

Se dentro da própria sociedade são desenvolvidas complexas redes privadas com o objetivo de oferecer educação, [...] não seria estranho conceber uma modalidade de turismo cuja principal característica fosse não apenas a satisfação da curiosidade por novos lugares e culturas, mas também o ensino formal propriamente dito.

E ainda:

[...] é pertinente a proposição de integrar duas áreas de abrangência científica, como o turismo e a educação na medida em que estas desempenhem um papel fundamental na consolidação de uma educação de qualidade baseada nos princípios que regem a pluralidade de ideias e concepções pedagógicas. (MATOS, 2012, p. 4).

Mas, apesar de todo o seu contexto histórico, o termo ‘turismo pedagógico’ é relativamente novo e demanda mais estudos. Conforme Milan (2007 citado por FERNANDES, 2016, p. 79)⁴:

O turismo pedagógico apresenta-se como uma das recentes modalidades do mercado turístico relacionada às viagens de estudo. Entretanto exibe em seu aspecto conceitual uma série de confusões de ordem semântica e metodológica, sendo denominado como Turismo Educacional, Turismo Educativo, [...], entre outros.

⁴ MILAN, Priscila Loro. “**Viajar para aprender**”: Turismo pedagógico na Região dos Campos Gerais – PR. 2007, 125 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí – Centro de Educação Balneário Camboriú, Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria, 2007. Disponível em: Acesso em: ago. 2013.

QUADRO 3 – SÍNTESE DAS DEFINIÇÕES ACERCA DOS TERMOS RELACIONADOS AO
TURISMO PEDAGÓGICO

Termo	Base Teórica	Definição
Turismo Educacional	<ul style="list-style-type: none"> - GRAND TOUR (Séc. XVIII) - OMT (2003) - BENI (2003) 	Viagens com um programa estruturado ou formal adotados por escolas e universidades particulares com acompanhamento de professores especializados. Entram nesse aspecto também os intercâmbios.
Turismo Estudantil	<ul style="list-style-type: none"> - FUSTER (1985) - MONTEJANO (2001) 	Seriam os deslocamentos em busca de colégios e universidades no exterior para aperfeiçoamento e complementaridade da formação. Entram nesse âmbito os intercâmbios e também as viagens de formatura que representam um símbolo de conclusão da etapa de estudos.
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> - FREINET (Séc. XIX - XX) - PIZA (1960) - GIARETTA (2003) 	As aulas-passeio ou aulas-descobertas que procuravam encontrar elementos para perceber a realidade experienciando e desenvolvendo habilidades de coleta, organização, análise, síntese de informações e formulação de conclusões.

FONTE: Fernandes (2016) a partir de MILAN (2007).

Sendo assim, o turismo pedagógico utiliza-se de algumas técnicas para se concretizar, sendo uma das mais importantes o que a pedagogia chama de estudo do meio, que utiliza-se de um objeto para uma interação lúdica e de extra-classe. O estudo do meio “sempre foi utilizado, sempre existiu e sempre existirá, haja vista que ele enriquece os estudos do fenômeno turístico colaborando para sua epistemologia e multidisciplinaridade” (MATOS, 2012, p. 4).

Portanto, considera-se que a principal função do turismo pedagógico pode ser atuar “na condução da atividade educativa, de forma a alcançar finalidades pedagógicas por meio da experiência turística” (SCHÜLER; BROCHIER, 2016, p. 304). Este ramo do turismo é comumente usado por professores para proporcionar aos alunos novas experiências acima do que já foi aprendido antes em sala de aula e disponibilizar novos recursos que os façam adquirir conhecimento de uma forma cativante. Porém, Kushano (2013, p. 137) proclama que não são os serviços

tradicionais do turismo o mais importante nesse quesito, pois “o fim maior do turismo pedagógico não é a utilização dos equipamentos e serviços turísticos e sim, o processo educativo, sendo a experiência turística um meio de melhorar o nível de aprendizagem dos alunos”.

Segundo Hora e Cavalcanti (2003, p. 208), é importante que o aluno adquira um olhar turístico, pois assim “torna-se mais fácil a transmissão de algum conhecimento, visto que a aula ganha vida e a experiência de aprendizado do aluno torna-se algo real, com o qual ele pode interagir”. Nakamura e Machado (2012, p. 3) discorrem adequadamente sobre o sentido fundamental do turismo pedagógico:

É preciso instituir um sentido significativo às experiências pedagógicas, porque enquanto o conhecimento for ilustrado de forma fragmentada, como parte da realidade, permanecerá sempre inacabado. Através da utilização desse mecanismo facilitador do processo ensino-aprendizagem, o que mais chama a atenção é a possibilidade de se trabalhar efetivamente a interdisciplinaridade, saindo dos limites da sala de aula e apresentando um mundo de referências reais palpáveis.

A partir disso, a criança tem que estar constantemente envolvida em práticas que a tirem da rotina quando se trata do aprendizado, já que o ensino deveria mudar as práticas com base em um plano que melhor atenda as suas dificuldades cognitivas. Contudo, no sentido geral, essa tipologia de turismo pode ser igualmente benéfica para crianças que não estejam acompanhadas de seus professores, mas sim de seus responsáveis legais.

Ao considerar que o turismo pedagógico contribui de maneira benéfica para que um cidadão em idade escolar possa dispor de uma forma diferenciada de aprendizado, seja com seu grupo escolar ou acompanhado de seus responsáveis legais, permite-se basear esta modalidade no patrimônio do círculo social das comunidades. Para Marceau, Metzger e Azoury (2015, p. 49, tradução própria), “a ação pedagógica nas escolas permite que os futuros cidadãos tenham consciência do valor de seu patrimônio” por isso “as atividades culturais e educacionais em torno do tema do patrimônio devem ser desenvolvidas nos currículos escolares⁵”.

Nisso, observa-se que um conceito mais amplo de turismo cultural pode surgir a partir dos empenhos pedagógicos dos profissionais da educação ao

⁵ L'action pédagogique au sein des établissements scolaires permet une sensibilisation des futurs citoyens à la valeur du patrimoine. Les actions culturelles et pédagogiques autour du thème du patrimoine sont à développer dans les cursus scolaires.

extrapolar os espaços educacionais públicos ou particulares de ensino e direcionar os ensinamentos visando uma nova oportunidade aos estudantes. O patrimônio é uma fonte de riqueza intelectual, por isso, “como resultado, os atores do sistema educacional precisam fazer um esforço para garantir que essa riqueza seja repassada, sabendo que são necessários meios apropriados e de liberdade⁶” (MARCEAU; METZGER; AZOURY, 2015, p. 49, tradução própria).

Para Kushano (2008, p. 51):

[...] em um mundo globalizado, onde a infância avança cada vez mais diluída e diminuta, há que se preservarem todos os mecanismos da educação nos níveis formal e não formal que valorizem na criança os elementos singulares de uma infância sadia, com acesso a produção cultural na infância e para a infância”.

Adaptadamente, a atividade turística, “se planejada de modo adequado e executada por profissionais qualificados, permitirá o enriquecimento pessoal, a percepção de novas paisagens e aprendizados ao público infantil” (KUSHANO, 2008, p. 62). E no que engloba o turismo pedagógico, os museus são espaços potenciais para que se realizem ações que permitam ao público infantil usufruir do turismo cultural.

Sendo assim, em vista de uma sociedade corriqueira, onde as crianças agem com desinteresse as produções culturais devido a um corpo social moderno, o turismo pedagógico coopera a favor do conhecimento acerca do patrimônio histórico-cultural de uma localidade, por parte das crianças.

4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DO ESPAÇO PATRIMONIAL

Visto anteriormente a dimensão cultural e social que o patrimônio abriga, é válido que as propostas pedagógicas aproximem as crianças ao tema, uma vez que “as ações pedagógicas que tomam o patrimônio cultural como tema gerador, potencializam a reflexão acerca da cultura como constructo dinâmico, fruto da ação cultural dos agentes-históricos” (SCHIAVON; SANTOS, 2011, p. 8).

⁶ De ce fait, les acteurs du système éducatif ont un effort à faire pour que cette richesse soit transmise, sachant aussi qu'il faut disposer pour cela de moyens appropriés et de liberté.

Para que se pesquise uma proposta pedagógica, deve-se refletir sobre a qualidade da educação e sobre o seu efeito social. A educação abrange um conceito interessante nos dizeres de Brandão (2007, p. 10) que a define como “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. A educação para crianças, seres respeitáveis em uma sociedade, se torna fundamental para a evolução das mesmas. Conforme Medel (2011, p. 10) “a educação infantil é uma fase fundamental para o desenvolvimento global da criança, atingindo seus aspectos cognitivos, socioafetivos, psicomotor, e psicológico”.

Quando pretende-se meditar a respeito de um plano educativo, deve-se reconhecer as dimensões pedagógicas para avaliar melhor como deve ser a estruturação destas ações. Fuentes e Ferreira (2017, p. 727) explicam que a dimensão pedagógica “é a que incorpora ao trabalho os aspectos teóricos e filosóficos, alinhando-os e articulando-os com foco na sua finalidade específica, ou seja, na produção do conhecimento”. É o que permite a divisão entre teoria e prática, para melhor visualização das alternativas que devem ser seguidas.

As práticas pedagógicas têm que se adequarem as necessidades das crianças, às exigências educacionais e complementar o conhecimento de modo a contribuir com o turismo para o público infantil. Molina (2017, p. 18) verifica o processo social dentro das práticas pedagógicas ao associá-las com a arte e observa que “um objeto estético, portanto, não se restringirá a defini-lo por ser belo ou de bom gosto, mas pela experiência emocional nele evocado quando sobre a arte apreciada”. Trazer as práticas pedagógicas para incorporar à interpretação do patrimônio artístico e cultural permite oferecer à criança sentimentos pertinentes em relação ao espaço que vão além do conhecimento sobre a arte. Estas práticas podem ser físicas e lúdicas que, segundo Medina (2009, p. 85), “permitem a relação dialógica com ambientes e situações que estimulam a utilização das inteligências cognitivas, motoras e emocionais”.

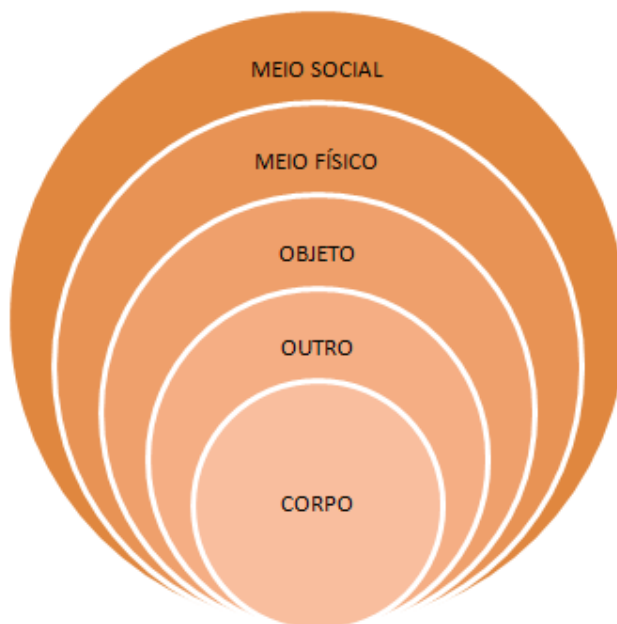
Diferentes grupos assimilam o espaço de diferentes maneiras, fato que torna necessário o uso cognitivo que melhor as representem dentro do princípio interpretativo. Para Silva (2018, p. 21), com o efeito de se determinar o espaço são necessárias “representações mentais – acerca do objeto e as capacidades mais atribuídas ao pensamento, que atuam diretamente na percepção elementar, são: a diferenciação, a comparação e a classificação”.

Trata-se de mostrar como cada edifício histórico, manifestação popular ou objeto exposto se difere entre si e apresentar as singularidades de cada um deles. Logo, fazer uma comparação entre eles e, por fim, os classificar em determinadas variantes e escolher quais farão parte do plano, bem como fazer uso do desenho e montagem da segunda etapa de Murta e Goodey (2005, p. 22) para se adequar a linguagem infantil.

Para isso, faz-se necessário um estudo para compreender o desenvolvimento infantil. A pesquisa desempenhada por Gomes (2005, p. 7), valendo-se de grandes personalidades da psicologia como Piaget, Vygotsky e Wallon, com base a explorar o desenvolvimento da criança, observou “o modo como a criança estabelece contato com o meio circundante, percebe este meio, assimila a experiência cultural e se torna parte ativa do sistema de grupos sociais que constitui seu ambiente”. Por meio deste, analisou-se cinco fases de relações através das estratégias cognitivas de acordo com Gomes (2005, p. 10-11):

- Corpo: A cognição se dá pela interação direta do corpo com o estímulo, ou seja, não há elementos intermediários. Estratégia mais concreta.
- Outro: A atividade cognitiva passa a ser mediada por um outro humano que se interpõe nas ligações entre a criança e o mundo.
- Objeto: O instrumento surge como mediador da atividade cognitiva. É o processo de individualização da percepção dos estímulos.
- Meio físico: A criança explora as relações entre os objetos, organizando o seu universo espacial, com vivências intensas no campo da categorização, globalizando suas esferas de experiências. É o estágio da generalização da percepção.
- Meio social: A criança reorganiza o seu campo perceptivo, passando a atividade cognitiva a ser medida pelos instrumentos de comunicação. É sempre um momento de interdição, de mudança qualitativa, quando a criança passa a submeter sua atividade às influências socioculturais, funcionando simbolicamente.

FIGURA 3 – DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Adaptado de Gomes (2005)

O desenvolvimento infantil permite o conhecimento do mundo ao seu redor. Chega, de acordo com Silva (2018, p. 22) “à representação dos elementos de espaço, descobrindo formas e dimensões”. Permite-se, à vista disso, a inclusão nos espaços patrimoniais.

À medida que a criança transita entre a estratégia mais concreta (corpo) e a mais simbólica (meio social), incorpora para si o meio externo e descobre o que antes para ela era um mistério. Atinge, então, a capacidade simbólica por volta do terceiro ano de vida, pois, como explicam Fonsaca e Araújo (2011, p. 12344), “na segunda infância (3-6 anos) a criança começa a construir no plano da representação aquilo que já havia conquistado no plano da ação prática, em virtude do desenvolvimento da capacidade simbólica”.

Para isso, durante todo o processo de desenvolvimento infantil, a partir da segunda infância, é indispensável que o adulto aja como mediador na aprendizagem cultural dos menores. Gomes (2005, p. 29) esclarece que “com sua dupla função de mediador de informação e mediador de cultura, o educador-informador-formador é peça-chave na organização da aprendizagem, da socialização e do comportamento da criança” e, ainda:

[...] os instrumentos teóricos-práticos devem estar a serviço do processo de aprendizagem onde o sujeito é a criança. O mediador é um representante da cultura, e o objeto é a cognição, a capacidade de decodificar o mundo de modo a interagir com ele e sobreviver de forma humana. (GOMES, 2005, p. 29)

Dentro da formação cultural, podem exercer a tarefa de mediadores:

- Os pais, avós e outras pessoas próximas;
- Profissionais do magistério e;
- A sociedade em geral.

Desta forma, todos devem trabalhar em conjunto com o intuito de formar a identidade cultural deste público, e o patrimônio cultural serve como agente propulsor para a concretização deste propósito. O dever dos mediadores, segundo Pereira (2010, p. 50), é o de promover “direito ao acesso e permanência a espaços educativos e o direito a uma educação infantil que de fato as considerem enquanto sujeitos e atores sociais”. O patrimônio cultural material e imaterial pode, assim, se tornar uma extensão dos recintos de conhecimento e servir como um espaço educativo.

O pernambucano Paulo Freire dedicou a sua vida em prol da educação de crianças, jovens e adultos. Para ele, as práticas pedagógicas servem como reflexão da origem, natureza e limites dos atos cognitivos:

A prática educativa é naturalmente gnosiológica e não é possível conhecer nada a não ser que nada se substantive e vire objeto a ser conhecido, portanto, vire conteúdo. A questão fundamental é política. Tem que ver com: que conteúdos ensinar, a quem, a favor de quê, de quem, contra quê, contra quem, como ensinar. Tem que ver com quem decide sobre que conteúdos ensinar, que participação tem os estudantes, os pais, os professores, os movimentos populares na discussão em torno da organização dos conteúdos programáticos. (FREIRE, 1995, p. 45).

Por certo, a educação é uma filosofia e depende de tal, sendo uma prática social. Isso é comprovado por Brandão (2007, p. 74) na ocasião em que dita o fato de que a educação é “resultado da consciência viva de uma comunidade humana, quer se trate da família, duma classe ou duma profissão, quer se trate dum agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um Estado”.

Ademais, percebe-se que a criança é curiosa, gosta de estar em movimento, interagir com o seu meio e participar de atividades que lhe tragam diversão. É inquestionável que “o brincar é elemento essencial para que o sujeito se constitua,

necessário para seu desenvolvimento, aprendizagem, bem como para compreender o mundo social e cultural” (NARCISO et al, 2016, p. 32). Donaldson (1994, p. 128) expõe que:

Na vida de uma criança, a alegria com o envolvimento imediato do corpo em atividades que exijam habilidade começa cedo e espontaneamente. [...] O exercício posterior da capacidade de reflexão também provoca alegria – mas uma alegria que não vem sem ajuda. [...] E o resultado provável seria uma vasta libertação de energia criativa.

Cabe aos planejadores prestarem essa ajuda ao criarem mídias de interpretação do espaço turístico baseando-se nas práticas educativas que aproximem a criança ao espaço cultural. Brandão (2007, p. 47) complementa que “é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando”. Narciso et al. (2016, p. 30) falam sobre as necessidades dos menores e concordam que “o educador tem o papel de estimular essas manifestações, ampliando o repertório vivencial das crianças, por meio de atividades que possibilitem elas virem, ouvirem, sentirem e experimentarem”. Consequentemente, “é imprescindível que os ambientes proporcionem, de maneira rica e diversa, estímulos orientados para que possa se desenvolver com o seu próprio formato, pessoal e único” (MEDINA, 2009, p. 94), até mesmo fazendo uso do lúdico.

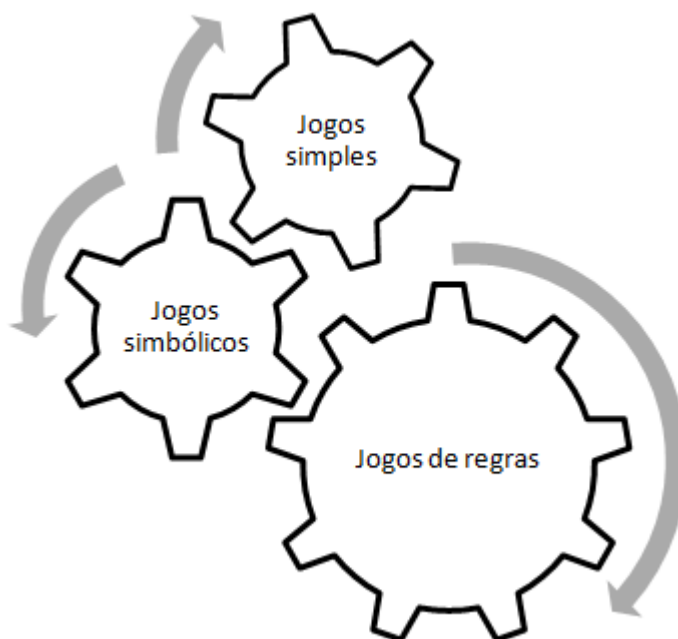
O lúdico pode vir a contribuir com a atividade turística se bem planejado. De acordo com Hora e Cavalcanti (2003, p. 208), “a necessidade que o ser humano tem do lúdico, de diversão, constitui-se em forte argumento para a importância que se dá ao turismo”. Fazer uso desta prática cria novas experiências aos turistas de todas as idades, quanto pode ser de ainda mais serventia para as crianças.

As atividades lúdicas são modos implantados para que, durante a infância, se crie um meio social em que seja possível o desenvolvimento de um senso crítico. Assim sendo, “a prática do lúdico possibilita a criança desenvolver a boa imaginação e interpretação” (ARRABA et al, 2014, p. 268). Nestas atividades podem estar inclusos os jogos, em conjunto ou digitais. Medina (2009, p. 89) enuncia que “através do jogo, muitas coisas podem ser discutidas, analisadas, criticadas e vivenciadas, sem correr riscos”. O jogo tem o poder de facilitar o aprendizado sobre assuntos que geralmente são difíceis de aprender, como o patrimônio pode ser para as crianças. Rosa e Nisio (2002, p. 41) dizem que “quando há interesse pelo que

está sendo ensinado, a criança canaliza suas energias para aquilo que está sendo apresentado e faz com que automaticamente a disciplina aconteça”.

O psicólogo francês Jean Piaget (1975, p. 149-187) exemplificou qual é o envolvimento da criança com os jogos e a relação deles com o seu desenvolvimento, separando-os em três estágios: jogos de exercícios simples, jogos simbólicos e jogos de regras. Para o desenvolvimento desta pesquisa, interessa os jogos simbólicos, que se constituem “numa assimilação funcional que permite ao sujeito consolidar seus poderes sensório-motores (PIAGET, 1975, p. 156), mas, principalmente, serve ao estágio dos jogos de regras, que se desenvolve na segunda e terceira infância - dos quatro aos onze anos de idade - e nunca mais desaparece, acompanhando o sujeito até o fim de sua vida.

FIGURA 4 – OS JOGOS SEGUNDO PIAGET



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Adaptado de Piaget (1975)

Os jogos de regras, segundo Piaget (1975, p. 182), são as atividades lúdicas realizadas pelos seres que se socializam, dado que “com efeito, tal como o símbolo substitui o exercício simples logo que surge o pensamento, do mesmo modo a regra substitui o símbolo e enquadra o exercício quando certas relações sociais se

constituem”. O segundo estágio, portanto, como atividade lúdica, é importante para o desenvolvimento do estágio dos jogos de regras.

Como algo que pode ser utilizado nos jogos, as inovações tecnológicas representam os dias atuais, cujas pessoas absorvem informações rapidamente e muito facilmente por meio de telas e estão cada vez mais dependentes delas para muitas atividades do seu dia-a-dia. Compreendido isso, “quando utilizamos recursos tecnológicos digitais, possibilitamos as crianças a ter contato com imagens, sons e movimentos muito mais próximos do real” (MAGALHÃES, RIBEIRO, COSTA, 2016, p. 9) garantindo que desta forma elas adquiram novas perspectivas através da cultura e do turismo por meio da interação. Portanto, além das práticas que envolvam suas habilidades pessoais, também pode-se recorrer a tecnologia.

Recomenda-se usar na aplicação destes projetos as tecnologias digitais, que:

[...] são caracterizadas por um conjunto de tecnologias que trabalham com sistemas binários, ou seja, uma sequência finita de 0 e 1. Esses recursos fazem parte integral de nossa vida, inclusive na vida das crianças, que por sinal, já nascem em um mundo em que as tecnologias digitais são instrumentos fundamentais. (MAGALHÃES; RIBEIRO; COSTA, 2016, p. 8).

Martínez (2015, p. 341, tradução própria) esclarece que incluir as mídias digitais “não se refere somente a possibilidade de contar com o acesso as tecnologias digitais e ao equipamento, como também as formas em que estas são utilizadas e ao acesso aos bens culturais e simbólicos que possibilitam⁷”. É fundamental refletir sobre como deixar a experiência mais interativa e atrativa para o público infantil. Porém, as tecnologias devem ser usadas com moderação para que não se percam os propósitos iniciais de aprendizado patrimonial.

Deve-se, com estes pontos estudados, propor práticas educativas e assim colocar a disposição das crianças no patrimônio histórico, turístico e cultural. Pickard (1975, p. 118) argumenta sobre essa necessidade de renovação quando se pensa o ensino para o público infantil:

⁷ No se refiere solamente a la posibilidad de contar con acceso a las tecnologías digitales y al equipamiento, sino también a las formas en que éstas son utilizadas y el acceso a los bienes culturales y simbólicos que posibilitan.

Em seus jogos, qualquer que seja sua idade, as crianças revelam irresistível atração para o brinquedo, para o prosseguimento de suas atividades com sustentada atenção, sendo incansáveis na repetição. [...] A única coisa que não pode ser ensinada às crianças é como aprender. Isto nasce nelas, talvez possivelmente atuando antes do nascimento. A única coisa, que podemos fazer, é organizar para elas a realização de sua aprendizagem.

Estas alegações de Pickard nunca se apresentaram tão atuais quando nesta década, onde as crianças se apresentam cada vez mais exigentes e impacientes. Um lápis e um papel podem ser para elas a porta para um mundo imaginário, porém representativo. Assim também como videogames, tabletes e celulares se tornaram o principal brinquedo das crianças de todo o mundo, até mesmo pelos variados jogos que podem ser acessados por apenas uma tela, tornando-se um processo repetitivo. Estes são os modos pelos quais as crianças brincam nos tempos atuais, e cabe a sociedade se adequar a esta tendência, utilizando-se das práticas pedagógicas pelo bem da cultura.

Como exposto ao longo deste capítulo, a criança pode e deve se inserir na atividade turística, sendo o turismo pedagógico um segmento do turismo cultural que permite ações educativas para este público. Além disso, foi possível compreender que as práticas pedagógicas podem ser usadas para estimular o desenvolvimento cognitivo das crianças e cooperar com o aprendizado e, para isso, se fazem necessárias políticas públicas voltadas para este intuito.

5 DISCUTINDO PROPOSTAS EDUCATIVAS EM MUSEUS

Os museus representam um potencial para a expansão do turismo pedagógico a partir da cultura e do patrimônio como constructo de um roteiro educativo. Nestes locais são expostos itens de grande preciosidade nos âmbitos culturais, artísticos, ambientais, entre outras, cada qual com a sua importância para o público local e para os turistas.

Dias (2006, p. 218) exalta o museu como “uma instituição cuja matéria-prima é a cultura em sua expressão mais ampla”. No argumento de Pires (2002, p. 37), em relação aos museus, “uma nova concepção o transformou em um espaço de educação extraclasse, contribuindo, desta forma, para o cumprimento de uma das suas grandes metas: a pedagógica”.

Os itens expostos são, em grande parte, doados ou comprados para que possam estar à disposição da comunidade, já que são peças que, devido a sua dimensão artística, histórica e cultural, não devem ser armazenadas onde não será possível a contemplação de sua beleza. O museu, em vista disso, “abriga coleções, recursos humanos e capacidade de representação de diferentes grupos humanos, de modo a elaborar identificações com as coletividades nas quais está territorialmente inserida [...]” (DIAS, 2006, p. 218).

Compreendido isso, “é fundamental o planejamento das atividades que serão ofertadas ao visitante e como será a experiência deste com o acervo e com os espaços do museu” (RODRIGUES, 2018, p. 22).

O Conselho Internacional de Museus – ICOM – gerou o Código de ética dos museus, ao qual diz que:

Os museus têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. (ICOM, 2008, p. 19).

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014, p. 25), autarquia do Ministério da Cultura, reitera que estes locais devem estar preparados para receber crianças e deficientes e garantir que eles tenham acesso ao conteúdo assim como os demais públicos, porque, “é importante que o museu desenvolva atividades educacionais ou jogos didático-pedagógicos complementares e tenham em seus

quadros mediadores preparados para atender a esses públicos”. Kushano (2013, p. 137) complementa ainda sobre a gestão criativa do museu e seus objetivos e desafios, “torná-los atrativos às crianças, assim como para os demais públicos-alvo, requer adequações, tais como funcionários capacitados, atividades e folhetaria direcionada, dentre outros aspectos”. Porém, pouco se considera a respeito de práticas diferenciadas em que o público infantil possa fazer uma visita autoguiada, solução viável já que muitos museus não dispõem de mediadores a todo o momento, principalmente nas visitas espontâneas, onde geralmente se concentram os turistas. Novamente, deve-se dar ênfase ao uso das mídias interpretativas nos museus em prol das necessidades da criança, como as adequações de uma gestão criativa destacada pela autora.

O IBRAM e a autora demonstram a preocupação com a inclusão de um público que deve crescer em meio aos elementos culturais, mas que por vezes não encontram programas que falem a sua linguagem e favoreçam o turismo pedagógico e o patrimônio cultural.

No exterior, a aplicação de formatos diferenciados em museus tem surtido o efeito desejado ao atrair novos públicos para seus interiores:

As transformações que vêm ocorrendo, no sentido de modernização e, em particular, da comunicação atualizada, têm aumentado consideravelmente o interesse das pessoas em frequentar os museus, a ponto de algumas pesquisas já terem apontado um público maior, em algumas cidades européias, do que o que vai aos teatros e aos cinemas. E isso, naturalmente, também afetou o público infantil, para quem têm sido oferecidas exposições interativas e atividades dirigidas às crianças cada vez mais jovens acompanhadas ou não de seus familiares: avós, pais e irmãos. (VALENÇA, 2012, p. 140).

Isto posto, os museus agregam história e cultura, enquanto oferecem recreação para alinhar memória e sociedade. Sem embargo, Rodrigues (2018, p. 19) indica que “esse entendimento atual sobre os museus é resultado das mudanças de suas funções e também do relacionamento da sociedade com esses espaços”. A nova concepção de museu, de acordo com Dias (2006, p. 219) “exige que seu trabalho passe a concentrar-se nos atores excluídos, de modo a destacar as diferenças existentes [...], a expressão da diversidade cultural”.

O museu nos dias atuais está deixando de ser categorizado como um local que apenas abriga coleções de antiguidades, pois esta noção “está sendo ultrapassada pelo uso de recursos tecnológicos, os quais proporcionam maior

interação entre o museu e o visitante, de modo a tornar a experiência deste mais intensa e marcante” (CAVENAGHI; NASCIMENTO; PEREIRA, 2014, p. 135). Certamente, para esta finalidade, o museu tem o encargo de ser o mais exploratório que sua gestão permitir, técnica pela qual o visitante possa interagir com o acervo exposto, já que o mesmo compreenderá melhor pela sua participação direta.

Bertha Maria Júlia Lutz (LUTZ, 2008) visitou cinquenta e oito museus em território norte americano durante o ano de 1932 e constatou como estas instituições vinham implantando a interatividade para aproximar as crianças com seus acervos. Um destes meios percebidos foram os métodos dinâmicos, através do som e do movimento que tornam muito mais atrativos os museus que fazem uso destes. Em seu relato:

O gotejar de água na reprodução de uma floresta paleobotânica no Museu de Albany contribui para dar uma impressão de realidade. Até o fogo já tem sido utilizado como acessório no Museu. [...] Sendo visível através da vitrine, serviu para atrair o público para o interior da casa, pelo apelo intuitivo ao instinto que se volta para o lar. (LUTZ, 2008, p. 63).

Outra técnica verificada foram os cinemas nas salas, já que, segundo Lutz (2008, p. 64) “uma das modalidades mais interessantes do movimento introduzido nos museus é a projeção nas próprias salas de exposição de fitas cinematográficas, que duram apenas alguns momentos”.

Outros meios constatados foram as atividades com propósitos recreativos, a exemplo dos jogos, onde nos museus estudados foi visto que as crianças jogavam *game cards* com perguntas ou frases incompletas sobre o que aprenderam durante sua visita, pelas quais as mesmas deviam responder ou completar as questões (LUTZ, 2008, p. 89).

Atualmente, é possível dedicar-se a complementar estas ações ou planejar outras propostas que operem com os equipamentos que a sociedade dispõe na atualidade. Nisso, surge o conceito de design de interação, um método que pode vir a ser muito requisitado para o cumprimento destas atividades. Investir no design de interação nesses ambientes significa levá-los a um novo patamar a partir de práticas que facilitem o aprendizado e cooperem com o turismo pedagógico:

[...] o design de interação é o processo de criar ferramentas que as pessoas podem usar para aprender. Um objeto interativo é aquele que usa a entrada do usuário para ativar ou, melhor ainda, para gerar

sua saída. Juntamente com artefatos, narração de histórias e design de ambientes, os objetos interativos representam mais uma ferramenta que os designers do museu têm em seu arsenal ao criar experiências para os visitantes. (GSM, 2017, tradução própria)⁸.

Constata-se que “a interatividade que vem sendo apresentada nos museus por meio de recursos tecnológicos passa a ideia ao visitante de unidade com a exposição, de modo a fazê-lo sentir-se parte do cenário a ser visitado (CAVENAGHI; NASCIMENTO; PEREIRA, 2014, p. 135).

Com a interatividade, os museus passam sua mensagem ao público de uma maneira dinâmica, desenvolvendo os sentidos dos visitantes. Então, fica claro que estes espaços devem servir a comunidade, logo o público infantil perceberá os museus “como provocadores da história e formadores da consciência histórica, criando sentidos de orientação no tempo, experiencição do passado e interpretação histórica, numa verdadeira aventura cognitiva (COMPAGNONI, 2009, p. 24). Por conseguinte, pode-se afirmar que os sentidos de orientação, de experiência do passado e de interpretação da história são resultados da justa interação do público com o que está exposto nos museus, permitindo a forma educativa adequada às necessidades da sociedade moderna:

Para assumir seu caráter educativo, o museu coloca-se, então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico. Mas só isso não basta. Torna-se necessário desenvolver programas com o intuito de sensibilizar os visitantes para uma interação com o museu. Não se trata da simples “formação de platéia”, a valorização do museu como forma de criar cultura mais refinada. Antes de tudo, objetiva-se o incremento de uma educação mais profunda, envolvida com a percepção mais crítica sobre o mundo do qual fazemos parte e sobre o qual devemos atuar de modo reflexivo. (RAMOS, 2004, p. 20).

Este envolvimento com o público requer projetos e parcerias através dos quais as pessoas deixarão de ser a platéia criticada pelo autor. No Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) consta como sendo primordial “ampliar parcerias entre os museus e o setor turístico, propiciando a inclusão, o respeito e a valorização da diversidade cultural” (IBRAM, 2010, p. 74).

⁸ Interaction design is the process of making tools that people can use to learn. An interactive object is one that takes user input to activate, or better yet, to generate its output. Along with artifacts, storytelling and environment design, interactive objects represent one more tool museum designers have in their arsenal as they craft experiences for visitors.

Assim, “no âmbito de museus e casas históricas, a interpretação, realizada com o uso de sedutoras técnicas interativas, amplia a compreensão popular sobre sítios e coleções históricas” (MURTA; GOODEY, 2015, p. 19). Como resultado, muitos museus se localizam nas dependências de casas históricas, em palácios antes pertencentes a pessoas influentes ou em outros lugares de consideráveis apelos patrimoniais. Desta forma, nestes casos, somente suas estruturas já se tornam um atrativo turístico, e, somando as suas exposições, se tornam referência em importantes âmbitos, pela educação patrimonial e cultural a que remetem. Na história, posteriormente a Revolução Francesa, no ano de 1789, desde que a burguesia teve acesso aos bens a partir da visita em museus, “uma nova concepção foi incorporada ao universo museal: a noção de patrimônio” (VASCONCELLOS, 2006).

Porém, somente investir em mídias interpretativas que dêem entendimento ao patrimônio não atrairá muito mais público aos museus, especialmente aqueles que carecem de atividade turística. Portanto, uma boa jogada de marketing é necessária para que as ações implantadas se tornem conhecidas pela população e pelos turistas. Lutz (2008, p. 43-44) confirma a dimensão que o museu pode alcançar caso se torne conhecido pela sociedade, pois já que o museu na concepção atual “deseja ingressar conscientemente na vida do povo, o primeiro passo a dar consiste em levar ao conhecimento do público a sua existência e as modalidades pelas quais espera contribuir para o progresso da educação popular”.

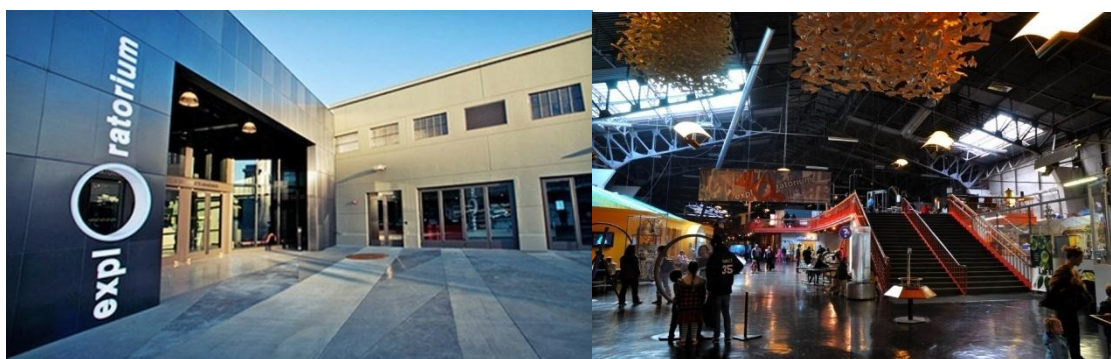
Sendo assim, após estas análises, compreende-se que a interação infantil permitirá que os moradores e turistas saiam satisfeitos pelas ações que foram realizadas. Pela declaração do IBRAM (2014, p. 43), é certo que “uma criança satisfeita quer dizer uma família satisfeita; ela possivelmente será também um futuro adulto visitante e, eventualmente, um pai/mãe amigo(a) do museu”. Por isso, ratifica-se que quando os programas cumprem o seu propósito criam no público infantil um amor pela cultura e pelo espaço museológico.

5.1 EXEMPLOS DE MUSEUS INTERATIVOS

Para fins de compreender como os museus têm inovado na disposição do acervo e na interatividade, principalmente para as crianças, este tópico apresentará alguns exemplos destes museus em território estrangeiro e nacional.

Nos Estados Unidos, mais precisamente em São Francisco, há o *Exploratorium*, um museu que ensina as ciências através da percepção do visitante. Possibilita que este “entre em um tornado, vire de cabeça para baixo em um espelho curvo gigante, caminhe sobre uma ponte coberta de neblina e visite mais de 650 exposições práticas” (EXPLORATORIUM, 2019). Localiza-se na Baía de São Francisco e sua visão é, segundo a própria empresa, de “um mundo onde as pessoas pensem por si e possam fazer perguntas com confiança, questionar as respostas e entender o mundo ao seu redor”.

FIGURA 5 - EXPLORATORIUM



FONTE: Groupon (2019); Dicas da Califórnia (2019)

Ainda neste país, na costa leste, localiza-se o *National Museum of Mathematics* – MoMatch, museu em Nova Iorque que permite ao visitante aprender a matemática com divertidas interações. Confia-se que “suas exposições dinâmicas, galeria e programas são projetados para estimular a investigação, despertar a curiosidade e revelar as maravilhas da matemática⁹” (MOMATCH, 2019, tradução própria).

⁹ Its dynamic exhibits, gallery, and programs are designed to stimulate inquiry, spark curiosity, and reveal the wonders of mathematics.

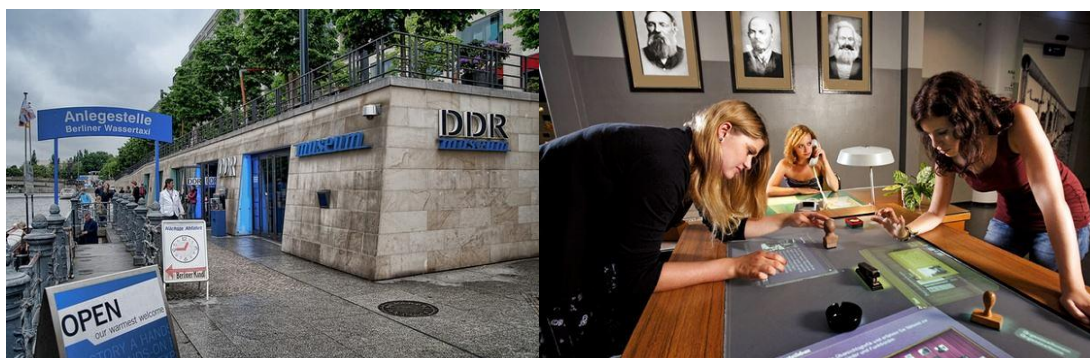
FIGURA 6 – NATIONAL MUSEUM OF MATHEMATICS



FONTE: MoMatches (2019); Harbolic Crochet (2018)

O *Deutsche Demokratische Republik*, ou simplesmente DDR, localiza-se em Berlim, Alemanha, e é responsável por contar a história da Alemanha Oriental de uma maneira bem dinâmica. Neste, a “exposição incentiva seus visitantes a tocar, sentir e interagir, de modo a alcançar uma compreensão completa e divertida do passado¹⁰” (DDR, 2019, tradução própria). Exibe grande apelo ao muro de Berlim, que separou o país em duas nações durante a Guerra Fria.

FIGURA 7 – DEUTSCHE DEMOKRATISCHE REPUBLIK



FONTE: Placesonline (2019); Localberlintour (2019)

Também no continente europeu, encontra-se em Portugal o Lisboa *Story Centre*, que “através do uso de cenografia, multimídia e experiências sensoriais, são apresentados relatos dramáticos dos principais eventos da memória da cidade, [...] explorando mitos e realidades desta cidade milenar” (LISBOA STORY CENTRE, 2019). Quem visita o espaço pode explorar a arquitetura da cidade por meio de uma

¹⁰ Exhibition encourages its visitors to touch, feel and interact, so as to reach a fun and full understanding of the past.

maquete virtual, envolver-se com as caravelas portuguesas e até mesmo sentir-se no grande terremoto de 1755, o qual arrasou a cidade.

FIGURA 8 – LISBOA STORY CENTRE



FONTE: Lisbonshoppingdestination (2019); Matraqueando (2015)

Em Tóquio, Japão, há o contemporâneo museu Miraikan, um lugar onde pode-se entender as coisas que acontecem no mundo hoje do ponto de vista científico, e ter discussões enquanto considera-se o futuro que espera a raça humana. Os visitantes podem experimentar o progresso tecnológico atual, desde questões simples do dia-a-dia até as mais recentes tecnologias, o ambiente global, a exploração do espaço e a ciência da vida¹¹ (MIRAikan, 2019, tradução própria).

FIGURA 9 - MIRAikan

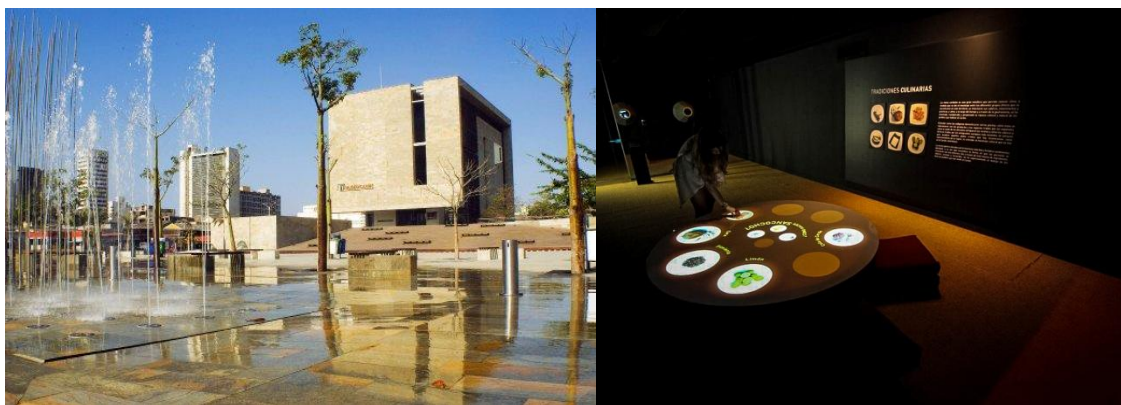


FONTE: Miraikan (2019); Japanvisitor (2019)

¹¹ A place where we can understand the things happening in our world today from a scientific point of view, and have discussions while considering the future that awaits us. Visitors can experience the technological progress of today, from simple day-to-day questions, to the latest technologies, the global environment, space exploration and life science.

Representando os países de língua castelhana, em Barranquilla, litoral da Colômbia, dispõe-se do *Museo Del Caribe*. Localiza-se no centro histórico da cidade, e por meio deste os visitantes são incluídos em atividades que contam a história local, onde podem inclusive “cozinhar” pratos locais por meio das telas. É possível também “visitar a biblioteca multimídia Macondo, especializada na obra de Gabriel García Márquez, e ver exposições sobre temas como música e festas, literatura, cultura indígena e natureza da região” (GOVERNO DA COLÔMBIA, 2019).

FIGURA 10 – MUSEO DEL CARIBE



FONTE: TripAdvisor (2019); 32Bits (2019)

Em relação ao Brasil, na capital de São Paulo há o Museu da Língua Portuguesa (MLP), que mostra a importância do idioma português através de sua história com o uso da tecnologia. É, portanto, um museu interativo, já que permite que o visitante interaja com a exposição. Neste, pode-se reparar “que a atual museologia adota as novas tecnologias em busca de uma melhor interação, compreensão e sentimento de unidade entre o museu e o turista visitante”, como declarado por Cavenaghi, Nascimento e Pereira (2014, p. 135). Abrigava-se na Estação da Luz, uma estrutura tombada pelo patrimônio histórico, até que um incêndio o atingiu em 2015. Antes, “o público era convidado para uma viagem sensorial e subjetiva pela língua, que incluía filmes, audição de leituras e diversos módulos interativos” (MLP, 2019). Registra-se que até o fechamento desta pesquisa o museu se encontrava em reforma.

FIGURA 11 – MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA



FONTE: Saltandcitytours (2019); MinhaBiblioteca (2015)

Também em São Paulo, encontra-se um museu de ciências, o Catavento Cultural, de apoio da Secretaria de Estado da Cultura, por meio de sua Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM). Foi criado para ser um espaço interativo que apresenta a ciência de forma instigante para crianças, jovens e adultos e tem sido um grande fenômeno de público, tendo atingido a marca de dois milhões e meio de visitantes em apenas seis anos de operação, tendo sido o museu mais visitado do estado por três anos consecutivos (CATAVENTO CULTURAL, 2019). Neste local é permitido tocar um meteorito de verdade, conhecer o corpo humano por dentro e entender como funciona um gerador de energia. Insere-se igualmente em um edifício histórico, o Palácio das Indústrias, construído entre 1911 e 1924.

FIGURA 12 – CATAVENTO CULTURAL



FONTE: Passear e Fotografar (2014); Cidade de São Paulo (2019)

O Museu de ciências e tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) também apresenta esta mesma temática. Se localiza em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e suas exposições foram elaboradas para valorizar

“a participação do visitante que, ao se envolver em experiências lúdicas e inusitadas, torna-se protagonista de seu próprio aprendizado” (PUCRS, 2019).

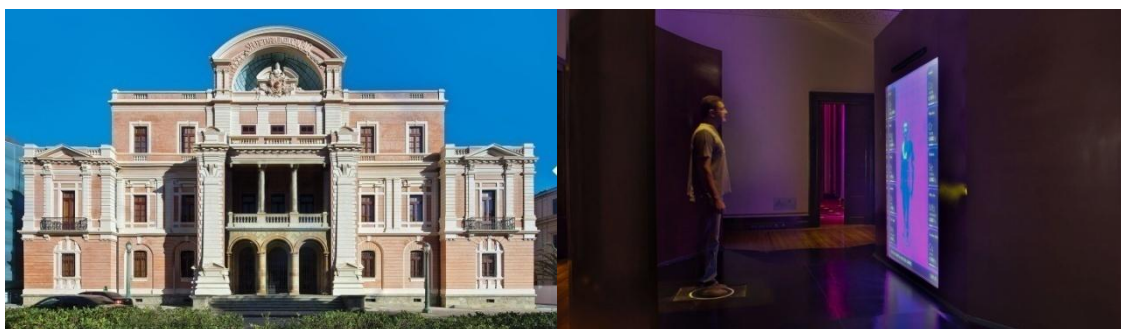
FIGURA 13 – MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA PUCRS



FONTE: Jornal do Comércio (2019); PUCRS (2018)

O Museu das Minas e do Metal de Belo Horizonte, Minas Gerais, conta a história da mineração com uma tecnologia que permite, por exemplo, simular a visita até as minas subterrâneas em um elevador onde a história é contada por personagens digitais. O que se propõe é “colocar a mineração e a metalurgia em perspectiva histórica e desvendar o papel do metal na vida humana, ilustrando sua diversidade, características, processos produtivos e sua inserção no imaginário coletivo” (MMGERDAU, 2019b). A estrutura que abriga o museu é o Prédio Rosa, inaugurado em 1897 para ser a Secretaria do Interior. Esta construção “faz parte do conjunto arquitetônico da Praça da Liberdade, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico - IEPHA, em 1977” (MMGERDAU, 2019a).

FIGURA 14 – MUSEU DAS MINAS E DO METAL



FONTE: MMGERDAU (2019)

No Estado do Rio de Janeiro, na capital fluminense, situa-se o moderno Museu do Amanhã, museu de ciências aplicadas inaugurado em 2015 que permite a reflexão do futuro da humanidade através da conscientização acerca da sustentabilidade e da comunhão entre as espécies. Este “busca também promover a inovação, divulgar os avanços da ciência e publicar os sinais vitais do planeta” (MUSEU DO AMANHÃ, 2019), permitindo-se o uso do lúdico e da tecnologia para atingir seus objetivos.

FIGURA 15 – MUSEU DO AMANHÃ



FONTE: Museu do Amanhã (2019)

Sobre a interatividade nos museus, com base em uma concepção visando envolver o público infantil com os espaços de aprendizagem e de lazer, apresenta-se uma definição instituída a princípio pelo *Victoria and Albert Museum*, em Londres, Reino Unido, trazido ao Brasil como um Projeto de Extensão do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), no ano de 2005. Trata-se do *Museum of Childhood*, o Museu da Infância, que:

consubstancia-se como um espaço de preservação, produção e circulação da produção científica e artístico-cultural para, sobre e da infância, visando contribuir para ampliação de repertório artístico-cultural de crianças e adultos, na reformulação dos processos de formação de educadores, nos projetos de ação pedagógica das escolas e demais instâncias culturais, dando subsídios para pesquisadores da infância e para políticas públicas de educação e de acesso à cultura. (LEITE, 2012, p. 339).

Nestas, realizam-se atividades lúdicas por meio de oficinas, brincadeiras, filmes, palestras, apresentações e exposições, entre outros exercícios dinâmicos. Portanto, para Carvalho e Lopes (2016, p. 919), “museus não são apenas lugares de apropriação/fruição, mas também de produção/criação” já que, “pelo ato de brincar,

a criança vê e ressignifica a cultura por meio de diferentes linguagens que ampliam sua visão sensível sobre o mundo”.

FIGURA 16 – V&A MUSEUM OF CHILDHOOD



FONTE: TIME OUT (2018); BT (2018)

Este tipo de museu tem feito a diferença entre as propostas de uma educação personalizada para cumprir com os objetivos pedagógicos de uma geração que se apresenta a cada década mais agitada em relação às crianças de tempos passados. Por certo, segundo Leite (2012, p. 340), o Museu da Infância “tem se assumido como um espaço sem fronteiras rígidas; [...] receptivo, acolhedor; locus de descobertas e aguçamento de sentidos daqueles que por ele transitam, carregando suas marcas históricas, sociais e culturais”.

Com a implantação destes espaços, é possível “estimular a criança a brincar com palavras, ouvir histórias, explorar sua capacidade expressiva por intermédio das linguagens artístico-culturais, desenhando, pintando, modelando, fotografando, cantando, dançando, dramatizando etc” (CARVALHO; LOPES, 2016, p. 919).

No Brasil, pode-se citar como exemplos de espaços museológicos que atendam a estes propósitos, conscientemente ou não, o Museu dos Brinquedos de Belo Horizonte, o Museu da Vida em Curitiba, o Museu Imperial de Petrópolis, o Museu da Infância e dos Brinquedos e o Museu Brinquedim, ambos em Fortaleza, e o Museu da Imaginação de São Paulo, bem como o Catavento Cultural.

5.2 SOBRE O MUSEU PARANAENSE

O Museu Paranaense, em Curitiba, está inserido no centro histórico da capital paranaense, detentor de inúmeras estruturas de valor patrimonial e que são

tombadas pelos poderes competentes. A maior parte dessas estruturas do centro histórico se localiza no bairro do São Francisco, na área central da cidade.

Quando fundada oficialmente a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus de Pinhais, no ano de 1693, o que mais tarde viria a ser Curitiba, a região do São Francisco abrigava uma população singela. Já nesta época, o bairro era o ponto de desenvolvimento da vila, aonde os recém chegados se instalavam e abriam comércios de modo a gerar a economia local. Da mesma forma, a cultura curitibana se moldava aos poucos a partir das inúmeras influências que recebia dos povos vindouros. Fenianos (1998, p. 15) conta que “começava a história de um bairro que foi palco para o obstinado desejo do ser humano de expandir sua fé e cravar a marca da cultura no mundo natural”.

Nada obstante, o museu foi inaugurado em 1876, inicialmente na atual Praça Zacarias, e possuía um acervo de 600 peças, se tornando o primeiro museu do estado do Paraná e o terceiro do Brasil. Na época, como conta a Secretaria de Estado da Cultura (SEEC, 2010, p. 121), “o museu desempenhou preponderante papel na vida social da capital, recebendo, inclusive, em 1880 a visita do imperador D. Pedro II e de sua comitiva”. No ano de 1882, passou para a gestão pública, sob a tutela do governo, se tornando um centro de pesquisas. O acervo do museu já passou por seis locais até que se fixasse em seu espaço atual, o Palácio São Francisco (MUSEU PARANAENSE, 2019).

Este palácio representa o período de transição entre o ecletismo neoclássico e o modernismo, e também conserva influências alemãs. Teve construção ordenada por Júlio Garmatter, próspero fazendeiro paranaense, que ali residiu de 1929 a 1936, com sua família. Atendendo ao apelo que lhe fez seu amigo Manoel Ribas, interventor do Estado, Garmatter vendeu em 1938 a propriedade ao governo do Paraná para instalação da sede governamental (LYRA; PARCHEN; FILHO, 2006, p. 166). Percebe-se que o então proprietário do palácio habitou por poucos anos em sua residência antes que o poder público estadual tomasse posse do lugar, ressaltando a importância que a estrutura tinha já naquela época.

Após algum tempo, em 1961, foi construído um novo anexo ao palácio com a finalidade de levar o Tribunal Regional Eleitoral para suas dependências, onde se firmou até que mudasse para o bairro do Prado Velho (MUSEU PARANAENSE, 2019). Mais tarde, abrigou o acervo do Museu de Arte do Paraná. Neste prédio, tombado em 1986 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, foi realizada uma

obra de restauração em 2002, quando foi construído o segundo anexo ao palácio. Logo, em 2003, transferiu-se finalmente o Museu Paranaense para o local (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2010, p. 121).

FIGURA 17 – MUSEU PARANAENSE



FONTE: Prefeitura de Curitiba (2019); TripAdvisor (2019)

Atualmente, o Museu Paranaense possui um acervo de aproximadamente 400 mil itens, entre objetos de uso pessoal, mobiliário, armas, uniformes, indumentárias, documentos, mapas, fotos, filmes, discos, máquinas, equipamentos de diversas espécies, moedas, medalhas, porcelanas, pinturas em diversas técnicas e esculturas, além de grande acervo arqueológico (lítico, cerâmico e biológico), antropológico (cestaria, plumária, armas, adornos e cerâmicas indígenas), bem como retratos a óleo da antiga Pinacoteca do Estado (MUSEU PARANAENSE, 2019).

Dá-se destaque para o pavilhão de história do Paraná, que de acordo com a Secretaria de Estado da Cultura (2010, p. 121), “expõe a presença do homem no atual território paranaense, desde 10.000 anos atrás até o início do século XX, com objetos, fotos e documentos [...]”.

O acesso as exposições do Museu Paranaense é gratuito para todo o público, em todos os anexos. Os materiais expostos estão sob a guarda do setor de museologia, que é dividido em outros setores técnicos, conforme quadro 4.

QUADRO 4 – SETORES DO MUSEU PARANAENSE

Setor de Antropologia	Realiza estudos sobre a História da Antropologia, Etnologia Indígena, Cultura Popular e Afrobrasileira. Atualmente o setor está voltado para a pesquisa sobre a identidade paranaense, nos aspectos relacionados à cultura popular, etnologia indígena e cultura afro-brasileira (MUSEU PARANAENSE, 2019).
Setor de Arqueologia	Atualmente o setor realiza pesquisas buscando a reconstrução da pré-história paranaense e o mapeamento do patrimônio arqueológico do Paraná. O Museu Paranaense possui dois dos seis acervos arqueológicos atualmente tombados pelo Patrimônio Histórico Brasileiro: o do próprio MP e o do antigo Museu David Carneiro, incorporado pelo MP (MUSEU PARANAENSE, 2019).
Setor de História	Desenvolve pesquisas, assessoria técnica, atendimento à educação formal e informal e montagem de exposições, visando à valorização e a difusão da História do Paraná. O acervo sob a responsabilidade do setor histórico é o mais variado, compondo-se de documentos, inclusive muitos manuscritos, fotografias, móveis, armas, uniformes, vestuário e acessórios, quadros, esculturas, ferramentas, porcelana, objetos de uso cotidiano, além de extensa coleção de moedas e medalhas (MUSEU PARANAENSE, 2019).

FONTE: Adaptado de Museu Paranaense (2019)

Ademais, conta também com a Biblioteca Romário Martins, que disponibiliza obras raras sobre a história do Paraná e outros temas de interesse, entre livros e periódicos. Além de tudo, dispõe de uma mediação cultural, que desenvolve ações culturais, educativas e de educação patrimonial para alunos acompanhados de seus professores.

É administrado pela Secretaria de Cultura do estado do Paraná (SEEC), com o apoio da Lei de Incentivo a Cultura e do Ministério da Cultura.

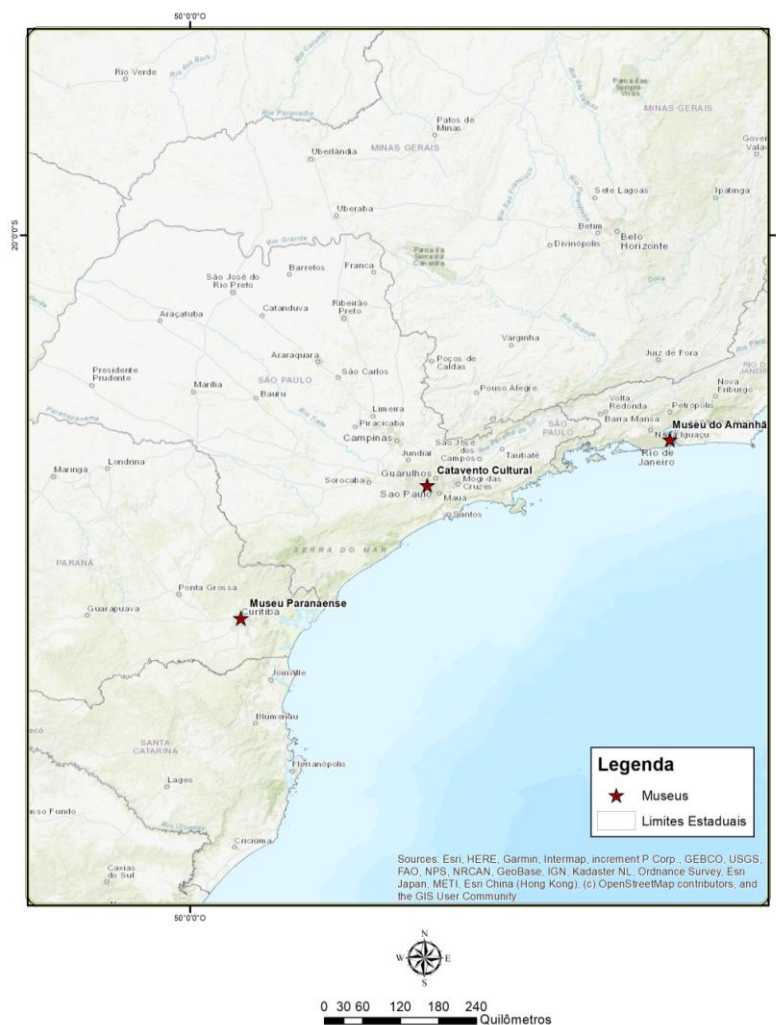
Como apresentado ao longo deste capítulo, os museus são espaços que resguardam a história e propiciam o conhecimento. Ademais, percebeu-se que os museus podem se reinventar ao fazer uso do lúdico para criar um vínculo afetivo com as crianças e melhorar a sua linguagem. Por fim, conclui-se que o Museu Paranaense apresenta valor histórico e cultural e poderia recorrer à interpretação patrimonial através da interatividade infantil.

A seguir, exibem-se os procedimentos que contribuíram com a efetuação da pesquisa de campo.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS NOS MUSEUS

Neste tópico serão apresentados os dados obtidos por meio da pesquisa de campo (roteiro de observação, formulário de pesquisa e entrevista semi-estruturada) aplicada em três museus, sendo estes o Museu do Amanhã (Rio de Janeiro – RJ), o Catavento Cultural (São Paulo - SP) e o Museu Paranaense (Curitiba – PR).

FIGURA 18 – LOCALIZAÇÃO DOS MUSEUS NO MAPA DO BRASIL



FONTE: O autor (2019)

Para fins de melhor discussão, durante a apresentação e análise dos resultados os museus serão citados como siglas, sendo Museu do Amanhã apresentado como **M1**, Catavento Cultural como **M2** e Museu Paranaense como **M3**.

6.1 PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR

Os roteiros de observação (APÊNDICE 1) foram aplicados nos três museus participantes desta pesquisa com o intuito de colher dados a partir da percepção do pesquisador.

No Museu do Amanhã o roteiro ocorreu no dia 9 de julho de 2019, no Catavento Cultural no dia 12 de julho de 2019 e no Museu Paranaense no dia 20 de julho de 2019.

6.1.1 Ambiente/espço

Para esta sessão, trata-se de iniciar a observação fazendo uma descrição geral do espaço.

O Museu do Amanhã é um museu tecnológico de dois andares de acesso ao público, moderno, com exposições permanentes e temporárias. O Catavento Cultural é um museu de ciências com muita interação e participação do público e conta com um grande apelo infantil em espaço muito amplo, localizando-se em um edifício histórico da cidade de São Paulo. O Museu Paranaense está abrigado em um edifício histórico e em um anexo mais recente, com vários pisos acessíveis ao público, contando até mesmo com um subsolo, e apresenta exposições fixas e itinerantes.

Objetivou-se perceber outros dados relevantes sobre o espaço dos locais pesquisados.

a) Exposição sobre a história do museu

M1: Não há uma exposição que apresente ao público este tipo de informação. É uma construção muito recente e moderna; M2: Há uma visita guiada com interesse histórico mediante solicitação e senha; M3: Há um informe que apresenta uma breve história do local no início das exposições, porém estas informações também são apresentadas no site.

b) Registro de visitas

M1: Todo visitante recebe um cartão eletrônico que registra o que cada um visitou nas dependências do museu; M2: Percebeu-se a presença de um totem que

registra a visita do visitante e protocola a sua opinião sobre o museu, porém não obrigatório; M3: Há um registro de visitas dos que vem em excursão escolar. Nas visitas espontâneas há um caderno de registro não obrigatório.

c) Monitores e guias

M1: Oferece visitas guiadas com escolas com marcação via internet; M2: Para grupos escolares pode ser agendada uma visita guiada. Já para as outras visitas há monitores disponíveis em cada setor; M3: Há monitores disponíveis para visitas agendadas com escolas.

d) Iluminação

M1: Uma parte da iluminação foi planejada para captar energia solar, mas não se teve a certeza se estava em uso. As vitrines são bem amplas e o museu recebe bastante luz natural em seu interior; M2: Algumas exposições são ao ar livre ou recebem energia natural, além dos espaços que fazem uso de energia elétrica; M3: Além da energia elétrica, não percebeu-se outra forma de iluminação.

e) Acessibilidade

M1: Na parte externa, o museu se encontra em uma praça e a partir desta a elevação é acessível e permite o acesso até o local. Na parte interna há rampas de acesso e elevadores, além de banheiros adaptados; M2: Na parte externa o piso é antigo e rústico, portanto não se apresenta acessível, contendo apenas uma rampa de acesso ao interior do museu. No interior há elevadores e, para acesso a uma das sessões, há uma rampa elétrica; M3: Não observou-se acessibilidade na parte externa. Por sua vez, na área interna há rampa de acesso aos anexos, porém não há muita acessibilidade no Palácio São Francisco, já que, devido ao tombamento, não se podem fazer muitas alterações. Na questão da acessibilidade ao deficiente auditivo, o M3 apresenta conteúdo em libras apresentado por meio de vídeo. Em nenhum dos museus percebeu-se acessibilidade ao deficiente visual.

FIGURA 19 – RAMPAS ACESSÍVEIS (M1, M2 E M3)



FONTE: O autor (2019)

6.1.2 Expositores e mobiliários

Nesta sessão tencionou-se analisar de que forma o acervo é apresentado ao visitante, e exibiu os seguintes resultados por museu:

a) Temáticas

Os três museus analisados estão separados por temáticas. No M1 a transição entre elas se dá de forma gradual e cada vez que o visitante faz uso do seu cartão eletrônico o sistema mostra sobre qual temática é pertencente aquele assunto; As temáticas no M2 estão muito bem separadas e os visitantes, inclusive as crianças, percebem facilmente a transição entre elas. Cada sessão temática dispõe de monitores que entendem do assunto e estão disponíveis para auxílio ao público.

Por fim, no M3 também há separação por temáticas, a exemplo do pavilhão de história paranaense, porém a disposição do acervo pode ser um pouco confuso em alguns casos por não apresentar uma transição perceptível ao público.

b) Tipos de expositores e mobiliários

Primeiramente, o M1 utiliza recursos tecnológicos. O M2 oferece experimentos científicos possibilitando a interação do público. O M3 dispõe de expositores e mobiliários usuais.

c) Materiais utilizados

No M1 todos os expositores recorrem a telas interativas. No M2 os materiais utilizados são dos mais variados, desde caixas de vidro, painéis e até mesmo

animais vivos. No M3 a maioria do acervo está abrigado em caixas de vidro apoiados no solo ou anexados as paredes.

d) Organização do acervo

A organização por meio de telas é absoluta no M1 e se dispõe de modo que todos possam interagir com o conteúdo. A organização do M2 também se dá de modo que os visitantes possam entrar em contato direto com a exposição. Já no M3 o acervo está organizado de modo que o público possa ver a exposição, porém sem tocá-la.

FIGURA 20 – MATERIAIS UTILIZADOS E ORGANIZAÇÃO DO ACERVO (M1, M2 E M3)



FONTE: O autor (2019)

e) Altura do mobiliário

A altura do mobiliário no M1 permite a visão e participação de todo o público, igualmente no M2, porém neste segundo há algumas exceções para cadeirantes. No M3 as peças estão em boa altura e os vidros são amplos, porém algumas placas com textos informativos estão em altura que dificulta que crianças e pessoas com dificuldades de visão possam ler.

f) Circulação do visitante

Em ambos os museus percebeu-se um bom espaço para a circulação dos visitantes.

FIGURA 21 – ÁREAS DE CIRCULAÇÃO DE VISITANTES (M1, M2 E M3)



FONTE: O autor (2019)

6.1.3 Mídias

Última parte do roteiro de observação, tende a verificar quais tipos de mídias são usadas nos museus e que possam prestar auxílio as crianças que os visitam.

Quando analisado se o conteúdo apresentado é compreensível para todos os públicos, percebe-se que no M1, apesar de bem interativo, utiliza muito texto em linguagem adulta, o que dificulta o entendimento das crianças. Ao fazer a mesma análise no M2 percebeu-se que o mesmo possibilita o entendimento das crianças, porém é essencial que um adulto dê pequenas explicações para as mesmas, ainda mais as que ainda não conseguem ler nem mesmo textos curtos. Por último, o M3 dispõe de textos explicativos em linguagem adulta, não adequada ao público infantil.

Na questão da disponibilidade de informações em outros idiomas, o M1 desfruta de informações em português, inglês e espanhol, ativados pelo cartão do visitante. O M2 não dispõe de exposição em outro idioma e depende de um eventual monitor que fale uma segunda língua, mesmo que não seja requisito para contratação. No M3 também não há exposição em algum idioma além do português, somente pela visita virtual no site do museu.

Ao averiguar se os visitantes podem interagir com o acervo por meio do tato, no M1 e no M2 percebeu-se facilmente que ambos são bem interativos. No caso do M3 toda a exposição, devido a sua importância histórica, é restrita apenas a contemplação visual.

Em relação aos métodos dinâmicos, os museus M1 e M2 recorrem a sons, movimentos e, no caso do M2, até mesmo a cheiros. Já o M3 não utiliza métodos dinâmicos.

Ambos museus dispõe de espaço para cinemas e palestras.

Como um recurso que pode beneficiar o público infantil, o M1 apodera-se de jogos tecnológicos individuais, mas que geram os resultados somando-se aos de

outros visitantes a fim de conscientizar sobre as ações humanas na Terra. No M2, além das exposições principais, que podem ser utilizadas em grupos, há atrações que requerem senhas e que permitem que um visitante interaja com outro. O M3 não conta com estes recursos, somente há as visitas escolares guiadas.

Para finalizar, os diferentes tipos de mídias utilizados em cada museu para a apresentação do acervo são:

M1: Textos de parede, placas, fotografias, ilustrações, recriação de cenários, mapas, maquetes, áudio, vídeo e totem.

M2: Textos de parede, placas, painéis, fotografias, ilustrações, recriação de cenários, miniaturas, mapas, maquetes, áudio, vídeo, totem e exposição viva.

M3: Textos de parede, placas, fotografias, ilustrações, manequins, recriação de cenários, miniaturas, maquetes e vitrines.

6.2 PERCEPÇÃO DOS VISITANTES

Através dos formulários (APÊNDICE 2) foram coletadas informações sobre as percepções dos visitantes de três museus: Museu do Amanhã, Catavento Cultural e Museu Paranaense. Em pesquisa presencial realizada com 30 famílias divididas igualmente entre os três museus, as questões tiveram como finalidade compreender como foi a visita familiar nestes espaços. Primeiramente, ocorreram às questões com os responsáveis das crianças a fim de compreender o motivo da visita e saber um pouco sobre a sua formação. Destaca-se que em algumas questões foi possibilitado aos responsáveis escolherem mais de uma alternativa. Logo, sucederam-se as questões com as próprias crianças, com fins de avaliar as suas experiências pessoais nos devidos museus.

Os formulários no Museu do Amanhã foram realizados no dia 9 de julho de 2019, os do Catavento Cultural nos dias 12 e 13 de julho de 2019 e os formulários no Museu Paranaense nos dias 20 e 21 de julho de 2019.

6.2.1 Questões aos responsáveis pelas crianças

De início, procurou-se saber a cidade de residência das famílias em visita aos museus pesquisados. Percebeu-se que o maior número de visitantes são

oriundos das próprias cidades e, logo após, oriundos dos próprios estados onde realizou-se as pesquisas. No Museu Paranaense, ocorreu a visita de uma família residente em outro país. Apresenta-se, no quadro 5, a lista de Estados/Cidades de residência dos entrevistados, de acordo com cada museu.

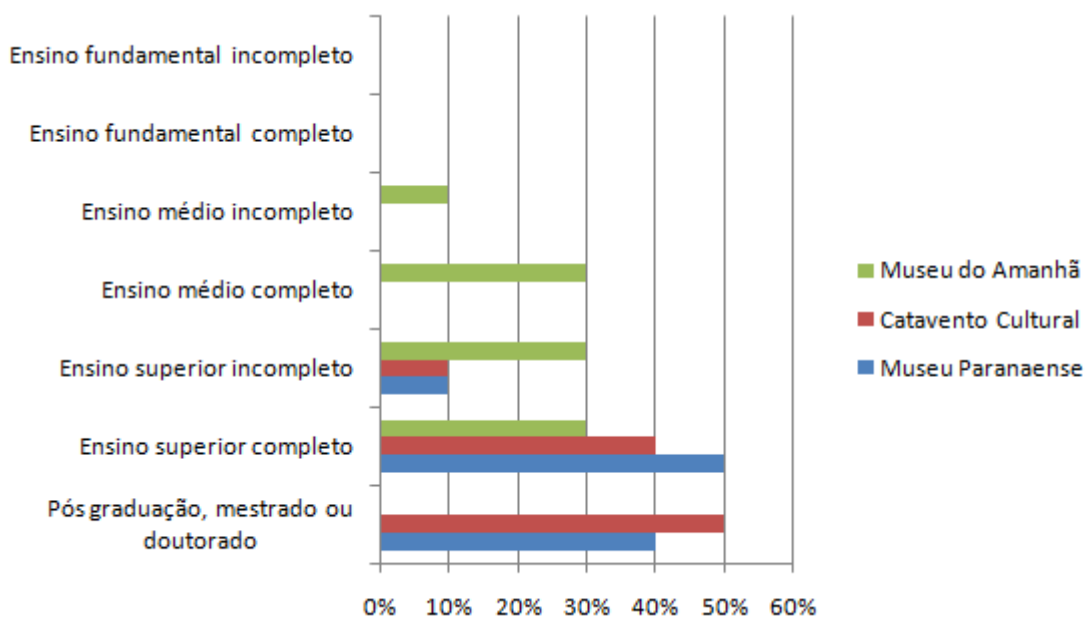
QUADRO 5 – ORIGEM DOS VISITANTES DOS MUSEUS

MUSEU	ORIGEM DOS VISITANTES
Museu do Amanhã	RJ – Rio de Janeiro (3), Niterói (1), São João do Meriti (1) SP – São Paulo (1), Guarulhos (1) BA – Salvador (1) MA – São Luís (1) RN – Mossoró (1)
Catavento Cultural	SP – São Paulo (5), Ribeirão Preto (1), Ilha Solteira (1) MG – Alfenas (1), Araxá (1) AM – Manaus (1)
Museu Paranaense	PR – Curitiba (3), Colombo (1), Apucarana (1), Cascavel (1) SC – Lages (1), Palhoça (1) SP – Salto (1) Turquia (1)

FONTE: O autor (2019)

O segundo passo foi saber a escolaridade dos responsáveis. No M1, 10% dos entrevistados possuem ensino médio incompleto, 30% ensino médio completo, 30% ensino superior incompleto e 30% ensino superior completo. Os demais tópicos não foram citados. No M2, 10% dos responsáveis possuem ensino superior incompleto, 40% ensino superior completo e 50% possuem pós graduação, mestrado ou doutorado. Os demais tópicos não foram citados. Por último, no M3, 10% dos entrevistados possuem ensino superior incompleto, 50% ensino superior completo e 40% pós graduação, mestrado ou doutorado. Os demais tópicos não foram citados.

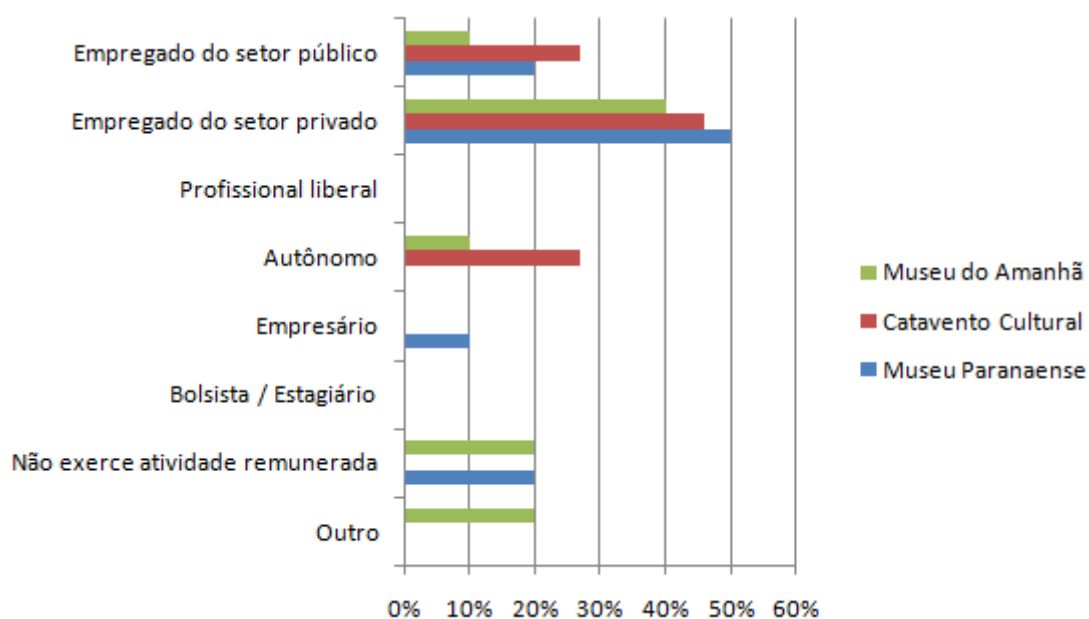
GRÁFICO 1 – ESCOLARIDADE DOS VISITANTES DOS MUSEUS



FONTE: O autor (2019)

O terceiro passo foi saber a ocupação profissional dos responsáveis. No M1, 10% dos entrevistados são empregados do setor público, 40% empregados do setor privado, 10% se declararam autônomos, 20% disseram não possuir atividade remunerada e 20% escolheram a opção outros. No M2, 27% afirmaram serem empregados do setor público, 46% empregados do setor privado e 27% autônomos. Já no M3, 20% são empregados do setor público, 50% empregados do setor privado, 10% empresários e 20% alegaram não possuírem atividade remunerada. Profissional liberal e bolsita/estagiário não foram citados em nenhum dos formulários.

GRÁFICO 2 – ATIVIDADE REMUNERADA DOS VISITANTES DOS MUSEUS

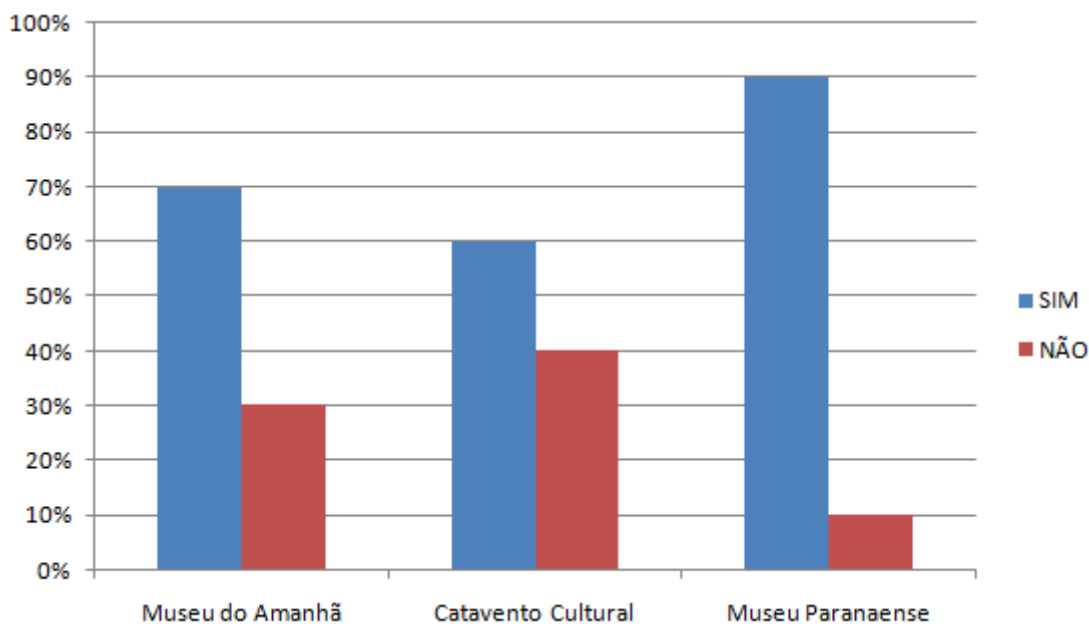


Fonte: O autor (2019)

Logo, questionou-se o número total de pessoas que visitaram o museu com o grupo. No M1, visitaram o museu grupos entre 3 e 6 pessoas, sendo a média de 4.5 pessoas por grupo. No M2, visitaram grupos entre 2 e 12 pessoas, com a média entre 4.6 pessoas. Por fim, no M3, os grupos tinham entre 2 e 4 pessoas, sendo a média de 3 pessoas por grupo.

Procurou-se saber também se era a primeira visita da família ao museu. No M1 70% dos responsáveis afirmaram que era a primeira vez que levaram os filhos em uma visita ao lugar, enquanto que 30% afirmaram que já haviam realizado uma visita anterior. No M2 60% realizaram a primeira visita, ao passo que 40% já haviam realizado uma visita anteriormente. Por contrapartida, no M3 90% realizaram sua primeira visita com as crianças, ao mesmo tempo em que 10% já haviam realizado a visita em outro momento.

GRÁFICO 3 – PRIMEIRA VISITA AO MUSEU?

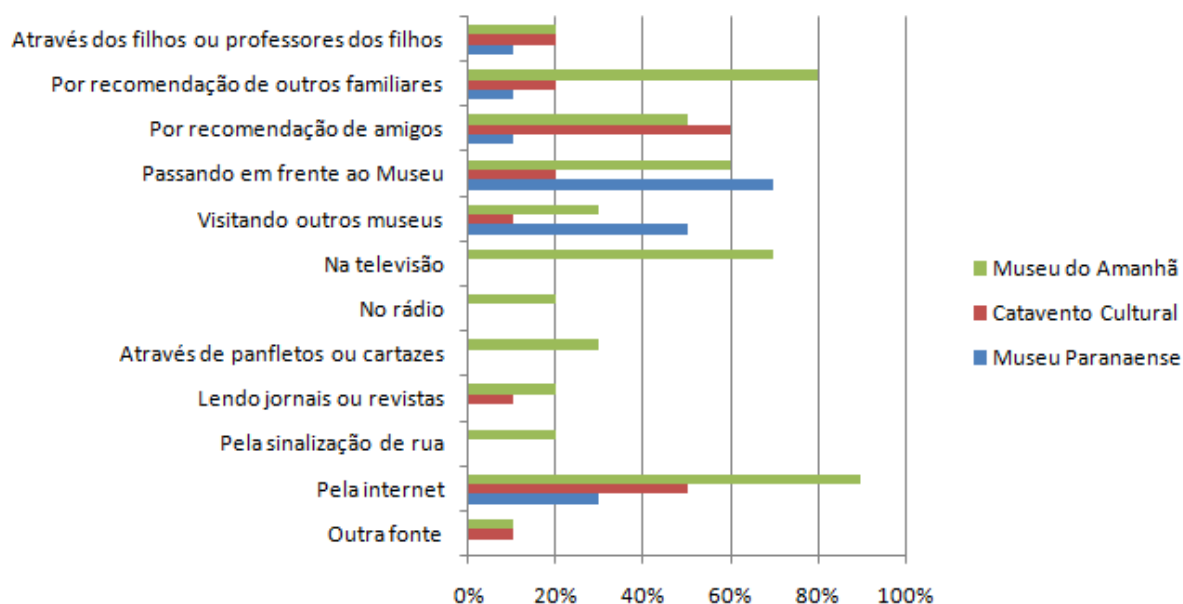


FONTE: O autor (2019)

Quando questionados sobre como tomaram conhecimento do museu em questão, no M1 a maioria (90%) afirmou que tomou conhecimento pela internet, enquanto que 80% dos entrevistados tomaram conhecimento por recomendação de outros familiares e 70% pela televisão. No M2 a porcentagem de 60% tomou conhecimento do museu por recomendação de amigos, 50% pela internet e 20% através dos filhos ou professores dos filhos, por recomendação de outros familiares e passando em frente ao museu. No M3 70% dos entrevistados tomaram conhecimento do museu passando em frente ao mesmo, 50% visitando outros museus e 30% pela internet.

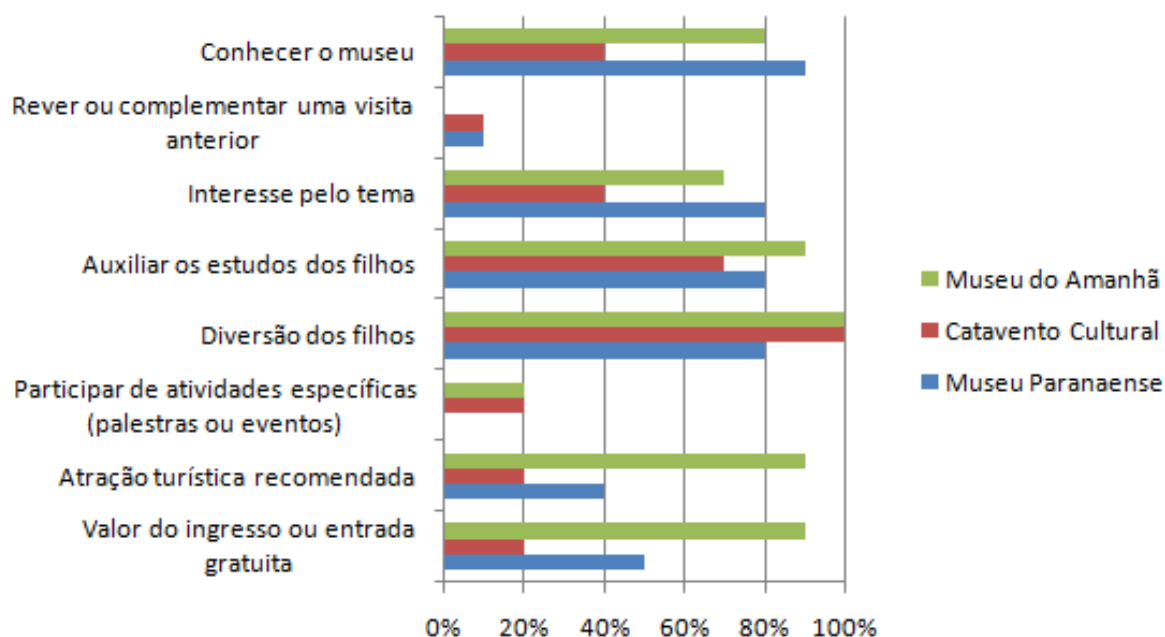
Ao serem questionados sobre os principais motivos da visita em família, no M1 todos os entrevistados (100%) responderam que visitaram o lugar pela diversão dos filhos, ao passo que 90% visitaram com o intuito de auxiliar os estudos dos filhos, por ser uma atração turística recomendada da cidade e pelo valor do ingresso ou entrada gratuita. No M2 todos os responsáveis (100%) afirmaram que visitaram o espaço pela diversão dos filhos, 70% para auxiliar os estudos dos filhos e 40% para conhecer o museu e pelo interesse pelo tema. Por último, no M3 90% realizaram a visita para conhecer o museu, à medida que 80% visitaram o lugar pelo interesse pelo tema, para auxiliar os estudos dos filhos e pela diversão dos filhos.

GRÁFICO 4 – COMO SE DEU O CONHECIMENTO DOS MUSEUS



FONTE: O autor (2019)

GRÁFICO 5 – PRINCIPAIS MOTIVOS DAS VISITAS AOS MUSEUS



FONTE: O autor (2019)

Em pergunta aberta, quando indagados sobre como foi a visita ao museu nas suas experiências pessoais, no M1 todas as respostas foram positivas, e entre estas foi citado que é ‘uma visita maravilhosa’, ‘inovadora’ e que ‘traz conhecimento e cultura’. No M2 quase todas as respostas foram positivas por ser uma ‘visita

enriquecedora', por apresentar 'diversidade de temas sobre ciência e história' e por 'agregar conhecimento'. A única decepção foi o de uma entrevistada que disse se sentir decepcionada por não ter tido tempo disponível para poder ver toda a exposição, mas que apesar disso achou o museu bom. Por último, no M3 todas as respostas foram positivas por trazer 'conhecimentos', pela 'diversidade do acervo', por ser de 'fácil acesso' e por 'representar a cultura do estado do Paraná'.

A última questão aos responsáveis foi se os mesmos acharam que o museu usa uma linguagem adequada ao entendimento das crianças. No M1 metade das respostas foram positivas, enquanto que a outra metade das respostas apresentaram-se como negativas. Dentre as negativas, foi citado que o museu poderia facilitar mais para o público infantil e que dispõe de um nível alto de entendimento. No M2, todas as respostas foram positivas. Por fim, no M3 60% das respostas foram positivas, ao citar que o museu apresenta uma escrita adequada e bem explicativa, ao mesmo tempo em que 40% das respostas foram negativas por considerarem que o museu necessita dar um foco maior às crianças.

6.2.2 Questões às crianças

Após analisar as impressões dos responsáveis, procurou-se depreender o envolvimento das crianças que realizaram as visitas aos museus, em perguntas abertas.

No M1 foram entrevistadas crianças entre 6 e 12 anos, sendo a média de idade de 9 anos e 2 meses de vida. No M2 a pesquisa foi realizada com crianças entre 6 e 11 anos, estando a média entre 8 anos e 9 meses de vida. No M3 foram ouvidas crianças entre 6 e 12 anos, com a média apresentando-se como 9 anos e 3 meses de vida.

A segunda questão buscou perceber se as crianças gostaram da visita ao museu e o porquê da resposta. No M1 todas as respostas foram positivas, entre elas citaram-se a tecnologia e a diversidade como fatores positivos da visita. No M2 todas as respostas também foram positivas, e entre elas citaram-se o aprendizado e a diversão, a diversidade da exposição, as coisas que já tinham visto na escola e por ser um lugar 'cheio de botões'. No M3 quase todas as respostas foram positivas, entre elas mencionam-se o gosto pela história e a ajuda com os trabalhos da escola.

Na resposta negativa, uma criança afirmou que não gostou por ter sentido medo durante a visita.

A terceira questão foi sobre a coisa que elas acharam mais divertida no museu. Quatro crianças no M1 disseram que gostaram do globo terrestre que fica suspensa no teto e se mexe, mudando de cor, mas, além disso, foi citado o filme que passa no teto de uma pequena sala, a exposição temporária 'Alimentos do Futuro', a parte sobre o DNA e a tecnologia em geral. Ao realizar a pesquisa no M2, foi citado, entre outros, o gerador de Van de Graaff, a bicicleta que gera energia, a sessão sobre a pré-história e os brinquedos que ficam na saída do museu, a exemplo da bolha de sabão. Uma criança não soube responder o que ela mais gostou entre toda a exposição e outra declarou ter gostado de tudo. No M3 as respostas foram as mais diversificadas, sendo citadas as caravelas portuguesas e espanholas, os animais do pavilhão de história paranaense, as armas, as biografias, as cédulas e moedas antigas, as cruzes e poder acompanhar a evolução do território paranaense.

Quando questionadas se aprenderam bastante com a visita, oito das crianças do M1 disseram que sim contra duas que disseram terem aprendido 'mais ou menos'. No M2 todas as crianças deram uma resposta positiva. Já no M3 nove entrevistados disseram que aprenderam bastante contra um que respondeu 'mais ou menos'.

Ao serem interrogadas se elas convidariam outras crianças para uma visita com elas ao museu, em ambos os museus todas as respostas foram positivas.

Para finalizar, foram questionadas se, caso pudessem escolher, prefeririam ter feito a visita ao museu ou realizado outra atividade. Dentre as crianças do M1 nove afirmaram que prefeririam ter visitado o museu e uma que gostaria de ter jogado futebol. No M2 nove das crianças escolheriam visitar o museu e uma escolheria ir ao parque aquático Beach Park. Por outro lado, dentre as crianças entrevistadas no M3 seis afirmaram que prefeririam o museu, uma que escolheria o museu, mas que também gostaria de ter ido a praia, e três que escolheriam outra atividade (ir a um parque aquático, ficar em casa 'plantando bananeira' e brincar de zarabatana).

6.3 RECURSOS DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU PARANAENSE

A entrevista semi-estruturada (APÊNDICE 3), realizada com a responsável pelo setor educativo do Museu Paranaense, foi realizada no dia 23 de agosto de 2019, com o propósito de aprofundar-se nos recursos que o museu dispõe para atender ao público infantil.

A entrevistada afirma que está ao encargo do setor educativo do museu há 15 anos e que no setor há atualmente três funcionários fixos (duas funcionárias da área de artes e uma funcionária da pedagogia) e três estagiários (um de ciências sociais e dois de história).

De acordo com a entrevistada, as atribuições do setor são atender ao público que deseja fazer uma visita não espontânea por meio de mediação. O essencial do trabalho é criar uma experiência para os estudantes através de várias abordagens e, por meio destes, espera-se que elas saiam com a mínima compreensão do espaço. Muitas crianças vêm ao museu pela primeira vez, por isso aborda-se uma linguagem mais adequada à faixa etária visando a compreensão da grande diversidade do acervo. A maioria dos estudantes são do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, pois o conteúdo trabalhado no museu está no currículo de história destas turmas. É menos comum a realização de visitas de turmas a partir do 6º ano do ensino fundamental, mesmo que ocorram.

Sobre se há uma contabilização do número de crianças que visitam o museu em visitas guiadas e espontâneas, afirma que é realizado um mapeamento geral dos visitantes.

A respeito da sua percepção pessoal sobre a satisfação das crianças com a visita, reitera que fazem este questionamento com as mesmas e que é raro alguma declarar que não gostou da visita. A entrevistada ainda afirma que é um passeio que tira as crianças do espaço da escola e proporciona algo diferente para as mesmas, por isso é bem aceito.

A principal dificuldade de gestão em relação ao atendimento ao público infantil é conciliar a complexidade do acervo, que enfoca várias temáticas, no tempo de uma hora e trinta minutos, tempo que geralmente leva para o término de uma visita escolar. Como é a primeira vez que muitas delas visitam o espaço, este se torna o maior desafio. Proclama que as visitas poderiam ser trabalhadas com temáticas, mas deve-se respeitar a demanda dos responsáveis pelas instituições de ensino que desejam contemplar toda a exposição em uma única visita.

Ainda, o que poderia contribuir com este atendimento seria a conscientização por parte dos responsáveis pelas instituições ao criarem demandas temáticas para melhor aproveitamento do tempo no museu.

Ao ser questionada sobre o momento mais marcante em relação às visitas das crianças, a entrevistada diz que vê todos os momentos como positivos, pois sabe da complexidade de tirar as crianças do espaço escolar. Além disso, elas podem ter acesso a um tipo de exposição em que podem trabalhar com objetos e que haja um deslumbramento sobre estes. As crianças fazem a associação do objeto com o contexto, a exemplo dos objetos indígenas e das armas.

Para finalizar, sobre a realização de projetos com o poder público e privado com a intenção de aumentar o fluxo turístico no museu, segundo a entrevistada, houveram algumas tentativas de aproximar estudantes para que os mesmos vissem o museu como potencial atrativo turístico, mas que não gerou o retorno esperado. Além disso, explica que o tempo do turista costuma ser limitado e que dão preferência por outros museus, principalmente o Museu Oscar Niemeyer, pela sua estrutura e referência ao arquiteto, geralmente sem limitações. A entrevistada informa que, por exemplo, no Museu Paranaense os turistas não dispõem de um espaço para tomar um café.

Ainda, o turista tem preferência por visitar parques, praças e o município de Morretes, além de que os profissionais de turismo no Paraná preferem trabalhar com o turismo em áreas naturais.

No demais, informa que houve a aproximação com coordenadores no nível de escolas estaduais e universidades, a exemplo da 7ª Semana Nacional dos Museus, em 2009, com o tema Museus e Turismo, proposto pelo IBRAM, onde realizaram-se palestras com este enfoque.

Após expostos os resultados da pesquisa de campo, conclui-se que os museus devem renovar a forma de exibir as informações ao público infantil para contribuir com a educação das crianças, como será analisado e discutido no próximo tópico.

6.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Fundamentado nos resultados da pesquisa de campo, constatou-se que os museus apresentam obstáculos no planejamento de ações que englobem todos os

públicos, por isso geralmente atendem somente ao público em idade mais experiente. Uma justificativa válida para tal afirmação pode ser compreendida pelas respostas geradas pelos formulários no Museu do Amanhã e no Museu Paranaense. O primeiro, mesmo com a interatividade que dispõe ao visitante, apresenta um déficit quando se pretende chegar à compreensão das crianças pela forma de apresentação, ao idealizar textos e vídeos muito complexos para a faixa etária, percebidos tanto pelos responsáveis quanto pelas crianças. Apesar disso, a tecnologia utilizada neste museu não é de todo dispensável já que, mesmo com as dificuldades, as crianças puderam se divertir neste espaço.

O Museu Paranaense, por sua vez, teve uma receptividade maior no quesito do aprendizado se comparado com o primeiro museu, fato este que pode ser atribuído pela variedade do acervo. Porém, no quesito diversão teve um resultado não satisfatório, pois o número de crianças que preferiram ter realizado outras atividades ao invés da visita ao museu foi maior. Duas respostas obtidas neste museu são preocupantes, já que ‘plantar bananeira’ e ‘brincar de zarabatana’, duas atividades muito simples, foram consideradas mais divertidas que a própria visita em si. No demais, foi o único museu que não atingiu 100% no tópico “diversão dos filhos”. Faltou, neste caso, o uso do lúdico em favor das práticas pedagógicas, porque fazer uso deste “estimula o desejo de aprender, despertando a motivação imprescindível no ato de construção do saber” (MEDINA, 2009, p. 87), ao mesmo tempo em que possibilita que as crianças se envolvam em atividades que lhes tragam diversão e que tornem o museu reconhecido por isso.

Por outro lado, o deleite percebido no Catavento Cultural mostra a eficiência por parte dos planejadores em atender a todos os públicos e unir de forma primorosa o aprendizado e a diversão. O uso das mídias neste local contribui para que os visitantes, sobretudo as crianças, gozem de momentos que certamente se tornarão inesquecíveis para elas. Os métodos dinâmicos são aplicados em grande escala e constata-se que “experiências sensoriais são bastante eficazes como estratégia para atividades interpretativas com crianças de qualquer idade” (COSTA, 2009, p. 132). A euforia obtida pela ação do brincar faz deste museu uma referência de ensino tanto no âmbito escolar quanto no familiar. Como já visto anteriormente, para Narciso *et al* (2016, p. 32) “o brincar é elemento essencial para que o sujeito se constitua, necessário para seu desenvolvimento, aprendizagem, bem como para compreender o mundo social e cultural”.

Estes dados também foram alcançados através dos roteiros de observação aplicados nestes locais e que possibilitaram este entendimento pelo olhar de um pesquisador.

Apesar disso, apenas 20% dos entrevistados reconhecem o Catavento Cultural como atração turística da cidade de São Paulo, sendo que este mesmo tópico alcançou 90% no Museu do Amanhã, localizado em uma região do Rio de Janeiro que, nos últimos anos, tem se consolidado como parada obrigatória dos turistas pelas ações públicas de incentivo ao turismo.

O Museu Paranaense, por sua vez, recebe um número considerável de turistas, estes que visitam a região do São Francisco principalmente para conhecerem a feira do Largo da Ordem, mas que, por passarem em frente ao museu, se interessaram em visitá-lo com as crianças, visto que 70% dos entrevistados dizem ter tomado conhecimento do museu por este meio. Além, os que reconhecem o Museu Paranaense como atração turística de Curitiba chegam a porcentagem de apenas 40%, entendendo-se que nas visitas espontâneas se encontra em segundo plano e que requer uma divulgação mais eficiente. Compreende-se que “preparar programas de educação visual destinados ao povo e não proclamar a sua existência seria contribuir para o não cumprimento da missão educadora que o museu moderno avocou” (LUTZ, 2008, p. 43-44).

Além disso, a maioria dos responsáveis entrevistados em visita ao museu (90%) possuem formação acadêmica, compreendendo-se que a comunicação com o próprio morador deve ser efetivada para atrair as classes menos favorecidas.

Com a entrevista semi-estruturada, também tornou-se possível assimilar que mesmo as visitas guiadas ao Museu Paranaense usufruem de um único recurso para o ensino, utilizando-se somente uma abordagem contemplativa do acervo sem permitir que a criança interaja valendo-se de outro sentido além da visão e audição. Visto que o tempo nas visitas escolares é curto, tem-se que o uso das mídias interpretativas e da tecnologia contribui para trazer maiores oportunidades para os estudantes – e também para turistas e moradores em visitas autoguiadas. No demais, para melhorar estes dados entende-se que faltam incentivos e parcerias para a execução de projetos de valor patrimonial adequados ao público infantil, etapa indispensável para facultar um plano interpretativo de acordo com Murta e Goodey (2005, p. 20).

Atrelada às pesquisas bibliográfica, documental e de campo, conclui-se que, pelo seu valor cultural, o Museu Paranaense necessita de um plano interpretativo para mudar este quadro, uma vez que “a interpretação de lugares, de acervos e coleções, de saberes e fazeres culturais é, antes de tudo, um instrumento de comunicação com o morador, o visitante e o turista” (MURTA; GOODEY, 2005, p. 17). Desta forma, tal qual dizem Murta e Goodey (2005, p. 17) “a escolha dos meios e técnicas mais adequados dependerá sempre [...] do lugar ou objeto a ser interpretado e do público a quem se destina a interpretação”, neste caso o público infantil. Pode-se atestar que “a arte de comunicar e da hospitalidade dentro dos museus é fundamental para que eles se consolidem como atrativos culturais, de lazer e de turismo” (IBRAM, 2014, p. 53).

Por meio do quadro 6, permite-se a análise dos pontos positivos e negativos dos três museus contemplados na pesquisa. Mediante este quadro, também se faz possível analisar em quais destes pontos o Museu Paranaense poderia melhorar para um melhor proveito do público infantil que realiza as visitas em seu interior, sendo este turista ou morador.

QUADRO 6 – SÍNTESE DAS OBSERVAÇÕES NOS MUSEUS

TEMÁTICAS	
M1	Possui separação por temáticas.
M2	Possui separação por temáticas.
M3	Possui separação por temáticas.
MÍDIAS	
M1	Recursos tecnológicos.
M2	Interações científicas.
M3	Expositores usuais.
INTERATIVIDADE	
M1	O museu é interativo.
M2	O museu é interativo.
M3	O museu permite somente a contemplação visual.
DISPOSIÇÃO DO ACERVO	
M1	Boa disposição.
M2	Boa disposição, com algumas exceções.
M3	Boa disposição, com algumas exceções.
CIRCULAÇÃO DE VISITANTES	
M1	Bom espaço para circulação dos visitantes.

M2	Bom espaço para circulação dos visitantes.
M3	Bom espaço para circulação dos visitantes.
ATENDIMENTO AO PÚBLICO	
M1	Atende primorosamente somente ao público adulto.
M2	Atende primorosamente ao público adulto e infantil.
M3	Atende primorosamente somente ao público adulto.
IDIOMAS	
M1	Português, inglês e espanhol.
M2	Português.
M3	Português.

FONTE: O autor (2019)

Por meio do marco teórico e do resultado destas análises, indica-se como projeto a elaboração de um plano interpretativo para o Museu Paranaense, utilizando-se das etapas de interpretação patrimonial ao desejar oferecer às crianças uma visita diferenciada que integre conhecimento e diversão. Além disto, os formulários e os roteiros de observação foram técnicas de pesquisa que facilitaram a comparação entre os museus e propiciaram perceber os pontos positivos e negativos de cada um de modo a colaborar com a concepção de tal projeto.

7 PROJETO DE TURISMO: PLANO INTERPRETATIVO DO MUSEU PARANAENSE PARA O PÚBLICO INFANTIL

Neste tópico é apresentado o projeto de apoio ao turismo concebido a partir dos conteúdos dissertados e nos dados alicerçados na pesquisa de gabinete e de campo. Posteriormente, encontram-se o projeto, suas etapas de execução, recursos humanos envolvidos, orçamento e avaliação do retorno de investimento.

7.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto aborda a elaboração de um Plano Interpretativo para o Museu Paranaense de modo a torná-lo mais atrativo às crianças a partir da implantação de mídias interpretativas adequadas a faixa etária compreendida entre seis e doze anos de idade. Apresenta-se uma experiência dinâmica e lúdica focada no patrimônio histórico e cultural do Paraná, respaldada nas afirmações debatidas na discussão dos resultados sobre turismo cultural, ações pedagógicas e turismo pedagógico.

Este projeto redefinirá a forma de interação do público infantil com o acervo do museu para atender a demanda por espaços que reúnam a criatividade e a cultura com suporte as três etapas para a elaboração de um plano interpretativo apresentado por Murta e Goodey (2005).

- **ETAPA 1 – Registro e inventário de recursos, temas e mercados**

A primeira etapa visa se aprofundar no objeto de estudo ao verificar a viabilidade da criação de um plano interpretativo a partir dos temas, recursos e mercados fundamentais para a estruturação do mesmo e distinguir as possíveis limitações que possam interferir na concepção do plano.

- a) Recursos

Neste ponto, procura-se definir as parcerias da administração pública e da comunidade necessárias a idealização do plano.

A primeira delas seria a Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), pertencente ao Governo do Estado do Paraná e que é responsável pela

administração direta do Museu Paranaense. Torna-se essencial o bom diálogo entre o Governo do Paraná, a Secretaria Estadual da Cultura, a diretoria do museu e dos demais profissionais envolvidos no plano. Por meio deste, serão disponibilizados recursos financeiros, técnicos e administrativos. Visando uma interação maior do poder público, indica-se, além destas, as parcerias com as secretarias municipais de educação dos municípios paranaenses.

Nas parcerias federais tem-se o Ministério da Cidadania, através da Secretaria Especial da Cultura. Por meio do site deste ministério, o projeto será inscrito no portal do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (Salic) e selecionado dentre outros programas para receber auxílio financeiro ou doações para a sua execução por meio do imposto de renda (BRASIL, 2019b). Também se apresenta viável a inscrição do projeto em editais específicos do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) para o subsídio de projetos museológicos e por meio deste receber financiamento.

Ainda, outra alternativa à nível federal, o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) possui os Fundos de Direitos das Crianças e Adolescentes, que visa financiar projetos que garantam a promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente. A inscrição se dá por meio de um cadastro e as doações são oriundas do imposto de renda (BRASIL, 2019a).

Por fim, outras duas parcerias selecionadas são a Sociedade de Amigos do Museu Paranaense (SAMP) e a Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar), atuais parceiras do museu e que poderão contribuir com auxílio administrativo.

QUADRO 7 – AS ENTIDADES E A DISTRIBUIÇÃO DE RECURSOS

Entidade	Recurso financeiro	Recurso técnico	Auxílio administrativo
SEEC	X	X	X
SALIC ou MDH	X		
SAMP / SANEPAR			X

FONTE: O autor (2019)

Ao refletir sobre as limitações que possam interferir na execução do projeto, como limitações físicas entende-se que futuramente é necessário realizar adequações tanto na parte externa quanto interna do museu para que possam

receber adequadamente visitantes com alguma deficiência, como cadeirantes, deficientes visuais e mobilidade reduzida. Devido ao Palácio São Francisco ser tombado como patrimônio histórico não é possível fazer grandes adequações em seu espaço, portanto é importante buscar outros meios para a movimentação destes visitantes. Porém, para o plano interpretativo ser efetivado, requer apenas a readequação do acervo no espaço existente.

As limitações no âmbito legal abrangem a espera para a liberação de recursos para o projeto. As limitações de cunho administrativo envolvem possíveis desacordos entre as entidades e profissionais responsáveis pela execução do mesmo. Ademais, as limitações financeiras compreendem a liberação e distribuição de recursos pelas entidades parceiras.

b) Temas

O Museu Paranaense possui diversidade de temas que competem ao patrimônio histórico e cultural do estado e que podem ser trabalhadas no plano interpretativo. Algumas destas exposições são temporárias, já outras exposições abordam temas físicos. Entre estes o que pode ser considerado mais importante é o pavilhão de história paranaense, que faz uma contextualização histórica do Paraná desde a era paleolítica, passando pelas tribos indígenas que habitam o estado, pelos navegadores, jesuítas, tropeiros e escravos. Também são apresentadas as influências imigratórias e as guerras em que o estado participou. Fundamental para compreender a formação do povo e de sua cultura, o tema “Pavilhão de História Paranaense” será contemplado no plano interpretativo.

Outros temas temporários ou fixos podem ser trabalhados usando mídias que se adequem facilmente a troca do acervo. Temas como “Barões da erva-mate” e “Moedas e cédulas” também podem ser contemplados. Além disso, o museu requer mídias que explanem acerca do tema “Palácio São Francisco” de forma mais lúdica para que se possa assegurar o seu aparato histórico e cultural.

Dado o seu mérito, estes temas apresentados podem receber adaptações na maneira como são expostos ao público. A partir da nova abordagem, o visitante poderá criar um elo entre o passado, o presente e o futuro do Paraná.

c) Mercado

O público que pretende-se alcançar neste plano interpretativo é o infantil. Estes visitantes podem ser turistas ou moradores acompanhados de seus responsáveis. Também é de proveito para os estudantes que frequentam o espaço em visitas escolares, de modo a disponibilizá-los novas interações com o acervo. Como discutido antes, Costa (2009, p. 129), ao citar Tilden (1957), justifica que “a interpretação voltada para crianças [...] não deve ser uma diluição da apresentação planejada para os adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente”.

Mesmo que a faixa etária agraciada com o plano interpretativo seja a compreendida entre seis a doze anos, estabelece uma oportunidade singular até mesmo para as demais faixas etárias, mesmo que não seja o foco do projeto. Ainda, baseado na pesquisa, indica-se este projeto favorável ao turismo cultural, ao turismo para o público infantil e ao turismo pedagógico.

- **ETAPA 2 – Meios e técnicas de interpretação**

Após uma avaliação dos recursos e o devido estudo sobre o público alvo, nesta segunda etapa planejam-se as mídias e técnicas interpretativas que serão empregadas ao visar a interação e o conhecimento do público.

Depreendeu-se na análise dos resultados que o Museu Paranaense demanda novos recursos e técnicas, visto que as crianças e seus responsáveis legais não constatarem o fator lúdico de seu acervo. Além disto, objetiva-se cooperar com o aprendizado dos visitantes por outras vias além da contemplação visual, dado que os objetos apresentados nas exposições são relevantes para a história da formação de um povo. Por isso, os meios e técnicas de interpretação têm como efeito transmitir o valor patrimonial dos edifícios e objetos de modo não usual, e cada mídia e recurso adotado definiram-se pelos métodos dinâmicos atrativos ao público infantil.

Para o início da visita, apresenta-se uma tela de proteção (FIGURA 22) como mídia para o tema “Palácio São Francisco”. Esta tela será posicionada nas dependências da sala para palestras e vídeos e explanará sobre o fator histórico e a relevância patrimonial do palácio até o seu tombamento pelo nível estadual. Serão transmitidas imagens históricas dos aposentos com o auxílio de áudio explicativo

ideal para a compreensão do público infantil. É necessário que a sala seja de livre circulação do público visitante, incluindo-se os que realizam as visitas espontâneas.

FIGURA 22 - TELA DE PROJEÇÃO



FONTE: O autor (2019)

A mídia escolhida para o tema “Pavilhão de História Paranaense”, em concordância com as próximas imagens, é a criação de personagens (FIGURA 23) que ilustrem o pavilhão. Estes personagens possuirão traços atrativos ao público infantil e serão usados nas mídias que serão apresentadas nas próximas páginas. Serão ilustrados os seguintes: um homem paleolítico, uma mulher indígena, um navegador português, um jesuíta, um tropeiro, uma escrava negra e um guerreiro da Guerra do Contestado. Da mesma forma, poderão ser ilustrados os imigrantes que povoaram o estado (portugueses, alemães, ucranianos, japonês, italianos, poloneses, russos, árabes, judeus, holandeses, espanhóis e africanos).

FIGURA 23 – EXEMPLOS DE PERSONAGENS



FONTE: Tigatelu (2018); Carlinhos Brown (2017)

Em cada tema do pavilhão de história paranaense será disponibilizado um totem com uma tela interativa (FIGURA 24 e FIGURA 25) onde as crianças poderão, com o auxílio do personagem, adquirir as informações que atualmente se apresentam em textos corridos, de maneira mais lúdica e interessante à faixa etária compreendida. As informações passadas por meio das telas não serão diluídas, porém se adequarão a linguagem da criança de forma a contribuir com o seu aprendizado. Nestes métodos dinâmicos, o personagem estará ambientado à sua época e local de moradia, inclusive no plano de fundo da tela, de modo a criar um cenário característico ao tema.

FIGURA 24 – TELA INTERATIVA (ERA PALEOLÍTICA)



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Compilação feita a partir de imagens do autor e de Tigatelu (2018)

FIGURA 25 – TELA INTERATIVA (INDÍGENAS)



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Compilação feita a partir de imagens do autor e de Carlinhos Brown (2017)

Estes totens implantados estarão localizados em local que não atrapalhe a circulação dos visitantes nos espaços e em uma altura favorável a estatura física das crianças, de modo a permitir que elas possam interagir com as telas.

Porém, é importante que a mídia eletrônica não tire a atenção da criança aos objetos expostos, já que deve ser usado como um complemento. Por isso, o personagem incentivará o visitante a manter contato com o acervo por meio de desafios onde as crianças poderão até mesmo realizá-los com seus familiares, colegas de escola e amigos (FIGURA 26). Logo após ter cumprido o desafio, o visitante voltará à tela para continuar a brincadeira.

Ainda, as telas serão sensíveis ao toque e a criança poderá testar os seus conhecimentos ao tocar na opção que julgar ser a correta. Este método dinâmico será um jogo (FIGURA 27), e depois da criança dar a sua resposta o personagem dirá se ela acertou ou errou. Caso tenha errado, poderá tentar novamente.

FIGURA 26 – TELA INTERATIVA (DESAFIO)



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Compilação feita a partir de imagens do autor e de Tigatelu (2018)

FIGURA 27 – TELA INTERATIVA (JOGO)



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Compilação feita a partir de imagens do autor e de Carlinhos Brown (2017)

As mídias determinadas farão um elo entre o passado, o presente e o futuro (FIGURA 28), para que a criança perceba como os acontecimentos passados influenciam os tempos atuais. Deve-se permitir, a partir disso, que ela seja capaz de desenvolver seu senso crítico, importante para a sua formação social.

FIGURA 28 – TELA INTERATIVA (ELO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO)



FONTE: O autor (2019)

NOTA: Compilação feita a partir de imagens do autor e de Carlinhos Brown (2017)

Com o intuito de atender turistas que falem outros idiomas, o visitante poderá escolher a sua língua materna ou a que mais domina entre as opções disponíveis: português, inglês e espanhol. Compreende-se que isso se faz necessário para atrair e bem atender turistas estrangeiros, além dos nacionais. Além disso, poderá ser ofertado conteúdo na língua brasileira de sinais.

Para outros temas fixos ou itinerantes, como os temas “Barões da erva-mate” e “Moedas e cédulas”, bem como para os temas antes expostos e já trabalhados, sugere-se conceder um espaço para que a criança possa desenhar algo sobre o qual aprendeu durante a realização da sua visita ao museu. Serão disponibilizados lápis de cor e giz de cera para que se sintam livres para esboçar o que mais lhes interessou e contribuir com um mural onde serão expostos os

FIGURA 30 – LOGOMARCA



FONTE: O autor (2019)

Da mesma forma que o Museu Paranaense dispõe de uma logo, também apresenta um site próprio, administrado pelo Governo do Estado do Paraná. Porém, neste não há uma aba que exiba as ações pedagógicas e que realmente chame a atenção dos familiares. Vale ressaltar que nos formulários aplicados somente 30% dos responsáveis alegaram ter tomado conhecimento do museu pela internet, mesmo sendo possível marcar mais de uma opção.

Propõe-se que na página principal do próprio site do museu haja um link, no canto esquerdo (FIGURA 31), onde seja possível clicar e direcionar o visitante para uma página onde estarão disponíveis as informações sobre as mídias implantadas para o conhecimento e a diversão das crianças (FIGURA 32).

FIGURA 31 – SITE DO MUSEU COM LINK



FONTE: O autor (2019)

FIGURA 32 – SITE DO MUSEU PARA O PROJETO



FONTE: O autor (2019)

Para que a promoção alcance um número ainda maior de pessoas, propõe-se a realização de ações nas escolas públicas e particulares de Curitiba e cidades próximas. Nestas, um profissional ligado ao Estado do Paraná passará nas escolas divulgando o museu e o novo projeto para os professores e alunos, os convidando para acessarem o site atrás de mais informações. É importante que a fala do profissional cause o interesse das crianças pelo assunto e cative as mesmas para que venham a pedir aos seus responsáveis para que os levem em uma visita ao museu.

Visto que a reserva técnica do Museu Paranaense é numerosa, há ainda a oportunidade para que estes profissionais realizem uma pequena exposição nas escolas com peças que no momento não estão em exibição no museu. Desta forma, os estudantes terão uma iniciação ao tema patrimonial do Estado do Paraná ainda nos limites de sua instituição de ensino e criarão o desejo de conhecerem mais sobre a história do estado. Também, poderão ser oferecidos cursos para os professores nas dependências do museu como uma proposta de formação continuada.

7.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

A seguir, serão apresentadas as etapas para a execução do projeto - o cronograma, a descrição dos recursos humanos, o orçamento e a avaliação do retorno do investimento.

7.2.1 Descrição das etapas para execução do projeto

Como visto, o projeto está caracterizado em três etapas. A etapa 1 é a que visa realizar um registro e inventário de recursos, temas e mercados. A etapa 2 explana sobre os meios e técnicas de interpretação. Por fim, a etapa 3 descreve os meios empregados para a promoção.

O detalhamento das etapas de execução do projeto e a definição dos meses em que serão realizados se encontram no quadro 8.

QUADRO 8 – CRONOGRAMA DA EXECUÇÃO DO PROJETO

ETAPAS	ATIVIDADES	MESES											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	Reuniões gerais com os parceiros do projeto	X			X		X			X		X	
1	Cadastro no portal SALIC ou no MDH	X											
1	Adequação do projeto ao modelo do portal SALIC ou MDH	X	X										
1	Enviar o projeto e a documentação ao portal SALIC ou ao MDH		X										
1	Realizar reuniões com a equipe técnica	X	X										
2	Pesquisar sobre os temas abordados no plano			X									
2	Reunir o material pesquisado sobre os temas			X									
2	Realizar reuniões com a equipe técnica				X		X	X		X		X	
2	Agregar fotos para o tema “Palácio São Francisco”				X								
2	Gravar áudio para o tema “Palácio São Francisco”				X								
2	Ilustrar os personagens e cenários para o tema “Pavilhão de História Paranaense”					X							
2	Gravar os áudios para o tema “Pavilhão de História Paranaense”					X							
2	Desenvolver o aplicativo para o tema “Pavilhão de História Paranaense”						X	X	X				
2	Obter telas interativas, projetor e painel									X			
2	Instalar as mídias									X			
2	Testar a execução das mídias interpretativas									X			
3	Aprimorar a logomarca para o projeto									X			
3	Gerar a guia “Museu Paranaense para crianças” no site oficial do museu										X		
3	Divulgar fotos e vídeos do projeto no site											X	
3	Delinear a programação de visitas às escolas											X	
3	Acompanhar e avaliar o retorno após o início da promoção												X

FONTE: O autor (2019)

Para a primeira etapa, será indispensável a realização de reuniões gerais com os parceiros do projeto. Serão definidas as responsabilidades dos mesmos no decorrer da implantação do projeto e como poderão dar assistência. As reuniões que

ocorrerem ao longo do projeto servirão para acompanhar o seu andamento e para responder possíveis dúvidas.

Para adquirir o benefício financeiro pela Lei Roaunet deve-se, antes de tudo, realizar um cadastro no Portal SALIC. Alicerçado ao modelo do portal, o projeto passará por algumas mudanças, logo será enviado ao portal junto com a documentação exigida. Para o envio ao MDH também passará por readequações e enviado junto aos documentos determinados.

Nesta etapa também ocorrerão reuniões com a equipe técnica responsável pelo projeto para decidir os primeiros passos para a execução das mídias interpretativas.

Na segunda etapa, após uma pesquisa sobre os temas, os profissionais da equipe técnica reunirão os materiais que serão usados nas mídias (textos, fotos, diálogos, entre outros). Logo, haverá novamente uma reunião com a equipe para discutir sobre o material coletado.

Feito isso, serão selecionadas as fotos que serão utilizadas no projetor no tema “Palácio São Francisco” para, em seguida, ser gravado o áudio explicativo que acompanhará a mostra de fotos. No tema “Pavilhão de História Paranaense”, serão ilustrados os personagens e cenários que aparecerão nas telas interativas, bem como serão gravados os áudios dos personagens. Ainda, reunindo as ilustrações e os áudios, será desenvolvido o aplicativo por meio de programação.

Esta etapa se encerrará com a compra e instalação das telas interativas, do projetor de vídeo e do painel onde serão expostos os desenhos das crianças. Em seguida, será feito um teste geral de todas as mídias implantadas no museu.

Ao iniciar a terceira etapa, a logomarca do projeto será aprimorada e será gerada a aba do site onde estas ações serão divulgadas. Feito isso, será delineado a programação de visita às escolas para divulgar o museu aos professores e alunos e, conseqüentemente, aos responsáveis pelas crianças. O último feito desta etapa será o acompanhamento do retorno após as ações de promoção do museu para avaliar a sua eficiência.

7.2.2 Descrição dos recursos humanos envolvidos em cada etapa

Os recursos humanos do projeto apresentam-se no quadro 9. São discutidas informações sobre as responsabilidades e as atribuições dos colaboradores, por etapas.

QUADRO 9 – RECURSOS HUMANOS

ETAPA 1: REGISTRO E INVENTÁRIO DE RECURSOS, TEMAS E MERCADOS	
PROFISSIONAL	SERVIÇOS PRESTADOS
Turismólogo	Responsável pelo planejamento e elaboração do plano interpretativo, por prestar auxílio aos demais profissionais e por orientar a equipe técnica.
Museólogo	Prestar assessoramento ao projeto.
ETAPA 2: MEIOS E TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO	
PROFISSIONAL	SERVIÇOS PRESTADOS
Turismólogo	Prestar auxílio aos demais profissionais e orientar a equipe técnica.
Museólogo	Prestar assessoramento ao projeto e organização das mídias e recursos.
Antropólogo	Contribuir com a pesquisa de informações e dados que serão utilizados no plano interpretativo.
Historiador	Contribuir com a pesquisa de informações e dados que serão utilizados no plano interpretativo.
Pedagogo	Participar da elaboração do conteúdo pedagógico e dos métodos dinâmicos a serem usados nas mídias interpretativas.
Ilustrador	Esboçar os personagens e cenários a serem usados nas mídias interpretativas.
Programador	Desenvolver o aplicativo para as mídias do tema “Pavilhão de História Paranaense”.
ETAPA 3: PROMOÇÃO	
PROFISSIONAL	SERVIÇOS PRESTADOS
Turismólogo	Prestar auxílio aos demais profissionais e orientar a equipe técnica.
Web Designer	Gerar as abas sobre o projeto no site oficial do museu.
Pedagogo	Realizar a visita às escolas.

FONTE: O autor (2019)

O turismólogo trabalhará no planejamento e na elaboração do Plano Interpretativo para o Museu Paranaense, prestará auxílio aos demais profissionais e orientará a equipe técnica. O museólogo prestará o assessoramento ao projeto e trabalhará na organização das mídias e recursos técnicos.

Ainda, na etapa 2, se juntarão ao turismólogo e ao museólogo um antropólogo e um historiador, que serão responsáveis por realizar as pesquisas sobre as informações e dados que serão usados no plano interpretativo. Soma-se a estes um pedagogo, que será responsável pela elaboração do conteúdo pedagógico e pelos métodos dinâmicos aplicados nas mídias interpretativas. Ainda, um ilustrador esboçará os personagens e cenários que estarão nas telas interativas do tema “Pavilhão de História Paranaense”. Por último, um programador desenvolverá o aplicativo para este mesmo tema.

Na etapa 3, para a promoção será requisitado, além do turismólogo, um web designer para gerar as abas do site para a divulgação do projeto. Por fim, um pedagogo realizará as visitas às escolas e promoverá o projeto.

7.2.3 Descrição do orçamento e dos desembolsos por etapa

Neste tópico apresentam-se os custos totais para o desenvolvimento do projeto (recursos humanos e produtos adquiridos), como anunciado no quadro 10.

QUADRO 10 – RECURSOS FINANCEIROS

ETAPA 1: REGISTRO E INVENTÁRIO DE RECURSOS, TEMAS E MERCADOS			
QUANT.	PRODUTO/SERVIÇO/PROFISSIONAL	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Turismólogo	R\$ 2.219,37	PARA 9 MESES R\$ 19.974,33
1	Museólogo	R\$ 2.012,00	PARA 8 MESES R\$ 16.096,00
ETAPA 2: MEIOS E TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO			
QUANT.	PRODUTOS/SERVIÇOS/PROFISSIONAL	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Antropólogo	R\$ 32,69 POR HORA	PARA 15 DIAS R\$ 3.922,08
1	Historiador	R\$ 22,61 POR HORA	PARA 15 DIAS R\$ 2.713,20
1	Pedagogo	R\$ 14,24 POR HORA	PARA 60 DIAS R\$ 6.835,20
1	Ilustrador	R\$ 700,00	R\$ 900,00
1	Programador / Aplicativo	R\$ 20.050,00	R\$ 20.050,00
1	Tela de projeção 1,80 x 1,80	R\$ 219,00	R\$ 219,00

1	Retroprojektor datashow	R\$ 1.849,90	R\$ 1.849,90
1	Notebook	R\$ 1.776,91	R\$ 1.776,91
1	Kit 2 caixas de som ambiente	R\$ 209,99	R\$ 209,99
8	Gravação dos áudios em estúdio	R\$ 80,00	PARA 8 HORAS DE GRAV. R\$ 640,00
7	Totem interativo para ambiente interno 32"	R\$ 5.785,20	R\$ 40.496,40
1	Painel para exposição de trabalhos 90x120 cm	R\$ 79,05	R\$ 79,05
ETAPA 3: PROMOÇÃO			
QUANT.	PRODUTOS/SERVIÇOS/PROFISSIONAL	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Web Designer	R\$ 14,17 POR HORA	PARA 3 DIAS R\$ 340,08
TOTAL:			R\$ 116.102,14

FONTE: O autor (2019)

7.2.4 Avaliação do retorno do investimento

O plano interpretativo do Museu Paranaense tenciona proporcionar às crianças uma experiência única e diferenciada por meio de ações pedagógicas que auxiliem no ensino das mesmas, de forma a assegurar o patrimônio do Estado do Paraná. Portanto, o retorno desejado não é financeiro, já que procura-se respeitar os direitos das crianças às fontes de cultura e à educação. Estes direitos apresentam-se sob a responsabilidade do Estado, validados por lei. Em vista disso, o projeto salienta a sua função social.

Durante o tempo em que estiver em visita ao Museu Paranaense, o visitante, sobretudo a criança, entenderá a história da formação do povo paranaense e exercerá o senso crítico, unindo de forma primorosa a diversão e o aprendizado. O turismo se estabelecerá a partir da promoção do museu como um ambiente familiar e a inclusão deste na rota turística dos que viajam com crianças. Da mesma forma, firma-se como um ótimo espaço para o aprendizado do aluno fora do ambiente escolar, pelo seu valor histórico e cultural resguardado pelo patrimônio.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se, com esta pesquisa, destacar o patrimônio cultural brasileiro e o turismo cultural, tendo em vista os direitos da criança em relação à vida social e cultural de sua comunidade, estes garantidos por leis. Entendeu-se que a realização de um estudo acerca do turismo para o público infantil, com destaque ao turismo pedagógico, e sobre o patrimônio cultural serviria de base para o planejamento e elaboração de um plano interpretativo que garantisse esses direitos e contribuísse com o aprendizado das crianças. O estudo que tencionou fazer uma análise da forma como os museus atendem a este público, pelo marco teórico e pela pesquisa de campo, foi de grande utilidade para as intenções deste projeto. Esperou-se, em vista disso, oferecer uma opção viável para os propósitos pedagógicos do Museu Paranaense, de modo a desejar atender adequadamente aos turistas, visitantes e moradores.

O objetivo específico que elucidou sobre a relevância do patrimônio histórico e cultural para as crianças foi concluído. Neste, compreendeu-se a importância de resguardar os bens que contam a história de formação do povo e de sua comunidade. Também foi abordado sobre o turismo cultural e em como deve ser planejada uma interpretação patrimonial para crianças.

O segundo objetivo específico procurava esclarecer qual é a relação da criança com o turismo e como a mesma interage com o ambiente ao seu redor e foi finalizado, concluindo-se que o turismo pedagógico é um segmento que oferece ações educativas para o público infantil e que as práticas pedagógicas estimulam o desenvolvimento cognitivo das crianças e cooperam com o seu aprendizado.

O terceiro objetivo visava explicar sobre o vínculo dos museus com o público infantil, e foi visto que estes espaços resguardam a história e podem fazer uso do lúdico para se adequarem a linguagem infantil. Ainda, transcorreram as primeiras impressões acerca do modo como o Museu Paranaense atende as crianças que realizam as visitas ao mesmo.

O objetivo que intencionava analisar o envolvimento do público infantil em três museus no Brasil foi possível através da pesquisa de campo, onde foram implantados os formulários de pesquisa, os roteiros de observação e a entrevista semi-estruturada, portanto este objetivo apresenta-se concluído.

Por último, objetivou-se idealizar uma experiência educacional diferenciada que sirva como auxílio ao conhecimento nas visitas ao Museu Paranaense, de modo à criança se tornar um adulto consciente sobre a sua responsabilidade social. Este objetivo foi apresentado por meio do projeto de apoio ao turismo e revela-se finalizado.

A respeito da hipótese levantada, de que a interação das crianças em visitas espontâneas no Museu Paranaense é insatisfatória pelo motivo das mídias interpretativas atuais possuírem uma linguagem adulta, foi confirmada. Apesar da diversidade de acervo, nas respostas obtidas pelos formulários de pesquisa concluiu-se que os adultos reconhecem a importância histórica do museu, porém as crianças não constataram um fator lúdico nas dependências do mesmo, caso corroborado também pelo pesquisador através do roteiro de observação. Ao se compreender este fato, foi planejado o projeto de apoio ao turismo a ser aplicado neste museu.

O turismo cultural, em concordância com toda a pesquisa realizada, apresenta seu mérito para a educação das crianças, porém é necessário que as práticas pedagógicas sejam utilizadas em maior escala a partir da implantação de projetos educativos em espaços culturais e do incentivo ao turismo para o público infantil por parte do poder público e privado para atender aos que viajam com suas famílias ou com os estabelecimentos de ensino, visto todo o seu potencial pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007. 114 p.
- ARRABA, Messiane Ferreira et al. Jogos e brincadeiras: Um espaço para o lúdico na educação infantil. **Educere**: Revista da Educação, Umuarama, v. 14, n. 2, p.259-271, 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 2007. 116 p.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. 160 p.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas, SP: Papirus, 2000. 96 p. (Coleção Turismo)
- BERNINI, Ednéia Aparecida Bernardineli. A informática a serviço da educação. **Educere**: Revista da Educação, Umuarama, v. 11, n. 2, p.123-146, 2011.
- BRASIL. (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Portal Legislação – Constituição Federal. Brasil. 1988.
- BRASIL. (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Portal Legislação – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasil. 1990.
- BRASIL, 2012. Ministério do Turismo. **Estudo de demanda turística nacional**. Brasil. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-nacional.html>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRASIL, 2017a. Portal do Governo do Brasil. **Brasil tem sete sítios do patrimônio mundial natural**. Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2010/01/brasil-tem-sete-sitios-do-patrimonio-mundial-natural>>. Acesso em: 2 mar. 2019.
- BRASIL, 2017b. Ministério do Turismo. **Estudo da demanda turística internacional**. Brasil. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-54-03/demanda-tur%C3%ADstica-internacional.html>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRASIL, 2018. Portal do Governo do Brasil. **Cidades tombadas pelo Patrimônio Histórico valorizam turismo no Brasil**. Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2018/08/cidades-tombadas-pelo-patrimonio-historico-valorizam-turismo-no-brasil>> Acesso em: 2 mar. 2019.
- BRASIL, 2019a. Direitos da Criança – Portal dos direitos da criança e do adolescente. **Perguntas Frequentes sobre os Fundos de Direitos da Criança e do Adolescente**. Brasil. Disponível em:

<<https://www.direitosdacrianca.gov.br/perguntas-frequentes-sobre-o-fnca/perguntas-frequentes-sobre-o-fundo-nacional-para-a-crianca-e-o-adolescente-fnca>> Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL, 2019b. Lei de Incentivo à Cultura. **Como Funciona?** Brasil. Disponível em: <<http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/como-funciona/>> Acesso em: 24 out. 2019.

CAMILO, Irene; BAHLL, Miguel. Desenvolvimento do turismo baseado em elementos culturais. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1 - 12. 2017.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O Público Infantil nos Museus. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p.911-930, 7 jun. 2016.

CASTRO, Lucia Rabello de. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU, 2001. 226 p.

CATAVENTO CULTURAL. **O catavento**. 2019. Disponível em: <http://www.cataventocultural.org.br/INF_PALACIO>. Acesso em: 24 mar. 2019.

CAVANAGHI, Ailton José; NASCIMENTO, Alline Mirna; PEREIRA, Vanessa Bruna. Museu da língua portuguesa: tecnologia como atratividade turística na cidade de São Paulo. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 3, n. 1, p. 129-143, 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2007. 159 p.

COMPAGNOLI, Almir Muncio. **Em cada museu que a gente for carrega um pedaço dele**: compreensão do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu. 2009. 133f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 21/08/2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/20667>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: Interpretação e qualificação**. São Paulo: SENAC, 2009. 251 P.

COSTA, Rodrigo Vieira. **A dimensão constitucional do patrimônio cultural: O tombamento e o registro sob a ótica dos direitos culturais**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011. 197 p.

DDR MUSEUM. **Welcome to one of the most interactive museums in the world**. 2019. Disponível em: <<https://www.ddd-museum.de/EN>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 2ª ed. São Paulo: Futura, 1998. 286 p.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006. 257 p.

DRUMMOND, Siobhan. 2004. Introdução à qualidade. In: DRUMMOND, Siobhan; YEOMAN, Ian (Org). Questões de qualidade nas atrações de visitação a patrimônio. São Paulo: Roca. p. 261.

EXPLORATORIUM. **Visite o Exploratorium no píer 15**. 2019. Disponível em: <https://www.exploratorium.edu/pt?gclid=CjwKCAjw1dzkBRBWEiwAROVDLOAiZzp9IFKPlkPvwEO5FW0MEo5ZOjlnacEV2nAwyzhzQXJSr_9NRoC2lsQAvD_BwE>. Acesso em: 24 mar. 2019.

FENIANOS, Eduardo Emílio. **São Francisco: uma história de monumentos** - Coleção bairros de Curitiba. Curitiba: UniverCidade, 1998.

FERNANDES, Aparecida do Rocio Almeida. **Viajar é preciso**: o turismo pedagógico como instrumento de ampliação de conhecimentos e desenvolvimento cultural. 2016. 264 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo.

FERREIRA, J. A.; SILVA, N. C. Turismo e o patrimônio cultural: uma análise das ruínas de São Francisco em Curitiba. In: SEMANA PARANAENSE DE TURISMO DA UFPR, 25., 2018, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2018, p. 1-12.

FONSACA, Krisieli; ARAÚJO, Diana Sales Lima. Desenvolvimento cognitivo: um estudo de caso na segunda infância. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011, p. 12343 – 12350.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995. 144 p.

FUENTES, Rodrigo Cardozo; FERREIRA, Liliana Soares. Trabalho pedagógico: dimensões e possibilidade de práxis pedagógica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p.722-737, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 71 p.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que é pedagogia**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. 97 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173 p.

GOMES, Anangélica Moraes. **A criança em desenvolvimento**: cérebro, cognição e comportamento. 1. Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 285p.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001. 101 p.

GOODEY, Brian. 2005. Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (Org). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG. p. 131-138.

GSM. **Interactivity in museums: learning by doing**. 2017. Disponível em: <<https://www.gsmproject.com/en/journal/article/interactivity-in-museums-learning-by-doing/>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GOVERNO DA COLÔMBIA. **Museu do Caribe**. 2019. Disponível em: <<http://www.colombia.travel/pt/para-onde-ir/caribe/barranquilla/atividades/museu-do-caribe>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

HAMZE, Amelia. As ondas da vida e do conhecimento. **Uol**, 2019. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/ondas-da-vida-e-conhecimento.htm>>. Acesso em: 4. mar. de 2019.

HORA, A.S.S.; CAVALCANTI, K.B. Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B.K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, 2010. Ministério da Cultura. **Plano Nacional Setorial de Museus**. Brasil. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, 2014. Ministério da Cultura. **Museus e turismo**. Brasil. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

ICOM – International Council of Museums, 2008. **Código de Ética do ICOM para Museus** (versão lusófona). Disponível em: <http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Cengage Learning; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2013. 226p.

IPHAN, 2019a. **O Iphan**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 2 mar. 2019.

IPHAN, 2019b. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI)**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761>>. Acesso em: 2 mar. 2019.

KÖHLER, André Fontan; DURAND, José Carlos Garcia. Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. **Turismo - Visão e Ação** - vol. 9, n. 2, p. 185-198. 2007

KUSHANO, Elizabete Sayuri (2008). **Adequação de produtos e serviços turísticos para a criança: um olhar para os meios de hospedagem**. Dissertação de Mestrado em Cultura & Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia.

KUSHANO, Elizabete Sayuri. Turismo infantil: Uma proposta conceitual. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 1, p.124-146, 2013.

LEITE, Maria Isabel. Museu: espaço impulsionador de reconfigurações identitárias docentes. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 32, n. 88, p.335-350, dez. 2012.

LIMA, Livia. M. G.; SIMSON, Olga R. de M. V. Turismo e Idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 3, p.517-538, 2010.

LISBOA STORY CENTRE. **Memórias da cidade: o que é?**. 2019. Disponível em: <<http://www.lisboastorycentre.pt/pt/content/mem%C3%B3rias-da-cidade-o-que-%C3%A9>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

LUTZ, Bertha. **A função educativa dos museus**. Rio de Janeiro; Niteroi: Museu Nacional/UFRJ: Muiraquitã, 2008. 236 p.

LYRA, Cyro Correa de Oliveira; PARCHEN, Rosina Coeli Alice; FILHO, La Pastina. **Espiraís do tempo: bens tombados do Paraná**. Curitiba, PR: Secretaria da Cultura, 2006. 435p.

MAGALHÃES, Ana Paula Franklin; RIBEIRO, Mariana Rodrigues; COSTA, Thamiris Fernandes. Tecnologia digital na educação infantil: Um estudo exploratório em escolas de Belo Horizonte. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p.1-23, 2016.

MARCEAU, Guillaume; METZGER, Thomas; AZOURY, Nehme. Gestion territorial et valorisation du patrimoine: vers un développement regional durable. **La Revue Gestion et Organisation**, v. 1, n. 7, p.44-56, 2015.

MARTÍNEZ, Silvia Lago. Inclusão digital e a educação no Programa Conectar Igualdad. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p.340-348, 2016.

MATOS, Francisco de Castro. Turismo pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL**, 7, 2012, Caxias do Sul. Anais... Caxias do Sul: UCS, 2012, p. 1-11.

MEDEL, C. R. M. de A. **Educação infantil: da construção do ambiente as práticas pedagógicas**. Petrópolis:Vozes, 2011. 244p.

MEDINA, Alice Correa. Atividades físicas e lúdicas como fator motivacional para desenvolver as inteligências múltiplas em crianças até oito anos. **Educere: Revista da Educação**, Umuarama, v. 9, n. 1, p.81-97, 2009.

MIRAIKAN. **Whats is Miraikan?**. 2019. Disponível em: <<https://www.miraikan.jst.go.jp/en/aboutus/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MMGERDAU. **O Prédio Rosa**. 2019a. Disponível em: <<http://www.mmgerdau.org.br/explore-o-museu/o-predio-rosa/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MMGERDAU. **Sobre o museu**. 2019b. Disponível em:

<<http://www.mmgerdau.org.br/sobre-o-museu/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MOLINA, Ana Maria Ricci. Sobre práticas educativas em processos sociais variados: Recortes de algumas incursões de alunos de pedagogia. **Revista Pedagogia Ufmt**, Cuiabá, v. 4, n. 1, p.13-24, 2017.

MOMATH. **Welcome to the national museum of mathematics**. 2019. Disponível em: <<https://momath.org/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MURTA, Stela Maris & Albano, Celina. 2005. Interpretação, preservação e turismo: uma introdução. In: MURTA, Stela Maris & Albano, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG. P. 9-12.

MURTA, Stela Maris & GOODEY, Brian. 2005. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG. p. 13-46.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA – MPL. **O museu**. 2019. Disponível em: <<http://museudalinguaportuguesa.org.br/o-museu/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

MUSEU DO AMANHÃ. **Sobre o museu**. 2019. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu>>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

MUSEU PARANAENSE. Governo do Paraná. **Museu Paranaense: Apresentação**. Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

NAKAMURA, Gleisy Kelly Yazuko.; MACHADO, Alisson Bertão. Turismo pedagógico e as possibilidades de ampliação de olhares: Roteiro pedagógico na cidade de Santo Inácio-PR. In: MOSTRA INTERNA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6., 2012, Maringá. **Anais...** Maringá: CESUMAR, 2012, p. 1-15.

NARCISO, Barbara Lira et al. Brincar como componente essencial para a construção da identidade e autonomia. **Educere**: Revista da Educação, Umuarama, v. 16, n. 1, p.25-37, 2016.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. INTERNET: Poderosa ferramenta educativa/escolar. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.70-73, 2017.

ONU. (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. UNIC / Rio / 005 - Agosto 2009.

OURO PRETO. **Índice de competitividade do turismo nacional**. Brasil. 2015. 45p. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/Indice_competitividade/2015/OuroPreto_RA_2015.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2019.

OZIER, Lance W. Paisagens de Aprendizagem: acampamentos norte americanos de verão e suas possibilidades educacionais. **Educação**: UFSM, Santa Maria, v. 42, n. 2, p.267-283, 2017.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 370p.

PICKARD, P. M. **A criança aprende brincando**. São Paulo: IBRASA, 1975. 226 p.

PIMENTEL, G. G. A. **Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional**. Jundiaí: Fontoura, 2003. 112 p.

PIRES, M. J. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2002. 139 p.

PEREIRA, Danilo Celso. Patrimônio natural. **Revista Cpc**, São Paulo, v. 13, n. 25, p.34-59, 19 set. 2018.

PEREIRA, Soeli Terezinha. 2010. Infância, direitos e educação infantil. In: Marista, rede de solidariedade. Estatuto da criança e do adolescente na proposta educativa: olhares e vozes. São Paulo: FTD. p. 45-51.

PÉREZ, Xerardo Pereira. **Turismo Cultural: Uma visão antropológica** – El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC. 2009. 307p.

PUCCI, Paulo Roberto Bannach; CARDOZO, Poliana Fabíula. Planejamento interpretativo do patrimônio cultural histórico e arquitetônico da região central da cidade de Castro - PR. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p.133-153, 2008.

PUCRS. **Sobre o museu: Ciência, interatividade e conhecimento**. 2019. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/mct/institucional/sobre/>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapeco: Argos, 2004. 178 p.

RODRIGUES, Juliane Lima. **Turismo militar: Interpretação do patrimônio do museu do expedicionário de Curitiba, Paraná, Brasil**. 2018. 124f. Dissertação (Graduação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Departamento de Turismo. 2018.

ROSA, A. P.; NISIO, J. di. **Atividades lúdicas: sua importância na alfabetização**. Curitiba: Juruá, 2002. 128 p.

REZENDE, Cleidison Vieira de; RODRIGUES, Patrícia G. O.. Mapa como mediador na interpretação do território: o caso de Ouro Preto (MG, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.64-78, 2012.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à historia do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p.289-310, 2002.

SCHÜLER, Thais Gaia; BROCHIER, Hélio Luiz. Turismo pedagógico como estratégia didática. Explorando o in loco no ensino profissionalizante do turismo. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p.298-316, 2016.

SCHIAVON, Carmem Gessilda Burgert; SANTOS, Tiago Fonseca dos. Educação patrimonial: um caminho à discussão sobre a cidadania a partir da história local. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, Florianópolis, v. 5, n. 1, 1-10, 2011.

SECALL, Rafael Esteve. Nuevo segmento emergente de turismo: Los parques temáticos. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, v. 1, n. 7, p.35-54, 2001.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – SEEC. **Espaços da Memória: Museus e acervos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2010. 336 p.

SILVA, Aline Éllen Ferreira da. A importância do uso dos espaços nas práticas de ensino e aprendizado. **Revista Pedagogia Ufmt**, Cuiabá, v. 5, n. 2, p.20-28, 2018.

SILVA, Gustavo Schunemann Christofaro; ISAYAMA, Helder Ferreira. Lazer e acampamentos de férias: análise de currículos de formação profissional. **Impulso**, Piracicaba, v. 27, n. 70, p.33-54, 2017.

SIQUEIRA, M. D. S.; ARDUINO, V. B. Turismo rural e patrimônio na cultura popular: análise das tradicionais festas brasileiras. In: SEMANA PARANAENSE DE TURISMO DA UFPR, 25., 2018, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2018, p. 1-13

SOARES, Inês Virgínia Prado. **Direito ao (do) patrimônio cultural brasileiro**. Belo Horizonte: Fórum, 2009. 478 p.

SOUZA, Silvana do Rocio de. O profissional do turismo e políticas de conservação do patrimônio histórico-cultural: por uma formação cidadã. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 154-174, 2008.

SOUZA, Silvana do Rocio de; BAHL, Miguel. A conservação do patrimônio histórico cultural e os profissionais do turismo: Uma relação possível. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 1, n. 2, p.26-35, 2011.

TOFFOLO, Regina; CARDOZO, Poliana Fabíula. Interpretação patrimonial como forma de valorização das edificações e o desenvolvimento turístico do município de Lapa (Paraná, Brasil). **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 4, p.793-813, 2013.

TOREZANI, Julianna Nascimento. Análise dos atrativos culturais de Ilhéus em sites publicitários de turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p.31-42, 2006.

UNESCO. **Convenção para o patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris: Unesco, 1972.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: Unesco, 2003.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. Os museus, as crianças como protagonistas e os projetos pedagógicos de qualidade. **Poiésis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Tubarão, v. 5, n. ESPECIAL, p.138-160, 2012.

VASCONCELLOS, Camilo de Melo. **Turismo e museus**. São Paulo: Aleph, 2006. Coleção ABC do turismo. 80 p.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	
DATA:	LOCAL:
DURAÇÃO:	
AMBIENTE/ESPAÇO	
1.	SÃO APRESENTADAS INFORMAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MUSEU NA ENTRADA? SE SIM, DE QUE FORMA?
2.	HÁ ALGUM MÉTODO DE REGISTRO DE VISITAS?
3.	DESCRIÇÃO DO ESPAÇO:
4.	HÁ MONITORES OU GUIAS NO MUSEU? (DESCREVER A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO-INFANTIL)
5.	DE QUE FORMA O ACERVO É ILUMINADO?
6.	DESCREVER OS ASPECTOS REFERENTES À ACESSIBILIDADE DO MUSEU (DEFICIENTES FÍSICOS E MOBILIDADE REDUZIDA):
PARTE EXTERNA:	
PARTE INTERNA:	
EXPOSITORES E MOBILIÁRIOS	
7.	O AMBIENTE ESTÁ SEPARADO POR TEMÁTICAS?
8.	QUAIS TIPOS DE EXPOSITORES E MOBILIÁRIOS SÃO UTILIZADOS?

9.	QUAIS MATERIAIS SÃO UTILIZADOS NOS EXPOSITORES E MOBILIÁRIOS?
10.	COMO ESTÃO ORGANIZADOS OS ACERVOS NOS EXPOSITORES E MOBILIÁRIOS?
11.	A ALTURA DO MOBILIÁRIO PERMITE AO VISITANTE TER TOTAL VISÃO DO QUE É EXPOSTO?
12.	A POSIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO MOBILIÁRIO PERMITE A CIRCULAÇÃO DO VISITANTE PELO ESPAÇO?
MÍDIAS	
13.	O CONTEÚDO APRESENTADO É COMPREENSÍVEL PARA TODOS OS PÚBLICOS, INCLUINDO-SE O INFANTIL?
14.	O CONTEÚDO APRESENTADO ESTÁ DISPONÍVEL EM MAIS DE UM IDIOMA? QUAIS?
15.	O PÚBLICO PODE INTERAGIR COM O ACERVO POR MEIO DO TATO?
16.	O MUSEU POSSUI MÉTODOS DINÂMICOS (SONS, MOVIMENTOS, CHEIROS...)?
17.	HÁ ESPAÇO PARA CINEMAS E PALESTRAS?

18.	HÁ ATIVIDADES RECREATIVAS E EM GRUPOS?	
19.	QUAIS MÍDIAS SÃO UTILIZADAS PARA APRESENTAÇÃO DO ACERVO?	
()	TEXTOS DE PAREDE	() PUBLICAÇÕES IMPRESSAS
()	PLACAS	() MAPAS
()	PAINÉIS	() IMAGENS PLOTADAS
()	QUADROS	() MAQUETES
()	FOTOGRAFIAS	() ÁUDIO
()	ILUSTRAÇÕES	() VÍDEO
()	MANEQUINS	() VITRINES
()	RECREIAÇÃO DE CENÁRIOS	() BANNERS
()	MINIATURAS	() TOTEM
()		()

APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO DE PESQUISA

FORMULÁRIO DE PESQUISA	
DATA:	LOCAL:
NÚMERO:	
QUESTÕES AOS RESPONSÁVEIS	
1.	QUAL É A SUA CIDADE / ESTADO OU PAÍS DE RESIDÊNCIA?
2.	QUAL É A SUA ESCOLARIDADE? <div style="margin-top: 10px;"> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO () ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO () ENSINO SUPERIOR COMPLETO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () ENSINO MÉDIO INCOMPLETO () PÓS GRADUAÇÃO, MESTRADO OU DOUTORADO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () ENSINO MÉDIO COMPLETO </div> </div>
3.	O SR(A) EXERCE ALGUMA ATIVIDADE REMUNERADA? <div style="margin-top: 10px;"> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () EMPREGADO DO SETOR PÚBLICO () EMPRESÁRIO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () EMPREGADO DO SETOR PRIVADO () BOLSISTA / ESTAGIÁRIO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () PROFISSIONAL LIBERAL () NÃO EXERÇO ATIVIDADE REMUNERADA </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> () AUTÔNOMO () OUTRO </div> </div>
4.	EM QUANTAS PESSOAS VISITARAM O MUSEU?
5.	ESTA É A PRIMEIRA VEZ QUE TRAZ SEUS (S) /SUA (S) /FILHO (S) /FILHAS (S) EM UMA VISITA À ESTE MUSEU? <div style="margin-top: 10px;"> <div>() SIM</div> <div>() NÃO</div> </div>
6.	COMO O SR (A) TOMOU CONHECIMENTO DESTE MUSEU? (VÁLIDA MAIS DE UMA OPÇÃO) <div style="margin-top: 10px;"> <div>() ATRAVÉS DOS FILHOS E/OU PROFESSORES DOS FILHOS</div> <div>() POR RECOMENDAÇÃO DE OUTROS FAMILIARES</div> <div>() POR RECOMENDAÇÃO DE AMIGOS</div> <div>() PASSANDO EM FRENTE AO MUSEU</div> <div>() VISITANDO OUTROS MUSEUS</div> <div>() NA TELEVISÃO</div> <div>() NO RÁDIO</div> <div>() ATRAVÉS DE PANFLETOS OU CARTAZES</div> <div>() LENDO JORNAIS OU REVISTAS</div> <div>() PELA SINALIZAÇÃO DE RUA</div> <div>() PELA INTERNET</div> <div>() OUTRA FONTE</div> </div>

7.	QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS DESSA VISITA COM A FAMÍLIA? <input type="checkbox"/> CONHECER O MUSEU <input type="checkbox"/> REVER OU COMPLEMENTAR UMA VISITA ANTERIOR <input type="checkbox"/> INTERESSE PELO TEMA <input type="checkbox"/> AUXILIAR OS ESTUDOS DOS FILHOS <input type="checkbox"/> DIVERSÃO DOS FILHOS <input type="checkbox"/> PARTICIPAR DE ATIVIDADES ESPECÍFICAS (PALESTRAS OU EVENTOS) <input type="checkbox"/> ATRAÇÃO TURÍSTICA RECOMENDADA <input type="checkbox"/> VALOR DO INGRESSO OU ENTRADA GRATUITA
8.	EM GERAL, NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO FOI A VISITA A ESTE MUSEU?
9.	O SR (A) ACHOU QUE ESTE MUSEU USA UMA LINGUAGEM ADEQUADA PARA O ENTENDIMENTO DAS CRIANÇAS?
QUESTÕES ÀS CRIANÇAS	
1.	QUAL É A SUA IDADE?
2.	VOCÊ GOSTOU DA VISITA AO MUSEU? POR QUÊ?
3.	QUAL FOI A COISA MAIS DIVERTIDA NO MUSEU PRA VOCÊ?
4.	VOCÊ ACHA QUE APRENDEU BASTANTE COM A VISITA?
5.	VOCÊ CONVIDARIA OUTRAS CRIANÇAS PARA VISITAREM O MUSEU COM VOCÊ?
6.	SE VOCÊ PUDESSE ESCOLHER, PREFERIRIA TER VISITADO O MUSEU OU FEITO ALGUMA OUTRA ATIVIDADE, COMO ASSISTIR TV, JOGAR VIDEOGAME, PASSEAR NO PARQUE OU NA PRAIA?

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Entrevista realizada com a responsável pelo setor educativo do Museu Paranaense, com o propósito de aprofundar-se nos recursos que o museu dispõe para atender ao público infantil.

1. A Sra. está a quanto tempo ao encargo do setor educativo do Museu Paranaense?
2. Quantos profissionais atuam neste setor e em quais cargos?
3. A Sra. poderia me falar um pouco mais sobre as atribuições do setor em relação ao público-infantil?
4. Há um meio de contabilização do número de crianças que visitam o museu em visitas guiadas e espontâneas?
5. Estas crianças, na sua percepção, saem satisfeitas com a visita?
6. Na sua opinião, qual é a principal dificuldade de gestão em relação ao atendimento ao público-infantil?
7. O que poderia contribuir com a melhora neste atendimento?
8. Durante o tempo em que a Sra, está neste cargo, qual foi o momento mais marcante em relação às visitas de crianças, positivo ou negativamente?
9. Nos últimos anos, houve a realização de parcerias com o poder público ou privado com a intenção de aumentar o fluxo turístico no Museu Paranaense?